



GRAVIDEZ PRECOCE

Mais de 3,5 mil adolescentes se tornaram mães na PB neste ano

Entre os obstáculos enfrentados pelas jovens, estão a inexperiência e a falta de apoio familiar. **Página 5**

Fotos: Arquivo pessoal, Divulgação/CPB e Divulgação/CEV



Programas incentivam atletas paraibanos

Iniciativas como o Bolsa Atleta e o Paraíba Esporte Total estimulam o desenvolvimento desportivo e paradesportivo de alto rendimento e colocam o estado em destaque nas grandes competições nacionais e internacionais, a exemplo dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Paris.

Página 21

MEIO AMBIENTE

Jardim Botânico mantém fauna e flora preservadas

Reserva florestal em João Pessoa possui mais de 800 espécies catalogadas, entre plantas e animais, e é um dos maiores remanescentes de Mata Atlântica natural em área urbana do Brasil.

Página 20



Foto: Carlos Rodrigo

Esculturas de Humberto Cozzo marcam espaços públicos

Artista paulistano possui várias obras em diferentes locais do estado, como "O Altar da Pátria", na Praça João Pessoa.

Página 25



Foto: Roberto Guedes

Prefeituras municipais abrem 380 vagas em concursos públicos

Cargos são para candidatos com formação em níveis médio, técnico e superior. Salários podem chegar a R\$ 6 mil.

Página 16

Uso da Inteligência Artificial modifica rotinas no mercado de trabalho

Especialistas e usuários da tecnologia avaliam as vantagens e desvantagens das IAs na geração de empregos.

Página 17

■ "Está faltando um Celso Furtado que alie a nossa vocação agrícola ao empreendimento capitalista e faça voltar ao campo não mais o escravo, mas o milhão de cidadãos que hoje enfeiam as ribanceiras marginais".

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ "Sejam sempre as fotografias a ilustração de nossa história. Estamos dentro dessa nova era da Inteligência Artificial, onde ferramentas de manipulação e criação de imagens estão cada vez mais populares".

Kubitschek Pinheiro

Página 10



Editorial

Trânsito humanizado

Para a maioria da população, a compra de um automóvel representa realização pessoal, conquista que traz comodidade, autonomia. Nas últimas duas décadas, houve um aumento exponencial na capacidade de consumo do brasileiro. Um dos setores mais afetados por esse *boom* consumista foi o mercado automobilístico. No Brasil, a progressão anual das vendas de carros e motocicletas tem tido um crescimento contínuo e constante.

É visível nas vias públicas a ampliação no número de veículos. Tal aumento, por sua vez, repercutiu profundamente no fluxo cotidiano das cidades. Os engarrafamentos estão cada vez mais comuns. Eles afetam, sobretudo, o tempo necessário para se percorrer determinadas distâncias. Num mundo em que “tempo é dinheiro”, ficar preso em congestionamentos é perda de tempo; portanto, de dinheiro. O estresse, diante disso, é inevitável. Consequentemente, com condutores cada vez mais impacientes, a violência no trânsito torna-se iminente.

A insegurança nas pistas se manifesta das mais variadas formas. Além das colisões envolvendo os veículos em circulação, notícias de brigas entre os motoristas são comuns; algumas resultam inclusive em mortes. Por falar em falecimentos, os números de óbitos no trânsito são alarmantes, sobretudo em se tratando de motociclistas. Na Paraíba, do total de acidentes com vítimas fatais acontecidos em 2024, 70% envolveram motos. Esses veículos se popularizaram muito em função do valor de compra e de manutenção, além da própria mobilidade. Compõem mais de 40% do total de automóveis em todo o estado. Nos municípios com menos de 50 mil habitantes, esse número aumenta para mais de 50%.

Com o advento dos aplicativos de entrega e transporte de passageiros, tornaram-se instrumentos de trabalho de um sem número de pessoas, forma de driblar o desemprego. Nesses casos, a máxima que relaciona o ganho financeiro com o tempo é ainda mais evidente, tendo em vista que a remuneração é diretamente proporcional à quantidade de corridas feitas.

Basta observar um pouco para perceber o movimento de entregadores e motociclistas de aplicativos, cortando os carros pelos corredores, apressados, muitas vezes menos atentos ao trânsito e mais ao celular no painel, responsável pelo direcionamento da rota a ser feita. Não por acaso, o Departamento Estadual de Trânsito da Paraíba (Detran-PB) divulgou o crescimento em 44,2% das multas direcionadas a motociclistas por utilizar aparelhos celulares.

A intenção, ao apresentar os indicadores, não é criminalizar os motociclistas. Eles são apenas uma parcela de algo maior e mais complexo, que é o trânsito de modo geral, enquanto um ambiente marcado, sobretudo, por uma lógica individualista. Em meio a esse cenário, é necessária uma transformação que propicie uma nova relação com o tempo e com o espaço. Que promova uma organização urbana sustentável em diálogo com uma mudança de mentalidade que se entenda coletiva, solidária e humanamente responsável.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

A guerrilha do Araguaia

Liderado pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), no período compreendido entre 1967 e 1974, aconteceu, na região do Bico do Papagaio, situada no sul do estado do Pará, na divisa com Maranhão e Tocantins, um movimento de resistência armado contra a Ditadura Militar, conhecido como a Guerrilha do Araguaia, inspirado em ações guerrilheiras internacionais, como a Revolução Cubana. Objetivava instaurar um regime socialista no país. Os comunistas brasileiros acreditavam que a guerrilha rural seria a forma mais eficaz de combater a ditadura e promover uma mobilização na população camponesa em favor de uma revolução socialista.

O Governo Militar, buscando eliminar os guerrilheiros, organizou diversas operações militares, das quais três conseguiram ganhar destaque: 1. A Operação Papagaio, realizada em abril de 1972, envolvendo cerca de três mil soldados, que pretendia mapear a área ocupada e neutralizar focos de resistência. Não conseguiu alcançar esses objetivos, em razão da falta de conhecimento da região e por terem subestimado a capacidade dos guerrilheiros; 2. A Operação Marajoara, empreendida em 1973, liderada pelo major Sebastião Rodrigues de Moura, o Major Curio, atuando com um número maior de tropas e de forma mais agressiva, com cerca de 10 mil homens espalhados em bases montadas em fazendas e roças, realizando emboscadas, inclusive em casas de moradores locais; 3. Operação Limpeza, em 1974, utilizando táticas extremamente repressivas e que resultaram na eliminação dos últimos grupos de resistência, matando e capturando a maioria dos guerrilheiros. A população masculina das localidades onde a guerrilha atuava, foi presa em quase sua totalidade. Casas, paióis e pontos comerciais foram destruídos. A terceira operação foi decidida a partir da constatação do fracasso das duas primeiras, obrigando a que as Forças Armadas montassem um verdadeiro aparato de guerra, sob o comando do general Orlando Geisel.

O major Curio, em entrevista concedida ao jornal O Estado de São Paulo, em 2009, revelou a política de extermínio dos governos Médici e Geisel, declarando que naquele conflito o Exército executou 41 pessoas. Sesenta e um combatentes, dos que estavam na selva, nunca mais apareceram. Mesmo acusado em sete processos por assassinatos de 10 opositores da ditadura, duas por se-

questro e cárcere privado e um por falsidade ideológica, o major Curio foi eleito deputado federal pelo Pará, em 1982, e prefeito de Curionópolis, no Pará, em 2000.

As graves violações dos Direitos Humanos, como torturas, execuções sumárias e desaparecimentos forçados, produziram forte repercussão no país, fazendo com que fossem exigidas investigações posteriores para responsabilizar os envolvidos, num esforço para reparar os danos causados pela repressão e proporcionar justiça às vítimas e suas famílias. Na década de 90, quatro expedições buscaram ossadas dos que morreram durante os combates. Mas apenas dois corpos foram encontrados e reconhecidos. Arquivos foram queimados e restos mortais de guerrilheiros foram movidos e escondidos para dificultar tanto a localização quanto a identificação. Em junho de 2009, foi concedida a anistia política com indenizações financeiras a 44 camponeses. Porém, nenhum militar foi julgado pelos crimes cometidos durante a Guerrilha do Araguaia.

O ex-deputado federal José Genoíno, um dos guerrilheiros sobreviventes, ao ser entrevistado sobre o tema, assim se manifestou: “O Araguaia é um exemplo, assim como outras rebeliões do Brasil, que além de ser eliminada a ferro, sangue e fogo, tem a memória eliminada. A verdade incomoda. A memória incomoda. O passado não passa”.

“

O Governo Militar, buscando eliminar os guerrilheiros, organizou diversas operações militares

Rui Leitão

Foto Legenda

Leonardo Ariel



No balanço da infância

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Está faltando um novo Celso

Custa compreender como pessoas cultas e de sensibilidade para as vicissitudes da condição humana se agastem com programas sociais adotados num país com dívida cinco vezes centenária a um povo que nasceu igual e foi encontrado plantando e colhendo com deveres e dádivas pacificamente iguais. País verde com seus arranha-céus cercados de montanhas que servem de painel ostensivo para a mais profunda desigualdade social num mundo ultramoderno. Triste e perigosa miséria, seja às margens do nosso pequeno rio Jaguaribe, em cujo pico se adensam os andares de luxo, ou da belíssima e universal Baía da Guanabara. Lá, aos olhos do mundo; aqui, afrontando o deslumbre do mais novo turismo.

Tal introito vem por conta de um trabalho elaborado por analistas insuspeitos do nosso Tribunal de Contas, com base em dados de 2020-22 e 2023 que, por mais que o objetivo seja o de apontar o desempenho da gestão pública ou identificar lacunas, nos deixa inconformados, para não dizer vencidos, em nosso ativo de esperanças. Por mais longo tempo que se elejam prioridades e se assista e acompanhe a sucessão de planos e programas de desenvolvimento econômico e social, mais se mantém a distância entre o que alcançamos e o que almejávamos.

Alcançamos muito, sem dúvida. Hoje um flanelinha encaixado na exclusão ou no milhã que vive dos programas sociais (a Paraíba é o terceiro lugar no país na proporção de domicílios recebendo Bolsa Família ou Auxílio Brasil), para esse imenso contingente sobra em seu favor o aumento extraordinário da produção de itens de baixo custo, como o ovo, o fubá, o macarrão, o leite, o pão, nisso fazendo a diferença do Nordeste antes da Sudente. Alie-se a essa conquista do nosso decantado desenvolvimento, a ampla e eficaz abrangência do SUS associada ao desempenho do Estado, como deu prova o combate à epidemia de Covid: morremos menos que os demais irmãos regionais. Mas, ao lado desse desempenho creditado ao esforço solidário das gestões do Estado e dos municípios, vamos amargar a persistência de dados como este: segundo o IBGE, “a Paraíba registrou um índice GINI de 0.558, acima da média nacional (0.518) e do Nordeste (0.517). O índice

“

Está faltando um Celso Furtado que alie a nossa vocação agrícola ao empreendimento capitalista

Gonzaga Rodrigues

GINI, se é que alguém não sabe, mede a concentração de renda e a desigualdade econômica, sendo que valores mais próximos de zero indicam a maior igualdade”.

Isso nos leva a lembrar a efervescência das lideranças e, sobretudo, da juventude em formação no Nordeste dos anos 1960 engajadas na ideia de um visionário de Pomal, mais que racionalista, como ele próprio se definia, de reduzir os índices de desigualdade entre as regiões Nordeste e Centro-Sul do país. Além da pobreza histórica revivida a cada leitura do grande livro de José Américo, “A Paraíba e seus problemas”, a situação se agravava com a grande seca de 1958. É quando Celso Furtado larga a sede europeia dos altos e novos estudos que enfeixavam as teorias do desenvolvimento econômico e vem testá-las, com uma legião de técnicos, numa das regiões mais desiguais do mundo.

Um dado surgido minutos antes de iniciar o texto: quatro dobradiças para o balcão da cozinha custaram-me, há uma hora, R\$ 14; antes de chegar em casa, me vendem, na parada do sinal, cinco cajus por R\$ 12. O caju daqui, a dobradiça de São Paulo.

Está faltando um Celso Furtado que alie a nossa vocação agrícola ao empreendimento capitalista e faça voltar ao campo não mais o escravo do eito e da palha da cana, mas o milhão de cidadãos que hoje enfeiam social e politicamente as ribanceiras marginais de uma das cidades mais cordiais do nosso país.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

RANKING 2024

CG e JP são destaques em saneamento no Nordeste

As duas cidades têm serviço de abastecimento e tratamento d'água bem avaliado

João Pedro Ramalho
 joapramalho@gmail.com

O serviço de abastecimento e tratamento de água e esgoto no estado, de responsabilidade da Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (Cagepa), tem sido destaque em âmbito regional. De acordo com o Ranking do Saneamento de 2024, divulgado pelo Instituto Trata Brasil em março, Campina Grande e João Pessoa ocupam, respectivamente, a segunda e a quarta posição entre as cidades nordestinas com mais de 200 mil habitantes. João Pessoa também é a segunda melhor capital do Nordeste, atrás apenas de Salvador. O documento avaliou o nível do atendimento ofertado, os recursos investidos e a eficiência do processo nos 100 municípios mais populosos do Brasil, com base nos dados de 2022 do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (Snis).

Nacionalmente, as duas maiores cidades da Paraíba também se sobressaem em alguns dos índices avaliados pelo ranking. A capital é um dos 22 municípios com 100% da população atendida pelo abastecimento de água, enquanto a Rainha da Borborema tem o terceiro menor percentual de perdas no faturamento da água e é a 16ª com menor perda na distribuição.

De acordo com a gerente de Controle de Qualidade da Cagepa, Evanisa Dantas, os últimos índices referem-se, respectivamente, aos vazamentos pequenos, detectados em ramais ou hidrômetros, e aos maiores, nas tubulações que conectam os reservatórios dos bairros às residências.

A gerente da Cagepa também destaca os esforços para reduzir as perdas. Entre as estratégias da empresa, está o controle automatizado do trajeto percorrido pela água após deixar os reservatórios. “Em qualquer lugar que tenha um vazamento, a gente já consegue fazer a identificação automaticamente e mandar a equipe para fazer a retirada. Isso tem ajudado muito a manter a qualidade de água dentro da rede de distribuição”, afirma Evani-



Foto: Carlos Rodrigo

JP é um dos 22 municípios do país com 100% da população atendida pelo abastecimento de água



Foto: Carlos Rodrigo

A Cagepa tem controle automatizado do trajeto percorrido pela água após deixar os reservatórios

sa. Outra iniciativa que colabora para a eficiência no abastecimento é a troca das tubulações. A maior parte delas é, originalmente, feita de ferro — material sujeito à corrosão — ou de cimento amianto, que é frágil e menos resistente à pressão da água. Em ambos os casos, a chance de perdas era maior, o que motivou a substituição por tubos de PVC.

O atendimento total de esgoto também foi avaliado positivamente nas duas cidades analisadas, que superaram ou se aproximaram do nível de universalização — de 90% —

definido pelo Novo Marco Legal do Saneamento Básico. Em Campina Grande, 93,98% dos moradores eram alcançados pela rede de esgotamento sanitário em 2022. Já em João Pessoa, essa porcentagem estava em 89,12%.

O presidente da Cagepa, Marcus Vinícius Neves, ressalta que esse número deve crescer, especialmente devido às obras de ampliação da rede na capital. “Nós concluímos o quarto módulo da Estação de Tratamento de Esgoto de Mangabeira, que já foi entregue e está em funcionamento. Temos, agora,

com recursos do Banco Mundial em execução, a construção da nova Usina II, na Avenida Maria Rosa, junto com o novo emissário [tubulação que transporta o esgoto] saindo da Maria Rosa até chegar ao Róger. Estamos também nos preparativos para a nova estação do Baixo Roger, que vai garantir tratamento de esgoto até 2040 para a Região Metropolitana de João Pessoa, o que inclui Cabedelo, Bayeux e a capital. E esse tratamento vai ser de nível terciário, o que permite maior qualidade do efluente para reúso de água”, declara Marcus Vinícius.

Investimentos nas duas maiores cidades da PB

O alcance dos serviços ofertados pela Cagepa é fruto de investimentos contínuos nas duas maiores cidades do estado, especialmente a partir de 2019. Em Campina Grande, por exemplo, os moradores presenciaram a chegada e a melhoria do abastecimento em bairros como Santa Cruz e Ligeiro. Marcus Vinícius Neves elenca outros empreendimentos importantes feitos pela empresa no município.

“Estamos ampliando toda a área oeste de Campina Grande, com uma adutora que está sendo entregue e irá permitir o crescimento de uma série de empreendimentos da construção civil, tanto de natureza popular como de um padrão mais alto. Também investimos na modernização do nosso Centro de

Controle Operacional, o que permite Campina hoje ter os menores índices de perda — em torno de 25%. Com isso, já atingimos a meta prevista para 2033 pelo Marco Legal do Saneamento, o que nos torna a segunda cidade do Nordeste com o menor indicador”, relata o presidente da Cagepa.

A capital do estado também deve ter sua oferta de água ampliada e garantida até 2037, com a construção da Barragem de Cupissura e a conclusão da segunda etapa da Adutora Translitorânea. Na área de esgotamento sanitário, além da ampliação da rede, a Cagepa tem investido na substituição das tubulações no Centro, com métodos não destrutivos, que preservam a estrutura do patrimônio histórico da cidade.

Uma terceira iniciativa está relacionada à preocupação com as perdas de água e a diminuição dos custos da empresa, como conta Marcus Vinícius. “Uma ação importante é a construção do novo Centro de Controle Operacional de toda a Região Metropolitana de João Pessoa, que vai ser realizado em Marés. O projeto já foi aprovado, com recursos do Banco Mundial, e estamos em plena execução dessa obra, que vai trazer o maior sistema de controle de automação do Nordeste, com o que há de mais moderno”, aponta.

A busca pela modernização das estruturas e dos processos levou a Cagepa a se distinguir como protagonista em inovação e automação entre as prestadoras de saneamento básico do país. Os

esforços ultrapassaram até as fronteiras nacionais. “Nos dias 27 e 28 de agosto, nós estivemos junto à Agência Francesa de Desenvolvimento discutindo o aproveitamento do resíduo do tratamento do esgoto e da água, que é chamado de lodo, para transformar em adubo e incentivar uma economia circular, trabalhando com a agricultura familiar. A Cagepa foi um dos três casos, junto com a Copasa [Companhia de Saneamento de Minas Gerais] e com a Águas de Jundiá, estudados pela agência francesa no país”, celebra Marcus Vinícius. Outros aspectos listados pelo presidente, como sinais da modernização da empresa, são as melhorias nas práticas de gestão, com a busca por transparência e o trabalho de prevenção à corrupção.

UN Informe DA REDAÇÃO

MPPB FECHA CERCO CONTRA CÂMARAS MUNICIPAIS SOBRE PAGAMENTO DE SALÁRIOS

O Ministério Público da Paraíba está de olho em várias Câmaras Municipais quanto à questão das normas de controle de frequência dos servidores e se os pagamentos estão sendo feitos exclusivamente por meio eletrônico, o que facilita o rastreamento e evita lavagem de dinheiro. O mais recente alvo é a Câmara de Barra de São Miguel. O MPPB instaurou inquérito civil com o objetivo de investigar se a Câmara fez uso do sistema de ponto eletrônico e se a folha de pagamento dos servidores públicos, fornecedores e prestadores de serviços é realizada conforme a lei exige. O promotor de Justiça Alcides Leite de Amorim (foto) explica que várias Câmaras de Vereadores da Paraíba não estão efetuando o pagamento dos servidores pelos meios eletrônicos disponibilizados pelas instituições financeiras oficiais. Além disso, o Banco Central elaborou relatório com alertas aos órgãos de controle, apontando operações financeiras atípicas realizadas por entidades do Poder Público, a exemplo da emissão de cheques para pagamento de fornecedores e servidores públicos.



Foto: Divulgação

PRESSA NA PUNIÇÃO (1)

O candidato à Prefeitura de Serraria pelo partido Rede Sustentabilidade, Walber Carvalho, tem pressa no julgamento do processo de improbidade contra o atual prefeito, Petrónio de Freitas Silva, por nepotismo. De acordo com a ação movida pelo Ministério Público da Paraíba, o prefeito nomeou sua filha, Pamella Gabrielly Ribeiro de Freitas, para o cargo de secretária de Assistência Social em 2020, quando ela tinha apenas 18 anos.

PRESSA NA PUNIÇÃO (2)

De acordo com o MPPB, a nomeação violou a Lei Orgânica do Município, que exige idade mínima de 21 anos para secretários municipais, e Pamella não teria qualificação para o cargo. O prefeito apresentou defesa alegando que a nomeação se baseou em critérios de confiança e que sua filha tinha conhecimentos suficientes por estar cursando Odontologia. O caso virou pretexto para o candidato atacar o prefeito atual nesta campanha.

MUDANÇA NA APCA

A secretária de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho da Prefeitura Municipal de João Pessoa, Vaulene Rodrigues, será empossada, no dia 14 deste mês, como a mais nova integrante da Academia Paraibana de Ciência da Administração (APCA), ocupando a cadeira de número 25. A cerimônia de posse será realizada às 18h30, no auditório do Sesc Cabo Branco, na capital.

CORREIÇÃO EM AREIA

Será iniciada amanhã mais uma Correição Geral Ordinária da Corregedoria-Geral de Justiça da Paraíba, desta vez na Comarca de Areia. A correição, que tem como coordenador dos trabalhos o juiz corregedor Antônio Carneiro, envolverá o foro judicial e o extrajudicial, alcançando o município de Areia e os distritos de Cepilho e de Mata Limpa, que integram a comarca.

COMPUTADORES PARA INCLUSÃO

Desde janeiro de 2023, foram doados 60 equipamentos e computadores recondicionados a alunos da Paraíba. As doações ocorreram por meio do Computadores para Inclusão, programa do Governo Federal. Executada pelo Ministério das Comunicações (MCom), a iniciativa tem como objetivo apoiar e viabilizar ações de promoção da inclusão digital para jovens e adultos em situação de vulnerabilidade social.

SUDENE AMPLIA O DIÁLOGO COM O AMBIENTE ACADÊMICO

Estreitar o diálogo com as instituições de ciência e tecnologia foi uma das medidas destacadas pelo superintendente da Sudene, Danilo Cabral, no Painel de Desenvolvimento do Nordeste, que integrou o 29º Encontro Regional de Economia do Nordeste, realizado, ontem, na Universidade Federal da Paraíba. “Vivemos o movimento de trazer todo mundo de volta — a academia, as universidades — para pensar o Nordeste de hoje e de amanhã”, disse o gestor durante a apresentação.

Foto: Julio Cezar Peres



Juvandi de Souza Santos

Arqueólogo, paleontólogo e espeleólogo

“Nós temos atividades de pesquisas em várias regiões do estado”

Coordenador do Laboratório de Arqueologia da UEPB fala sobre os estudos que vêm sendo desenvolvidos no estado

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com

Recentemente, na Paraíba, muitos novos achados arqueológicos, paleontológicos e espeleológicos vêm sendo encontrados por pesquisadores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Esses registros contribuem para recontar a história da humanidade e entender práticas, ações e costumes de sociedades mais antigas, ajudando a entender o processo de desenvolvimento da vida humana, no caso da paleontologia. Além de contribuir no entendimento e nas pesquisas sobre a evolução da vida animal e vegetal no planeta Terra, no caso da paleontologia, e ainda no registro, mapeamento e estudo das cavernas, grutas e outras cavidades, campos de estudo da espeleologia.

O arqueólogo, paleontólogo e espeleólogo, Juvandi de Souza Santos, coordena o Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), o grupo Paraíba de Espeleologia e o Museu de História Natural da UEPB, e conta um pouco sobre a importância dessas descobertas e dos estudos que vêm sendo desenvolvidos. Em seu currículo, ele possui graduação em História, mestrado em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mestrado também em Meio Ambiente, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e doutorado em História-Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), além de quatro especializações e outros quatro pós-doutoramentos.

Com 41 livros publicados e centenas de artigos científicos sobre esses campos do conhecimento, o pesquisador, em entrevista exclusiva ao *Jornal A União*, destaca a importância de mais investimentos em pesquisas na área, comenta sobre os achados mais recentes e fala sobre alguns dos projetos de pesquisa que se destacam atualmente, dentre eles o estudo das cavidades naturais da Paraíba e das ocorrências arqueológicas e paleontológicas da Bacia Sedimentar do Rio do Peixe.

A entrevista

■ Seu trabalho se divide em atuações como arqueólogo, paleontólogo e espeleólogo. Explica um pouco qual a diferença entre essas três áreas.

Eu sou arqueólogo, paleontólogo e espeleólogo. A arqueologia é uma ciência social e humana, que estuda o passado da humanidade. Enquanto que a paleontologia é uma ciência ligada às ciências da natureza, que estuda o passado do planeta por meio dos registros fósseis, sejam eles por meio dos fósseis de plantas ou os fósseis de animais. E a espeleologia é uma ciência que estuda as cavidades naturais, como cavernas e grutas.

■ Qual a importância dos estudos arqueológicos e paleontológicos para se conhecer melhor a nossa história?

Quando você tem registros escritos dos acontecimentos, dos fatos históricos, é bem mais fácil você entender um pouco o processo de desenvolvimento da vida humana no planeta, no caso da arqueologia. E quando você não tem esses registros escritos? Vamos pegar a questão dos indígenas da Paraíba, e do Brasil de uma forma geral. Os indígenas, quando os europeus chegaram por aqui, eram povos ágrafos, ou seja, não tinham nenhum sistema de escrita. Pois então, e aí o que é que a gente faz para saber como é que esses indígenas viviam? Então a gente faz uso do material arqueológico. A gente faz as escavações arqueológicas, por exemplo, vamos pegar um cemitério indígena, quando a gente chega ao cemitério a gente recupera os materiais que esses povos usavam no seu dia a dia, e até os seus ossos humanos e por meio de investigações, de análises científicas, a gente consegue extrair desses materiais traços no seu cotidiano. Um exemplo, vamos pegar dentes humanos. Então quando a gente analisa dentes humanos de povo ágrafo, entre outras coisas, a gente pode observar desgaste dentário ou mesmo cárie. No caso do desgaste dentário, o

que causava esse desgaste eram comidas ácidas e abrasivas, comida dura. Então a partir daí, dessas análises, a gente já consegue observar o menu alimentar desses grupos humanos. E no caso da ciência da paleontologia a gente estuda os vestígios fósseis, restos de vestígios fósseis, de animais e plantas para entender o processo de evolução da vida animal e vegetal no planeta Terra.

■ Ultimamente vêm sendo encontrados diversos sítios arqueológicos na Paraíba. Quais os achados mais recentes aqui no estado, e em quais municípios e regiões eles se localizam?

São muito achados, nem saberia te informar agora qual o mais recente. Porque nós temos atividades de pesquisas em várias regiões diferentes do estado, Curimatá, Seridó, Cariri e Sertão, e sempre que a gente realiza prospecção de superfície, porque a prospecção de subsuperfície que é a escavação arqueológica, a gente tem que ter autorização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), mediante o envio do projeto, aquela coisa toda. Mas a prospecção de superfície, que é justamente buscar, encontrar novos sítios arqueológicos, nós temos realizado direto. Então, nem sei te informar, olha foi esse sítio ou foi esse achado, são muitos achados que realizamos no campo da arqueologia nos últimos meses.

■ Quantos sítios arqueológicos temos hoje na Paraíba?

Na plataforma do Iphan nacional tem quase 300 sítios cadastrados. Em nosso banco de dados, no nosso laboratório, temos mais de 500 sítios. Nós acreditamos existir, pelo menos, de dois a três mil sítios arqueológicos. Porque, quando a gente fala em sítio arqueológico, muita gente pensa que são os sítios pré-históricos, cemitérios indígenas, os sítios rupestres, a exemplo da Itaquatiara do Ingá. Só que a

arqueologia, ela é dividida em duas fases, em duas partes. Arqueologia pré-histórica e arqueologia histórica. Arqueologia pré-história são, sim, os sítios rupestres, cemitérios, sítios líticos, enfim. E arqueologia histórica são aqueles sítios arqueológicos identificados, que foram construídos, edificados, após a chegada dos europeus para cá. Então, por exemplo, ruínas de igrejas antigas, ruínas de senzalas, cemitérios de bexiguentos, cemitérios do pessoal que morreu de cólera, do tifo, isso são sítios arqueológicos históricos. Então, juntando tudo, nós acreditamos termos entre dois mil a três mil sítios arqueológicos na Paraíba.

■ Há uma região ou município que tenha mais ocorrência desses registros?

Olha, em todos os municípios da Paraíba, em quase todos os municípios, nós temos registro arqueológico, sejam eles sítio arqueológico pré-histórico ou histórico. Mas, atualmente, o município que detém a maior ocorrência de sítio arqueológico é São Vicente do Seridó. São 150 sítios arqueológicos aproximadamente. Mas tem também Catolé do Rocha, que tem bastante, Pocinhos, tem muitos sítios arqueológicos, Cabaceiras também.

■ O Estado tem ainda muitos registros arqueológicos e paleontológicos a serem descobertos e explorados?

Muitos, muitos. Veja na pergunta anterior, eu coloquei que em nosso banco de dados nós temos aí uns 500 sítios arqueológicos, aproximadamente, e uns 50, 60 paleontológicos, e nem estou falando aqui os sítios espeleológicos, que são centenas. E eu coloquei também que aqui, na Paraíba, deve ser uns dois mil ou três mil sítios. Então tem muito, muito ainda o que se descobrir, tanto com relação aos sítios arqueológicos quanto com relação aos sítios paleontológicos.

■ Muitos desses sítios arqueológicos ou paleontológicos, como é o caso das Itacoatiaras do Ingá, recebem a visita de escolas e de turistas. Em meio a esse processo de visitação, quais os cuidados quanto à preservação desses lugares? Como a população também pode ajudar a preservar esses registros?

É a questão da visitação aos sítios, a gente tem se preocupado bastante com as visitas desenfreadas feitas em alguns sítios arqueológicos, paleontológicos e também espeleológicos, no âmbito da Paraíba. E acho que o ideal é que alguns desses locais sejam preparados para o recebimento turístico. Eu posso citar a questão da Itacoatiara do Ingá, o Sítio Passagem das Pedras, que é mais conhecido como Vale dos Dinossauros, e alguns outros sítios arqueológicos e paleontológicos da Paraíba que vêm sendo explorados turisticamente. Mas, o ideal é que essa exploração seja feita por intermédio de guiamento turístico. Um guia de turismo tem que estar à frente dessas atividades. Nós temos aqui um exemplo bem interessante na Paraíba, de um sítio que a gente considera um dos maiores sítios, um dos mais interessante da Paraíba que está completamente vandalizado, que é o sítio Pedra do Altar. Então tem um certo descontrole, o local, por ter água, o Rio Paraíba corre entre a Pedra do Altar, e uma quantidade

de muito grande de pessoas visitam aquele local. O resultado é que o sítio está quase que totalmente pichado, vandalizado. Então eu acredito que uma das formas de você reprimir um pouco esse tipo de atividade, primeiro é colocando a legislação para funcionar, e segundo é que eu acho que esses locais, nem todos os sítios arqueológicos, paleontológicos e espeleológicos, devem ser abertos à visitação pública. Tem sítios de rara beleza, de uma importância científica muito grande, então aqueles sítios abertos à visitação pública, eu acredito que tem que ser aberto com a presença de guia de turismo. Nós temos vários exemplos bem interessantes na Paraíba, que vêm funcionando dessa forma. A Itaquatiara do Ingá, por exemplo, os sítios lá do Pai Mateus, lá em Cabaceiras, a Pedra do Altar, são muitos sítios arqueológicos que a gente tem no complexo da Pedra do Altar, enfim, lá em Catolé do Rocha... Todos esses sítios estão abertos à visitação turística, mas com a presença de guia, e eu acho que é por aí, tem que ter guia para levar essas pessoas a esses locais.

■ Na Paraíba, há uma instituição responsável por guardar, preservar e estudar esses registros arqueológicos e paleontológicos? Se achado um novo registro, um novo sítio arqueológico, quem pode/deve estudá-lo?

Hoje, a única instituição de guarda autorizada pelo Iphan nacional é a nossa. É a única instituição também que estuda de forma científica, a arqueologia e a paleontologia na Paraíba é a nossa, é a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

■ Parte do seu trabalho é também o de coordenar diversos projetos de pesquisa, entre eles um que trata das cavidades naturais da Paraíba e outro que estuda as ocorrências arqueológicas e paleontológicas da bacia sedimentar do Rio do Peixe, fale um pouco desses estudos.

É, nós temos algumas pesquisas em andamento. Nós temos um grande projeto de pesquisa que é financiado pelo Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas (ICM-BIO/CECAV) que é para estudar as cavidades naturais da Paraíba. Temos também outro grande projeto com financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ) e da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado da Paraíba, que é justamente desenvolver atividades de prospecção e pesquisas de educação patrimonial e ambiental na área da Bacia Sedimentar do Rio do Peixe. Mas nós temos vários projetos de pesquisa em andamento com apoio de alguns municípios da Paraíba, realizamos convênios com algumas prefeituras e esses convênios nos proporcionam realizar inúmeras atividades arqueológicas, paleontológicas, espeleológicas e de educação ambiental e patrimonial nesses municípios.

■ Além dessas pesquisas, há outros estudos que se destacam atualmente? Quais podemos evidenciar?

Sim, o nosso laboratório vem desenvolvendo pesquisas importantes para o campo, principalmente a espeleologia. A gente está fazendo um mapeamento, um grande mapeamento das ocorrências espeleológi-

cas na Paraíba. Saber a quantidade de cavernas que nós temos e as tipologias. Tem um outro trabalho gigantesco que a gente vem fazendo atualmente, com o apoio da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado da Paraíba, que é um grande levantamento das ocorrências paleontológicas, arqueológicas e espeleológicas na região da Bacia Sedimentar do Rio do Peixe, e a nossa meta maior, em realizar esse levantamento lá, é tentar transformar a área num geoparque. Talvez daqui a dois anos, três anos, mais ou menos, nós tenhamos fôlego suficiente para solicitar junto a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), a transformação daquela área que envolve oito municípios, em um geoparque mundial.

■ Uma de suas funções é a de coordenador do Museu de História Natural da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como esse espaço funciona? Como se dá o acesso da população?

O Museu de História Natural da UEPB foi uma batalha intensa, que começamos a travar mais ou menos há 25, 30 anos. Há 18 anos nós conseguimos criar o museu, hoje é a única casa museológica da Paraíba com essa característica. Nós já temos um acervo gigantesco, nas dependências do museu, são cerca de 600 peças expostas, e cerca de 55 a 60 mil peças arqueológicas, paleontológicas, geológicas, faunísticas e florísticas que detemos na nossa reserva técnica, que diga-se de passagem também é a única do estado. E o museu, hoje, ele ainda tem carências, há uma carência para podermos tocar melhor o museu. Por isso, só recebemos público de segunda a quinta-feira, sempre pela manhã. Agora, o museu também, graças aos equipamentos, graças ao material que nós temos em nosso poder, que é um material que pertence à União, já que é um material arqueológico e paleontológico, então há concessão, para que a gente mantenha a guarda sobre esse material e realize pesquisa. Então graças a isso, hoje nós temos convênio com várias universidades do país, a exemplo da USP, da Universidade Federal do Ceará (UFCE), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade de São Carlos... E aí nós recebemos com muita frequência pesquisadores desses estados que realizam suas atividades de pesquisas, dissertações de mestrado, tese de doutorado, em cima do material que nós temos em nosso museu, em nossa reserva técnica.

■ Há também meios, canais/publicações onde as pessoas possam conhecer mais da arqueologia e paleontologia no estado (novas descobertas, pesquisas em andamento, etc)?

Nós temos o Instagram — @labap.uepb — nas redes sociais a gente divulga, deixamos divulgadas nossas atividades de pesquisas e atividades científicas e nós temos uma revista, que é uma boa revista eletrônica, ela já tem 20 anos, são 20 anos que a gente publica semestralmente essa revista, e nós temos recebido artigos do mundo inteiro. Então é um meio bem interessante de divulgação das atividades científicas nossas e de outros pesquisadores do Brasil e do mundo.

GRAVIDEZ PRECOCE

Mais de 3,5 mil mães adolescentes

Dados paraibanos cobrem de janeiro a agosto deste ano; falta de apoio familiar e de educação sexual são desafios

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

“Eu tinha muita pressão baixa, desmaiava quase todos os dias. Não sabia de nada, nada. Tive de aprender tudo sozinha, de dar banho a trocar fralda. Tinha somente o meu esposo e o meu filho”. O relato é de Karla Heloysa Araújo Freitas, que engravidou pela primeira vez aos 15 anos e teve o segundo filho aos 17. Sua história exemplifica os obstáculos que muitas jovens enfrentam ao se tornarem mães na adolescência: complicações físicas e emocionais e falta de apoio familiar.

A realidade é mesmo desafiadora para essas adolescentes, e os números comprovam isso: entre janeiro e agosto deste ano, ao menos 14 meninas, de 11 a 19 anos, deram à luz na Paraíba, por dia, totalizando 3.530 nascimentos. Os dados são da Secretaria de Estado da Saúde (SES) e do Ministério da Saúde (MS).

A gravidez na adolescência tem caído ano após ano no estado, mas o problema ainda está longe de ser resolvido. Em 2019, 9.453 jovens se tornaram mães. Nos anos seguintes, os números seguiram em queda, com 8.856, em 2020; 8.844, em 2021; 7.202, em 2022; e 7.023, em 2023, atingindo a menor marca. Já em 2024, considerando apenas o mês de julho, 389 meninas entraram em trabalho de parto em todo o território paraibano, sendo nove delas aos 14 anos, sete aos 13 e três com 12 anos de idade. Em agosto, por sua vez, dos 11 registros, um deles é de uma jovem de 14 anos.

Embora a tendência seja de queda, muito pelo trabalho de conscientização realizado com as adolescentes paraibanas, a complexidade da questão vem à tona ao prestarmos atenção à faixa etária dos 10 aos 14 anos. Nesse período, a incidência da gravidez é mais rara, mas cada bebê que vem ao mundo representa a vida de uma menina profundamente impactada. Muitas vezes, essas grávidas

Falta

Ausência de diálogo agrava a situação dessas jovens. As famílias também não estão preparadas para falar sobre sexualidade; em vez de abordar o tema, preferem ignorá-lo

zes são fruto da falta de informação, da pressão social sobre a sexualidade ou da ausência de educação sexual adequada, com pais que ainda evitam falar abertamente sobre o assunto. E é justamente aí que mora o maior desafio.

Falta de apoio

Assim que iniciou a sua vida sexual, Karla procurou ajuda médica por conta própria, mas jamais falou sobre o assunto em casa. Mesmo tomando anticoncepcional, engravidou, e ouviu da família um ultimato: “Vai ter de ir embora, morar com o pai da criança”. Com apenas cinco meses de gestação e um relacionamento de menos de um ano, casou-se e assumiu a maternidade, deixando os estudos.

Longe da família e dos amigos, Karla teve que se reinventar, em meio à solidão. “Sendo bem sincera, as amigas que eu tinha sumiram. Eu vivia 24 horas para o meu filho. Sofri muito. Acredito que tive depressão pós-parto, mas nunca soube. Não tinha ninguém com quem conversar”, diz. Ela aprendeu tudo sozinha, “na marra”, como ela mesma define. Hoje, aos 20 anos, casada e com dois filhos, ela reflete sobre as dificuldades enfrentadas por muitas meninas, devido à falta de orientação e apoio. Como se não bastasse a maternidade precoce, elas ain-

Em muitos casos, a menina grávida precisa deixar os estudos, perde amigos e cuida do bebê sozinha, pois o pai some



Ilustração: Bruno Chiossi

da lidam com o afastamento familiar, o que torna tudo mais duro.

A psicóloga Elba Possidônio destaca como essa ausência de diálogo agrava a situação dessas jovens, que acabam sendo estigmatizadas pela sociedade. “Alguns pais não deixam mais as suas filhas se relacionarem com essas meninas, e muitas acabam saindo da escola, o que as prejudica mais tarde, dificultando a sua entrada no mercado de trabalho”, pontua. Mas há casos em que o preconceito vai além: “Ainda existem pais que, por motivos religiosos ou pelo

patriarcado, colocam as meninas para fora de casa”.

O impacto psicológico desse abandono é devastador e pode perdurar por anos, até a vida adulta. “Ela sofre o trauma do preconceito e do abandono e pode desenvolver transtorno pós-traumático, ansiedade e estresse, a ponto de ter complicações na gravidez, como um aborto espontâneo ou uma eclâmpsia”, analisa Elba. Para muitas, o desespero de lidar

com uma gravidez em tão tenra idade é agravado pelo medo de encarar o futuro sozinhas, especialmente quando o pai da criança desaparece. “O menino se assusta e corre. E quem fica com a criança? Ela e a família dela, quando tem apoio. Mas, muitas vezes, essa menina é deixada sozinha para lidar com tudo”, acrescenta a psicóloga.

Muitas vezes, as famílias também não estão preparadas para falar sobre sexualidade,

e isso acaba sendo o estopim para complicações futuras. Em vez de abordarem o tema, preferem ignorá-lo, com medo de “incentivar” algo que, na verdade, precisa ser discutido. “A vacina contra HPV, por exemplo, é a única que previne câncer. Mas já ouvi pais dizerem: ‘Não vou deixar minha filha tomar essa injeção porque isso vai incentivá-la a ter sexo’. Eles preferem ignorar, só para não ter de falar sobre o assunto”, diz.

Impactos no corpo das adolescentes e na saúde dos seus bebês

Foto: Arquivo pessoal



Mãe de dois meninos aos 20, Karla aprendeu “na marra”



Já é difícil para uma mulher adulta, imagina para uma adolescente. O impacto emocional é até mais forte do que a própria gestação

Mariana Freire

A gravidez na adolescência traz sérios riscos, tanto para a mãe quanto para o bebê. “Gerar um filho nessa idade aumenta o risco de mortalidade materna, pré-eclâmpsia, diabetes gestacional e síndromes hipertensivas, além de hemorragias e depressão pós-parto”, alerta a ginecologista e obstetra Mariana Freire.

O perigo se estende ao bebê, como ela explica: “Tem maior chance de nascer prematuro, com baixo peso ou até malformações congênitas, como a síndrome de Down”, explica a especialista. Ou seja, quanto mais jovem a adolescente, maiores são as chances de essas complicações ocorrerem.

Além disso, embora os hormônios já estejam funcionando desde a primeira menstruação, o corpo da adolescente ainda está em desenvolvimento, sem o preparo adequado para suportar a gestação — e isso pode gerar a necessidade de interven-

ções no parto. “Ele pode precisar ser operatório, com o uso de fórceps ou vácuo extrator, justamente pela falta de maturidade física e psicológica da adolescente”, completa a ginecologista. Considerando que, no Brasil, a taxa de cesarianas é alta, quem tem o primeiro filho ainda muito jovem e, depois, faz uma segunda cesárea, pode ter mais cicatrizes internas, o que aumenta o risco.

Embora os impactos físicos sejam significativos, é possível mitigá-los com a adoção de uma rotina saudável e o acompanhamento médico adequado — que, em alguns casos, pode até incluir o pediatra. Segundo Mariana, a prática regular de atividade física é recomendada, justamente pela baixa idade, para fortalecer a musculatura e proteger a coluna lombar, já que o crescimento da barriga traz dores inevitáveis. O cuidado com a pele também precisa ser dobrado, a fim de evitar es-

trias no pós-parto, o que pode afetar ainda mais a autoestima dessas adolescentes. “Já é difícil para uma mulher adulta, imagina para uma adolescente. O impacto emocional é até mais forte do que a própria gestação”, conclui a médica.

Conscientização

Conscientizar adolescentes sobre a importância da prevenção nunca foi tão necessário, e ações como a Caravana do Adolescente ajudam a transformar essa realidade na Paraíba. Segundo Juliana Marques de Oliveira, técnica da equipe de Saúde da Criança e do Adolescente da SES, essa iniciativa percorreu o estado e falou diretamente sobre o protagonismo juvenil e os cuidados necessários para evitar a gravidez precoce. “Foi uma ação potente, que sensibilizou os adolescentes sobre a gravidade do tema e a necessidade de atenção à saúde física e mental”, diz Juliana.

FUTURO DO TRABALHO

Ordem social reconfigura ofícios

Avanço acelerado da tecnologia e do digital transforma estrutura do emprego tradicional e traz novas demandas

Marcella Alencar
marcella.t.alencar@gmail.com

O mundo do trabalho vive em permanente mudança. Algumas profissões perdem força, outras se ressignificam — e outras, simplesmente, desaparecem. No Centro de João Pessoa, é possível perceber algumas dessas mutações. Parte dos trabalhadores informais, como sapateiros e amoladores de tesouras, procuraram novas formas de sustento, enquanto outros ainda resistem às alterações do tempo e permanecem oferecendo os seus serviços em pontos específicos da cidade, como a Praça Vidal de Negreiros.

Segundo os trabalhadores dessa praça, antes, havia mais de 20 engraxates e sapateiros ali; hoje, esse número caiu para apenas seis. Os que continuam, trabalham há décadas na região. Como “seu” Antônio Pereira, que é sapateiro e engraxate há 56 anos, no mesmo local. “Comecei aos 13 anos de idade. Muitos deixaram o ramo sem se aposentar. Não aparece mais conserto”, lamenta. Ele diz que criou os filhos com esse trabalho, mas não vê mais “futuro” no ofício. “Eu disse a meus filhos para estudarem, que isso aqui só dá para mim. Hoje em dia, eles todos têm carteira assinada”, conta.

Na Travessa Frutuoso Barbosa, mais conhecida como Rua dos Sapateiros, no Centro de João Pessoa, trabalha Janaildo Nascimento. Ele oferece uma gama de serviços: conserta alicates e malas, amola facas e tesou-



Comecei aos 13 anos de idade. Muitos deixaram o ramo sem se aposentar. Não aparece mais conserto

Antônio Pereira

ras e ainda é sapateiro e engraxate. Como “seu” Antônio, ele também começou aos 13 anos, consertando e costurando calçados. Mas, nos últimos 20 anos, tudo mudou. “Hoje em dia, está muito diferente, bem mais parado. Nem todo mundo tem dinheiro para consertar e, às vezes, é melhor jogar fora do que mandar ajeitar”, observa.

Esta preferência por descartar um objeto não pode ser creditada somente à velocidade exigida pelas novas tecnologias e à falta de interesse da população, mas às mudanças verificadas na fabricação dos produtos, como aponta o sociólogo Roberto Vêras, professor da Univer-

sidade Federal da Paraíba (UFPB) e pesquisador do Núcleo de Trabalho, Desenvolvimento e Políticas Públicas (TDEPP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). “Alguns itens, como bacias, copos e jarras, passaram a ser produzidos em larga escala, a partir de outros materiais. Pannels são feitas com lâminas de alumínio tão finas e a preços tão baixos, que não justificam mais o seu conserto”, exemplifica.

Extinção

Para compreender a relação entre um período e as suas profissões, é necessário analisar as transformações sociais. Em sua carreira,

Vêras analisou parte dessas mudanças — e como elas também modificam os hábitos da população.

“Sempre que variam as condições de incorporação da força de trabalho, surgem e desaparecem postos de trabalho e formas de ocupação. Por exemplo, não existe mais a figura do caixeiro-viajante, que percorria o interior do país, muitas vezes, no lombo de um animal, com um mostruário de produtos, tomando anotações dos clientes”, aponta. “No seu lugar, temos hoje redes de distribuição no atacado e no varejo, representantes comerciais e venda pela internet, que atingem todos os qua-

drantes do país”, acrescenta.

As modificações de caráter estrutural são as que mais atingem os postos de trabalho. Com as transições do capitalismo, elas ganham velocidade e intensidade — sobretudo, com o incremento de novas tecnologias, configurando o que é chamado de capitalismo 4.0. “Esse capitalismo se sustenta, principalmente, nas tecnologias digitais”, define Eugênio Pereira, também sociólogo e pesquisador do Núcleo TDEPP.

Segundo ele, o capitalismo já nasceu extinguido uma série de ofícios, que eram próprios do velho ordenamento feudal. “É típico do capitalismo produzir

esses desconfortos em relação ao trabalho e aos saberes”, observa. A isso, junte-se a herança colonial brasileira e chega-se às relações de trabalho que vigoram hoje, no país.

Em paralelo, Vêras pontua que, muitas vezes, quando um produto industrial se modifica ou se torna mais barato, provoca forte impacto em antigas profissões. Como exemplo, ele cita o sapateiro. “Antes, os calçados eram fabricados fundamentalmente de couro; hoje, eles estão sendo feitos, cada vez mais, com material sintético. Com isso, passam a ser descartáveis e levam à inviabilidade da profissão, que é dedicada aos consertos”, aponta.

Extinção de profissões é típica das mudanças do capitalismo

Segundo Vêras, as mudanças tecnológicas, especialmente as que se inscrevem na denominada revolução informacional, mudaram a oferta de serviços. “Muitas vezes, sob o

pretexto da modernização, pode prevalecer a precarização do trabalho”, diz ele, referindo-se, por exemplo, ao trabalho de entregadores e de motoristas de aplicativos.

Em alguns setores, no entanto, o mercado pode ficar desabastecido de profissionais que supram a necessidade do empresariado. Em entrevista ao *Jornal A União*, em julho passado,

o diretor do Sine-PB, Flávio Costa, falou sobre a falta de alguns profissionais no mercado. “Basicamente, não temos açougueiro em João Pessoa. No interior, o jovem aprende o ofício com o pai e vem morar na capital. Aqui, precisa lidar com várias despesas, e o salário de açougueiro, que varia entre R\$ 2 mil e R\$ 2,5 mil, muitas vezes, não compensa”, explica.

Conforme Eugênio, esse descompasso é comum, no modelo de produção. “Daí a importância da função do Estado no desenvolvimento de políticas públicas para os diferentes setores, com formação profissional e capacitação que possam corrigir essas distorções momentâneas”, analisa.

De pai para filho

Assim como a profissão de açougueiro citada pelo diretor do Sine-PB, outros ofícios, antigamente, eram passados de uma geração para a outra. O faz-tudo Janaildo ainda vive nessa configuração. “Tenho três filhos, e um deles já segue o mesmo caminho. Mas é por necessidade. Eu preciso que alguém chame cliente para cá, porque o movimento caiu bastante, então ele me ajuda muito”, explica.

Já a costureira Edna Riche, que tem um ateliê no Bairro de Oitizeiro, na capital paraibana, atua há mais de 20 anos na função e revela ter muito zelo por suas máquinas de costura. Mas o filho não quer nem mesmo aprender a costurar. “Ele trabalha na área do Direito, já é casado e tem a família dele”, diz.

Edna conta que a demanda mudou muito, nos últimos anos. “Antigamen-

te, as pessoas prezavam por uma costura mais refinada e detalhada. Hoje, o básico é o melhor, principalmente para a juventude”, diz. Segundo ela, nos últimos anos, a procura pelos seus serviços aumentou para fazer ajustes e consertos de roupas. Ou seja, o ofício de Edna passou por uma ressignificação.

A relação geracional depende do contexto e varia conforme a classe social e o modelo de trabalho. De acordo com o professor Mário Ladosky, também sociólogo e pesquisador do Núcleo TDEPP, essa configuração ainda é comum no ramo de confecções do interior do Brasil, a exemplo do que ocorre em Caruaru, Agreste pernambucano. “No polo de confecções de Pernambuco, tem muita gente costurando dentro de casa, com filho, sobrinho, vizinha, todos fazendo roupas para grandes marcas”, pontua.

Outras profissões que persistem em uma configuração que prioriza a reprodução geracional de um trabalho estão circunscritas em grupos de elite. “São profissões que se associam à posição de *status*, como médicos, profissionais da área jurídica e empresários, entre outros”, diz Vêras.



Janaildo, que conserta alicates e malas, amola facas e tesouras e ainda é sapateiro e engraxate, diz que movimento diminuiu muito

Fotos: Roberto Cuedes



Informais lamentam pouca clientela e dizem que, hoje, muitos preferem descartar a consertar

Foto: Arquivo Pessoal



Muitas vezes, sob o pretexto da modernização, pode prevalecer a precarização do trabalho

Roberto Vêras

POLUIÇÃO VISUAL

Problema gera desconforto e riscos

Além de danos estéticos e ambientais, uso excessivo de peças publicitárias pode interferir no trânsito das vias urbanas

Paulo Correia
 paulocorreia.epc@gmail.com

Samantha Pimentel
 samanthauniao@gmail.com

O conceito de poluição está, normalmente, relacionado a algum tipo de degradação associada, principalmente, ao meio ambiente — como se observa na emissão de gases e fumaça, por parte de automóveis e indústrias, nas grandes cidades. Mas outro tipo de poluição que tem incomodado a população de João Pessoa e de outros municípios paraibanos diz respeito ao uso excessivo de panfletos, cartazes, placas, letreiros, *outdoors* e painéis luminosos, com propagandas de marcas e serviços.

Além das pichações, das construções malconservadas e dos cabos de telefonia ou internet acumulados nos postes, um dos principais agentes da chamada poluição visual nas paisagens urbanas são as peças de publicidade, que causam danos estéticos e um desequilíbrio ambiental, evidente no campo da visão, diante do cenário das cidades. Aos que circulam pelas

ruas, seus efeitos negativos incluem irritabilidade, dispersão e cansaço, podendo até interferir no trânsito e na mobilidade urbana.

Entre as vias mais movimentadas de João Pessoa, a Avenida Governador Flávio Ribeiro Coutinho, mais conhecida como Retão de Manaíra, se destaca pela intensa concentração de instalações publicitárias. Em três quarteirões da área, é possível identificar quatro painéis de LED que veiculam imagens de divulgação comercial, sendo que alguns deles ficam bem próximos a semáforos — o que, conforme alertam transeuntes, não só poluiriam o local, mas também podem distrair motoristas que trafegam por ali.

“A pessoa pode ficar olhando a publicidade e não olhar o sinal. Isso pode causar acidentes. É tanta coisa que você acaba não vendo tudo, mas, se tiver alguma que for mais interessante que a outra, a pessoa pode focar naquela, e um acidente acontece”, comenta Dine, moradora da região que não quis identificar seu sobrenome.



Em três quarteirões, a Avenida Governador Flávio Ribeiro Coutinho, mais conhecida como Retão de Manaíra, exibe quatro painéis de LED dedicados a publicidade



Código de Condutas estabelece normas de adequação na cidade

Na capital paraibana, a regulamentação do uso de publicidade no espaço urbano é estabelecida pelo Código de Condutas do Município de João Pessoa (CCMJP), que dispõe sobre “as normas disciplinadoras da higiene pública e privada, do bem-estar público, da localização e do funcionamento de estabelecimentos comerciais, industriais e prestadores de serviços”, entre outras questões. Mais especificamente, é no capítulo VIII que o documento trata das definições e características das peças publicitárias, assim como registros, licenciamentos, proibições, infrações e penalidades previstas para casos que estejam em desacordo com as regras.

O CCMJP divide os meios de exibição de publicidade em três tipos — luminosos, iluminados e não-iluminados — e define que eles, quando instalados de forma perpendicular às linhas de fachadas dos edifícios,

devem ter “suas projeções horizontais limitadas ao máximo de 1,50 m, não podendo, contudo, ultrapassar a largura do respectivo passeio, e devem ter sua aresta inferior a uma altura mínima de 2,50 m do nível da calçada”, conforme determina a legislação. As normas tratam, ainda, de situações onde os painéis, letreiros e placas são afixados paralelamente às fachadas ou sobre as marquises dos edifícios, entre outros casos.

A Secretaria de Desenvolvimento e Controle Urbano da capital (Sedurb-JP), responsável pelo processo de regularização instituído pelo CCMJP, informa que qualquer empresa que tenha interesse em instalar equipamentos de caráter publicitário nas vias pessoenses deve procurar o órgão e atender aos critérios detalhados pela legislação. Será, então, expedida uma autorização específica para esse fim, a ser renovada anualmente.

Contudo, segundo o diretor

de Paisagismo da secretaria, Jair Soares, mesmo com a definição das regras e as ações de fiscalização do órgão, placas e painéis publicitários irregulares são encontrados pelas ruas do município. “Existem equipamentos que estão instalados de forma irregular e que já foram notificados. Eles estão em processo de regularização e, caso não seja feita a regularização, ocorrerá a remoção desses equipamentos, ou pela empresa, após notificação, ou pela própria Sedurb-JP mesmo”, explica Jair.

■ A Sedurb-JP se encarrega de identificar e notificar responsáveis por peças que infringem regras

No próprio Retão de Manaíra, casos de irregularidade já foram notificados e estão sendo regularizados junto ao órgão. “No Retão, nós temos, na verdade, três placas que estão em processo de regularização e, inclusive, foram notificadas, porque se instalaram antes do processo de regularização da Prefeitura Municipal. Outra nem sequer deu entrada no processo, e a prefeitura notificou [a empresa responsável] para a remoção dessa placa”, conta o diretor de Paisagismo da Sedurb-JP, reforçando que a fiscalização é realizada constantemente pela secretaria.

Paisagens depreciadas

Para outra habitante de João Pessoa, a auxiliar administrativa Priscila Ferreira, a poluição visual presente em diversos lugares da capital não oferece apenas riscos no trânsito, mas transforma até mesmo pas-

seios e momentos de lazer em experiências desconfortáveis. “Eu percebo que tem bastante poluição visual aqui e que isso incomoda até as pessoas que chegam de fora da cidade, principalmente quanto a placas de propaganda, uma em cima da outra. As praias e outros locais turísticos também estão bem poluídos na questão visual”, avalia Priscila.

O problema descrito pela moradora também é abordado pelo CCMJP. No inciso I de seu Artigo 184, o documento determina a proibição de materiais ou equipamentos de publicidade que “afetem a perspectiva ou depreciem, de qualquer modo, o aspecto da paisagem dos logradouros públicos”.

Procurada para esclarecer mais detalhes sobre a fiscalização de peças que infringem essa norma, a Sedurb-JP não retornou aos questionamentos da reportagem até o fechamento desta matéria.



Isso incomoda até as pessoas que chegam de fora da cidade. As praias e outros locais turísticos também estão bem poluídos

Priscila Ferreira

Fios e cabos em excesso nos postes também poluem ambientes



Suspensos sobre as calçadas, equipamentos de eletricidade e telecomunicações chamam atenção ao se acumularem

Além da publicidade, outro agente de poluição visual de presença significativa nas paisagens urbanas do país e do estado, inclusive em João Pessoa, são os fios e cabos, em excesso, instalados nos postes de eletricidade e telecomunicações. Residente na cidade, o pastor Sérgio Wikliff ressalta que, de todos os problemas de poluição locais, esse é o que mais lhe chama atenção.

“A gente vê poluição visual em todos os lugares de João Pessoa, principalmente nos postes. São muitos fios enrolados, pendurados. Acho que essa é a poluição visual mais evidente no momento”, aponta Sérgio.

Sobre esse problema em específico, foi instituída, no ano passado, a Portaria Interministerial nº 10.563 que diz respeito ao uso compartilhado de postes entre as empresas prestadoras de telefonia e eletricidade,

buscando garantir que “cabos e equipamentos sejam instalados e organizados adequadamente, evitando qualquer risco à população e minimizando o impacto visual”. Com a portaria, a fiscalização desse tipo de utilização dos postes da cidade passa a ser responsabilidade da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) e da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel).

■ Fiscalização do uso compartilhado dos postes passou a ser atribuição da Anatel e da Aneel

AGRESTE

Jovem cidade exhibe seus potenciais

Com apenas 30 anos de emancipação política, Damião revela encantos escondidos em paisagens interioranas

Lara Ribeiro
Especial para A União

Conforme uma história bem peculiar, o nome do município de Damião advém dos primeiros habitantes que passaram pela cidade, estabelecendo moradia por um determinado período. Relatos dão conta de que dois irmãos retirantes, Cosme e Damião, chegaram ao local entre os anos 1860 e 1870, buscando melhorias para suas famílias. “O primeiro seguiu mais adiante, mas Damião ficou por aqui, construindo sua cabana, onde hoje se situa nossa cidade”, conta a professora de História Edleusa Silva.

Apesar de essa narrativa ser muito conhecida na região, não existem vestígios da existência dos irmãos ou de seus descendentes em Damião. “Não tem ninguém que

possa confirmar a passagem deles por essas terras. Gostaria de pesquisar para compreender se há veracidade nessa versão da origem do nome de nosso município”, pontua a professora.

Localizada no Agreste paraibano, a cidade possui uma população de 4.982 habitantes, segundo o Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em uma área de aproximadamente 186,198 km², situando-se a 220 km de João Pessoa. Inicialmente subordinado ao município de Barra de Santa Rosa, Damião foi elevado à categoria de cidade no dia 29 de abril de 1994, há apenas 30 anos. Atualmente, suas principais atividades econômicas são a agricultura, a agropecuária e o comércio, mas o município também oferece atrativos turísticos de potencial promissor.



Fotos: Aluísio Silva de Lima/Divulgação

Município possui uma população de 4.982 habitantes, de acordo com o IBGE, e se sustenta, principalmente, da agricultura, da agropecuária e do comércio



Turismo local desponta com belezas naturais e históricas

Fotos: Aluísio Silva de Lima/Divulgação



Atrações incluem o pôr do sol no Tanque do Arroz e eventos na Praça Romildo Fernandes e na Igreja de Nossa Senhora de Fátima

Conforme Flávio Araújo, guia de turismo e coordenador municipal da Defesa Civil, Damião apresenta, entre seus pontos turísticos, uma vista encantadora do pôr do sol no lajedo do Tanque do Arroz. “O lugar foi descoberto entre os anos 1930 e 1940, por um morador do Sítio Olho D’Água chamado Antônio Patrício. Lá, ele fez um roçado de milho e, pelo fato de o local estar muito encharcado, plantaram arroz um tempo depois”, explica Flávio. Ainda segundo seu relato, entre 1963 e 1968, quando Damião pertencia a Barra de Santa Rosa, o então prefeito Zé Diniz ordenou uma escavação do tanque. “Hoje, ele tem o melhor pôr do sol da Paraíba, com uma vista incrível”, garante o guia.

Flávio citou outros lugares de apelo para visitantes, como o Portal e Praça Romildo Fernandes, logo na entrada da cidade, além da capela da Fazenda Belo Horizonte e do tanque da Sussuarana, onde se encontram vestígios de animais pré-históricos, como preguiças-gigantes. “Também tem as pinturas rupestres na Serra da Tubiba, o tanque de pedra com pinturas e furnas no Sítio Serrote Grande e no Sítio Enxú e a estátua

de Nossa Senhora de Fátima do Sítio Olho D’Água”, acrescenta. Já no Sítio Solidão, é possível conferir uma casa de pedra e um casarão do século 18, com móveis preservados daquela época.

Damião faz parte, ainda, da Rota dos Cactos. Como define o empresário Victor Paulo Sousa, esse é um novo roteiro turístico lançado pelo Serviço Brasileiro de Micro e Pequenas Empresas da Paraíba (Sebrae-PB), integrando também as cidades de Casserengue, Cacimba de Dentro, Barra de Santa Rosa e Algodão de Jandaíra. “Fazer parte desse projeto é o início das atividades turísticas em Damião, pode trazer muitos resultados positivos na geração de emprego e renda local”, analisa.

Segundo o agente de desenvolvimento José Aluísio Silva, outro potencial turístico está na programação de eventos populares do município. “Temos a festa de emancipação política, que ocorre no dia 29 de abril; a festa da padroeira da cidade, Nossa Senhora de Fátima, realizada de 1º a 13 de maio; e a tradicional festa de ‘João/Pedro’, que ocorre no início de julho, comemorando o São João e o São Pedro”, revela José.

Morador octogenário testemunhou desenvolvimento urbano

Em um município com apenas três décadas de emancipação política, não é difícil encontrar damiãoenses que tenham testemunhado diretamente as primeiras etapas do desenvolvimento econômico, cultural e populacional da cidade. Um dos mais emblemáticos entre esses cidadãos é José Cícero de Araújo, também conhecido como Cícero Novo.

Considerado um dos comerciantes mais antigos do local, o homem de 84 anos começou suas atividades no setor ainda aos nove anos de idade, passando a trabalhar tam-

bém como agricultor. Apesar de ter deixado a cidade natal em 1966, buscando melhores condições financeiras em outros lugares, Cícero retornou a Damião em 1973, adquirindo uma propriedade no município.

“Sobre o comércio em Damião, comecei comprando e vendendo de tudo. Depois, abri uma mercearia, na qual trabalhei por muito tempo, e também vendia gado. Fui comerciante por muito mais de 30 anos e, ainda hoje, eu sou, porque compro e vendo. Se me oferecer um boi, eu sei comprar e, se vier para comprar,

eu também sei vender”, reforça Cícero, que é aposentado há mais de duas décadas.

Ele lembra seus primeiros anos no nascente mercado local como uma boa época para negociar, porque ainda havia poucos comerciantes na área. “Tudo vendia com frequência. Também, naquele tempo, só tinha eu na região como marchante, para matar boi e vender carne”, recorda Cícero, mesmo reconhecendo os prejuízos com que teve de arcar por vendas a fiado. “Não sei quantos bois eu perdi aqui, na região, mas é uma alegria, porque a gente tem que dar o

que comer a quem não o tem mesmo, e foi isso o que eu fiz”, ressalta o aposentado.

Esse senso de solidariedade comunitária de Cícero se estendeu para além do comércio, fazendo-o assumir, curiosamente, o papel informal de enfermeiro, em uma época na qual os serviços locais de saúde não haviam sido devidamente estruturados. “Eu aplicava o soro antiofídico para tratar mordidas de cobra, passava remédio para crianças, aplicava injeção nas pessoas, fazia tratamentos, porque aqui não tinha quem fizesse isso. Eu fazia de tudo aqui”, conta.



Foto: Daniel Sousa Araújo/Divulgação

Cícero Novo trabalhou como marchante e comerciante

CINEMA

Consagração independente

“Pulp Fiction – Tempo de Violência” completa 30 anos ainda como a obra mais representativa de Quentin Tarantino

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

A *Fraternidade É Vermelha*, de Krzysztof Kieslowski; *A Rainha Margot*, de Patrice Chéreau; *Através das Oliveiras*, de Abbas Kiarostami; *Caro Diário*, de Nanni Moretti; *Na Roda da Fortuna*, dos irmãos Coen; *O Sol Enganador*, de Nikita Mikhalkov; *Tempo de Viver*, de Zhang Yimou. São alguns dos filmes selecionados pelo Festival de Cannes de 1994 para disputar a Palma de Ouro. Mas o vencedor foi *Pulp Fiction – Tempo de Violência*, de Quentin Tarantino, e o festival apontou o filme que realmente marcou época entre os concorrentes. A obra, que faz um coquetel de violência, humor e papo furado, completou, na última terça-feira (3), 30 anos de seu lançamento nos cinemas.

Tarantino lançava no festival apenas seu segundo filme (descontando o amador *My Best Friend's Birthday*, de 1987), mas já tinha conseguido repercussão com a estreia em *Cães de Aluguel* (1992), logo alçado a representante importante do cinema independente americano. Esse movimento teve um momento definidor de glória com a Palma de Ouro em Cannes.

Para começar, Tarantino “dagunçava” o tempo da narrativa, contando a história não em *flashback*, mas dividindo a trama em contos com personagens que se cruzam e colo-

cando um pedaço futuro da história antes do outro. Entã, por exemplo, um personagem que morre num segmento, surpreendendo o público, volta a aparecer vivo mais à frente no filme (possivelmente surpreendendo mais ainda).

Esse universo tem o chefe do crime Marcellus Wallace (Ving Rhames), sua esposa Mia (Uma Thurman), os capangas Vincent Vega (John Travolta) e Jules Winnfield (Samuel L. Jackson), o boxeador fuleira Butch (Bruce Willis) e sua namorada Fabienne (Maria de Medeiros).

Numa história os dois capangas chegam a um apartamento para recuperar uma misteriosa mala roubada de seu chefe. Em outra, um deles é escalado para acompanhar a esposa do patrão em uma noite. O boxeador, por sua vez, é pago pelo mafioso para perder uma luta.

Cada uma dessas tramas termina de maneira muito diferente de como começa, repleta de diálogos espirituosos, violência, humor bizarro e situações inesperadas, com um conceito inspirado em antigas publicações de entretenimento chamadas de “revistas pulp”.

Após a exibição e o prêmio em Cannes, o filme percorreu um circuito de festivais (Munique, Locarno, San Sebastian, Tóquio, Nova York), entrando em circuito comercial no dia 10 de setembro na

Coreia do Sul e no México. Nos EUA, a estreia mesmo foi em 14 de outubro. E no Brasil o filme de Tarantino só chegaria em 3 de março de 1995, já na esteira da corrida ao Oscar (acabou ganhando só o de roteiro original e perdeu o de melhor filme para *Forrest Gump*).

Hoje, além de ter sido lançado em DVD e *blu-ray*, está em *streaming* no Telecine e em plataformas de aluguel ou compra digitais. É a oportunidade de rever um filme que, além de suas qualidades como narrativa e entretenimento, mostrou que havia todo um cinema americano fora dos estúdios para descobrir e no qual apostar.



Sabe como chamam o Quarteirão com Queijo em Paris? Chamam ‘Royale com Queijo’

Vincent Vega (John Travolta)

Vincent (John Travolta) leva a mulher do chefe, Mia (Uma Thurman) para uma noite, depois de um duro dia de trabalho com Jules (Samuel L. Jackson)

Outros grandes filmes de 1994

Foto: Divulgação/Paramount



FORREST GUMP, O CONTADOR DE HISTÓRIAS

No vencedor de seis Oscars (incluindo melhor filme, direção e ator), Tom Hanks é o personagem simplório que atravessa a história recente dos EUA.

Foto: Divulgação/Warner



UM SONHO DE LIBERDADE

Baseado no conto de Stephen King, a história tem Tim Robbins e Morgan Freeman lutando para manter o espírito livre dentro dos muros de uma prisão brutal.

Foto: Divulgação/Fox



QUATRO CASAMENTOS E UM FUNERAL

O roteiro de Richard Curtis deu início a uma onda de comédias românticas britânicas, numa narrativa esperta em capítulos que segue os eventos do título.

Foto: Divulgação/Obras-Primas



COMER, BEBER, VIVER

Ang Lee conta a história do pai cozinheiro que consegue comandar a turbulenta cozinha de um grande restaurante, mas não o coração de suas três filhas, muito diferentes entre si.

Foto: Divulgação/Disney



O REI LEÃO

A “renascença” da Disney teve um capítulo importante com o imenso sucesso dessa mistura de Hamlet com Bambi, da qual a refilmagem em animação CGI não consegue nem chegar perto.



Acima: A proposta de entregar uma luta vai descambar no chefe mafioso (Ving Rhames) e o boxeador em fim de carreira (Bruce Willis) presos juntos no porão de um psicopata. Ao lado: Mr. Wolf (Harvey Keitel) vai de smoking à casa de Jimmie (Tarantino) tirar Jules e Vincent do sufoco



Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

“Motel Destino” ou o labirinto dos desejos

Para muitos, Karim Aïnouz é o melhor cineasta brasileiro da atualidade. O seu filme mais recente está em cartaz nos cinemas e entrou na pré-lista dos indicados brasileiros ao Oscar. *Motel Destino* captura a gente de imediato pela fotografia de Hélène Louvar e suas cores quentes, feéricas, criando uma atmosfera impenetrável e sedutora, que é capaz de produzir efeitos nauseantes em certos espectadores. Um clima que remete às obras neo-noir.

A história que se passa em Beberibe, no Litoral Norte do Ceará, transcorre quase o tempo todo dentro dos corredores do motel, entrecortada por gemidos sexuais que vão se repetindo insistentemente durante o filme, criando aos poucos uma estranha sensação de naturalidade que retira qualquer vestígio sensual.

Como por um ardid do destino, o jovem Heraldo (Iago Xavier) conhece uma mulher em um forró e a leva para curtir a noite num motel. Pela manhã, ao acordar sozinho no quarto, percebe que não tem dinheiro, nem celular, e que está atrasado para um compromisso importante. A mulher foi embora com seus pertences de valor.

Ele fala com Dayana (Nataly Rocha), a dona do motel, para liberar a sua saída, garantindo que voltará depois para pagar a dívida. A conversa é tensa e violenta. No fim, Dayana aceita ficar com o documento de identidade de Haroldo como garantia até que ele retorne para pagar o que deve.

Esse contratempo é fatal. Haroldo, que tinha a missão de assassinar um francês a mando do tráfico, em troca

de uma dívida, chega atrasado ao local e encontra o seu irmão morto. Desde então passará a ser visto como um traidor, por ter deixado que o irmão fosse sozinho. A sua cabeça é posta a prêmio, se transformando naquilo que os romanos chamavam de *homo sacer* — indivíduo que pode ser morto por qualquer um. A única saída que encontra é pedir para Dayana um abrigo no motel, em troca de trabalho. Ela o acolhe. O lugar lembra um labirinto com corredores que se ligam aos quartos, caminhos misteriosos que entrecruzam vidas anônimas e seus desejos.

O labirinto encerra culturalmente elementos míticos e imagem arquetípica. É o lugar do conflito interno. Da incerteza sobre qual caminho devemos seguir. Um tema universal. Isso significa que, de certo modo, compartilhamos tal experiência com os outros. Vivos ou mortos. Por mais que estejamos diante de dilemas que envolvem diretamente a nossa vida particular, que implicam em escolhas individuais, é um tipo de aventura que outras pessoas tiveram que encarar anteriormente. Não estamos sozinhos. O antropólogo Joseph Campbell dizia que precisamos caminhar por essa trilha, que se seguirmos os passos certos não vamos esbarrar em algo abominável, nem em um Deus. Não vamos matar um mostro, como o minotauro, mas nos depararemos com nós mesmos: “Onde imaginávamos viajar para longe, iremos ter ao centro da nossa própria existência”.

Haroldo fez essa viagem. A imersão no motel trouxe à superfície seus demônios, mas ao mesmo tempo tam-

bém abriu novas portas existenciais. Ele era um órfão. Sua infância foi marcada pela violência, o abandono e o sofrimento. Mais um entre vários milhões de jovens brasileiros vítimas da pobreza e do desamparo, escravizado pelo crime organizado que não aceita como um estoico a sua condição miserável. A viagem pelo labirinto o trouxe ao encontro de Dayana. Uma mulher presa a um relacionamento amoroso e violento com seu marido Elias (Fábio Assunção), perdida em seu próprio labirinto. Duas vidas que se cruzam, que se apaixonam, que se desejam, que se ajudam.

Essa situação me fez lembrar quando o herói grego, Teseu, se viu diante do desafio de sair vivo do Labirinto de Creta. Ele diz a Ariadne que a amaria eternamente se o ajudasse a escapar de lá. Ela então tem a ideia engenhosa de dar ao amado um fio enrolado num novelo, que ia se desenrolando ao passo que Teseu caminhava, permitindo que ele não perdesse de vista o caminho da saída.

É com base nessa história que Joseph Campbell afirma: “As vezes tudo que precisamos é um fio de Ariadne”. E vai ainda mais a fundo: ... “O homem é o animal que não sabe o que fazer consigo mesmo. A mente tem muitas possibilidades, mas não podemos viver senão uma vida. O que faremos de nós mesmos?”...

Heraldo e Dayana cerziram juntos os seus “fios de Ariadne” e os enrolaram em um novelo diante da precariedade da vida e da avidez do desejo. Na busca pelo centro de gravidade da própria existência.

Estética e Existência

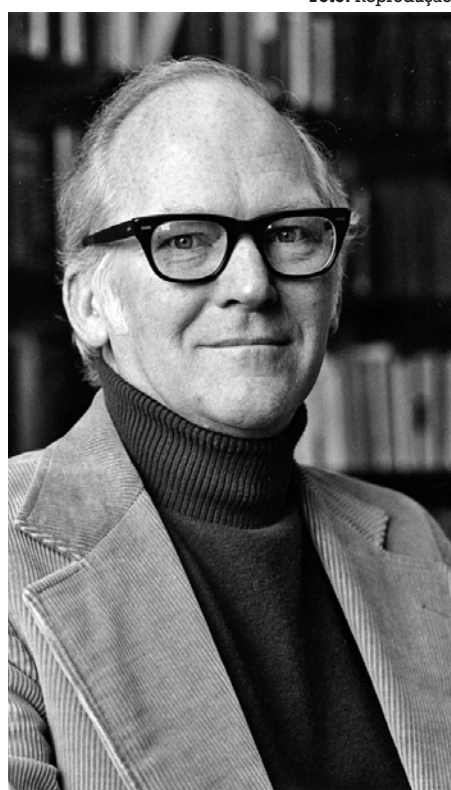
Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Imutabilidade da acrasia

Acrasia é um termo de origem grega que se refere à incapacidade de um indivíduo de exercer controle ao optar por ações que vão de encontro ao que ele próprio considera ser o melhor, segundo sua consciência. Essa definição se aplica a pessoas que não conseguem moderar seus desejos excessivos e que não respeitam os limites sociais e afetivos, entre os quais se destaca o respeito ao próximo. A etimologia da palavra em grego descreve que “a” é uma negação, enquanto “kratein” significa dominar ou controlar. Quando traduzida para o latim, resulta em “incontinentia”, que se interpreta como incontinência, ou seja, desregramento. Atualmente, a acrasia é objeto de análise em ética, psicanálise, psicologia e psiquiatria.

Os filósofos gregos Sócrates (470 a.C.-399 a.C.), Platão (428/427 a.C.-348/347 a.C.) e Aristóteles (384 a.C.-22 a.C.) exploraram a questão do descontrole, conhecida como acrasia. No diálogo *Protoágoras*, elaborado por Platão entre os séculos 5 e 4 a.C., Sócrates dialoga com o sofista que dá nome à obra sobre a crença popular de que uma pessoa pode agir contrariamente ao que sabe ser correto, ou seja, ao que corresponde a um comportamento virtuoso. A partir disso, Sócrates, utilizando seu método de perguntas e respostas para chegar a conclusões, reduz a ideia de “akrasia” a conceitos opostos como bem e mal, prazer e dor. Para ele, se alguém tem consciência do que é melhor ou mais benéfico, não é possível que essa pessoa opte pelo que é pior ou prejudicial. Assim, Sócrates refuta a possibilidade da existência da “akrasia”.

No Livro 4 do diálogo *A República*, redigido por Platão no século 4 a.C., o autor apresenta um entendimento de “akrasia” que se difere do de Sócrates. Neste diálogo, Platão fundamenta esse conceito por meio da narrativa de Leônicio, filho de



Donald Herbert Davidson, filósofo dos EUA

Agláion. Mesmo sabendo que havia corpos próximos a um carrasco, Leônicio sentiu a curiosidade de vê-los, embora essa visão lhe fosse insuportável. Após um período de conflito interno sobre esse desejo, ele acabou se aventurando a olhar os cadáveres. Essa situação ilustra a discordância de Platão em relação a Sócrates, evidenciando a aceitação da “akrasia”.

Por sua vez, Aristóteles, em seu Livro 7 da *Ética a Nicômaco*, escrito entre 335 a.C. e 323 a.C., também reconhece a existência da “akrasia”. Para ele, um indivíduo que age de forma acrática não está plenamente consciente de que deveria agir de outra maneira até que a ação se concretize. Aristóteles argumenta que tal pessoa, envolta por seus prazeres, age não guiada por um conhecimento sólido, mas por uma opinião que pode ser fraca, incapaz de resistir aos seus desejos.

Atualmente, a acrasia se torna comum e é amplamente praticada.

Donald Herbert Davidson (1917-2003) foi um filósofo e acadêmico dos Estados Unidos. Em seu livro *How is Weakness of the Will Possible?*, o pensador afirma: “Ao fazer x, uma pessoa age de modo incontinente se e somente se: (a) faz x intencionalmente; (b) acredita que existe uma ação alternativa y que pode fazer; e (c) julga que, consideradas todas as coisas, seria melhor fazer y do que fazer x” (Davidson, 1969: 22). Existem dois elementos principais nesta definição: a ação acrática é caracterizada por ser intencional; e a acrasia traz uma percepção negativa para quem a pratica. O primeiro exclui ações em que o agente é forçado a agir de acordo com desejos ou fatores irresistíveis. Além disso, requer que a explicação da acrasia esteja em harmonia com a explicação mais ampla do agir intencional. O segundo é fundamental, pois distingue a acrasia dos casos, bem documentados pelos moralistas, em que o agente ignora um determinado código de conduta que deverá seguir. Geralmente, isso indica que o agente não internalizou esse código, quando decide segui-lo, o faz principalmente para evitar as punições associadas. A incoerência no comportamento do acrático é o que revela sua irracionalidade, que se mantém em favor da sua própria imutabilidade.

Sinta-se convidado à audição do 485º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 8, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em www.radiotabajara.pb.gov.br ou através do link <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante a transmissão, comentarei sobre algumas peças e a virtuosidade da violinista e pianista alemã Julia Fischer (1983).

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Onde está o milagre?

O que não permanece, é exatamente o que permanece. A fotografia que ilustra a coluna deste domingo é de 1929, tirada no encontro de Solvay, em Bruxelas. Não é uma fotografia batida, mas estão aí Einstein, Curie, Schrödinger, Bohr, Heisenberg e quase todos os gênios da física e da química, que o mundo geracional soube produzir, mudando para sempre o rumo da história, mas o mundo está cheio de imagens manipuladas e *deep fakes*, quando você não acredita nem vendo, é porque provavelmente não é para acreditar mesmo.

Estamos dentro dessa nova era da inteligência artificial, onde ferramentas de manipulação e criação de imagens estão cada vez mais populares. O Google anunciou o Reimagine do Pixel 9, onde é possível gerar imagens de alta fidelidade em menos de 10 segundos.

Algumas pessoas comentaram comigo o texto que publicamos aqui no jornal *A União*, sobre uma fotografia, de quando éramos meninos, eu e meus irmãos Roccas. Comecei a pensar no reconhecimento das imagens, do tempo de antes de eu nascer — do fundamento da realidade, os fios brancos nos meus cabelos e sobrancelhas, quando olhamos para os retratos antigos, e o que essas imagens podem nos favorecer.

Espantado fico eu com o acaso ou, se pensarmos que não há acasos, como queria Einstein, cheio das incertezas quânticas, espantados a bruta organização do tempo, que nele se acumula, em faixas outras, estreitas, esmiuçadas, em vez de espalhados na luz púrpura.

Sejam sempre as fotografias a ilustração de nossa história, de dispersar discretamente pelos vários ângulos e somos apenas capelas de um e de outro, existência que já se caminha para o fim, para que nunca exageramos ao dizer da genialidade de uma fotografia — claro que sim.

A importância da imagem, da acumulação de propósitos, sentimentos, bem-estar na hora de fazer a foto, uma alegria, quando somos maior que a luz que imaginamos na nossa imagem projetada, nunca iluminados.

Por vezes abrangendo espaços do pequeno mundo que nos permite, por exemplo, que um personagem do romance *Civilização*, de Gore Vidal (para dar um exemplo esteticamente neutro, mas totalmente eficaz nos seus propósitos), possa, possamos, entender as milhares de imagens, mundo afora.

O juiz Hermance Gomes, um homem reservado, repleto de sentimentalidades, me envia a imagem da Onça Caetana, feita pelo santeiro Bento de Sumé, cuja arte está em viagem pelo mundo, mas pra início de conversa não é reconhecido aqui na Paraíba — bobagem, meu caro magistrado, o importante já não é que nossa emoção sobreviva.

Mas porque mudar o assunto ao invés de conversar no tempo de uma única vida com Sócrates, Zoroastro, Buda, Lao-Tse e Confúcio no tempo, deixado para trás, mortos e sofríveis, os esforçados e os que chegaram lá.

É assim o segredo da fotografia, de constelações, sem falsos ajustamentos, os filtros da modernidade.

Não sei por que estou escrevendo esse texto, talvez por falta de um tema e não raramente vejo numa saturação, igual àquela que nos olha dentro da fotografia collab no Instagram

Digam-nos (mudando para a literatura), onde foi parar Teresa Batista Cansada de Guerra e aqueles meninos sonhadores do mar, os capitães de Jorge Amado. Será que os jovens vão gostar de ler o autor de *O País do Carnaval*?

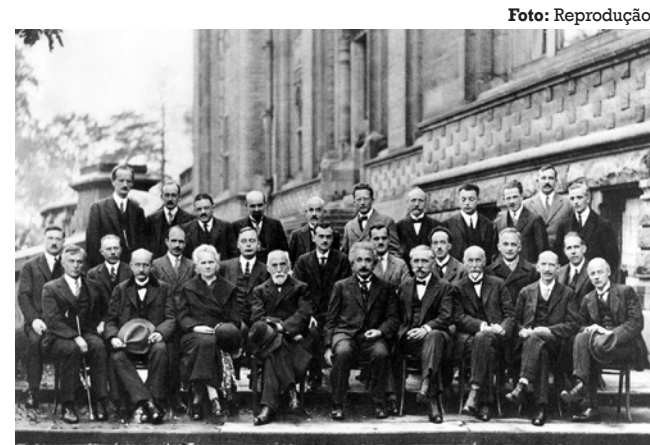
Vi uma a imagem congelada do presidente Lula que em sua passagem pela Paraíba, dizendo que “não somos um país que tem complexo de viralata”.

Onde está o milagre? Onde está a verdade?

Kapetadas

1 - Que eu tenho que viver, e não somente sobreviver.

2 - Bloquear é inteligente. Não desbloquear é sábio.



Conferência de Solvay, em 1929, reuniu cientistas consagrados

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Tecnologia imersiva e a tradição cinematográfica

O cinema é uma forma de arte que floresceu pelo impulso de uma simples e rústica manivela, sob a dinâmica de 24qs (vinte quatro quadros por segundo). Isso, lá pelos idos do fim do século 19, para dar mobilidade às imagens criadas por uma outra arte precursora: a fotografia. Posteriormente, dando-lhe “voz e cor”, o cinema marcou espaços não só como meio de entretenimento, mas, usando de sua capacidade mais importante, a da representação das coisas e de vida na Terra. Durante mais de um século, o cinema passou por incursões bem consideráveis e inovadoras, tecnologicamente.

Já na década de 1950, pelo que me consta, a *move-art* teria sua primeira experiência transformadora na maneira de exibição de seus filmes, com o 3D (terceira dimensão). Lembro dessa época, ainda muito jovem, vendo o espanto no rosto do espectador nas salas de projeção assistindo a filmes com o novo recurso tecnológico. Recurso que “virtualizava” objetos e personagens saindo da tela e indo ao encontro da plateia, com todas aquelas pessoas usando óculos especiais recebidos na entrada do cinema. Uma experiência que não vingou, por ser custosa para as empresas exibidoras.

O segundo momento inovador no cinema foi a introdução do Cinerama. Sistema de projeção de imagens não apenas numa tela convencional, mas em *grand écran* dividido em três partes. Uma tela central, mais duas em conexão lateralmente, na sala de projeção. Todo sistema



A realidade virtual é um recurso que é um novo desafio para a sétima arte

acompanhado também do novo som Dolby Stereo. Época das grandes produções do cinema americano, como *Apocalypse Now*, de Francis F. Coppola, e de *Guerra nas Estrelas*, de George Lucas.

Hoje em dia, a famigerada indústria cinematográfica busca se engajar aos novos recursos tecnológicos (inclusive IA) para competir com as redes sociais. Essa situação vem influenciando as atuais gerações, inclusive acadêmicas, na busca de tratamento diferenciado da “imagem cinematográfica”, conceito visual de havia muito firmado, cientificamente, como cinema. Sabendo-se que o étimo da palavra Cinema, originalmente, indica ser uma arte que produz imagens em movimento sobre uma realidade existente — ou, supostamente existente. Daí as categorias “documental” ou “ficcional”.

No entanto, a “modernice” exagerada ao se abordar o tema das tecnologias,

como recurso de novas ações, tem deixado sérias preocupações. Sobretudo, em razão de uma atividade considerada tradicionalmente “cinematográfica”. Mais ainda, quando tais inovações são instruídas academicamente, sob uma prática considerada “aprendizagem imersiva”. Ou seja, o uso de algumas ferramentas consideradas especiais como realidade virtual, inteligência artificial (IA), entre outras, de feição meramente individual, exercício ainda no campo das hipóteses, que muito vêm impactando as novas gerações. A rigor, cinema sempre foi uma arte direcionada ao coletivo: jamais à individualidade.

E aqui ficaria um aviso já conhecido: “Por se tratar de uma modalidade relativamente nova e pouco explorada, o ‘cinema imersivo’ se enquadra em uma série de experiências diferentes envolvendo não só cinema e tela...” – Para mais Coisas de Cinema, acesse: www.alexasantos.com.br



APC reúne diretoria já em sua nova sede

A Academia Paraibana de Cinema realizou a primeira reunião de diretoria, na última quinta-feira, já em sua nova sede na Fundação Casa de José Américo. Foi acertado para este mês o lançamento do livro *Menino de Cinema*, sobre Severino Alexandre dos Santos, patrono da cadeira 5 da APC. Foi também registrada a recente ida do presidente da APC, João de Lima, a Campina Grande, acompanhado de alunos do curso de Cinema da UFPB, sendo recebidos pelo cineasta e prof. Hipólito Lucena, no Centro de Arte e Cultura, quando se discutiu sobre acervo do cineasta Machado Bittencourt, com exibição de *Parahyba*, em parceria com Alex Santos. Obras de Rômulo e Romero Azevedo, também da APC, foram igualmente exibidas.

EVENTO

Jinarla lança Sankofa, amanhã, no Varadouro

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

A artista paraibana Jinarla celebra nesta semana não apenas o seu aniversário: ela promove amanhã o lançamento da primeira temporada de *Sankofa*, série documental dirigida e roteirizada por ela, que começa a ser exibida na grade da TV Cidade João Pessoa no próximo sábado, dia 14. O evento de lançamento será amanhã, às 19h, no Ateliê Multicultural, situado no Centro de João Pessoa; além de exibir trechos dos cinco episódios que compõem esta primeira leva do programa, ela debate o projeto com o público e recebe a artista Vó Mera, para uma apresentação especial.

“Sankofa” é uma palavra

que carrega o significado de um ideograma originário de Gana, país localizado na parte ocidental do continente africano — a imagem de um pássaro que volta o bico para o seu próprio dorso. A etimologia do vocábulo vem da união dos termos “san” (voltar), “ko” (ir), e “fa” (buscar e pegar) — em suma, a ideia de retornar ao passado para aprender ou corrigir problemas. Jinarla fez o seu próprio sankofa ao realizar um teste genético e descobrir suas origens — vindas de países da África e da Península Ibérica e de povos originários das Américas do Norte, Central e do Sul.

No ano passado, prestes a visitar o México, com recursos próprios, a fim de investigar um dos países presentes em seu DNA, ela foi convidada

pela TV Cidade para registrar e transformar o seu diário de viagem em uma série autobiográfica, perfazendo a temporada que estreia no próximo final de semana; até o fechamento desta matéria, o horário de exibição do programa não havia sido definido. A segunda temporada foi rodada no primeiro semestre deste ano, em Portugal, contou com recursos do edital Arte na Bagagem, do Governo do Estado; o material foi encaminhado para edição. A terceira jornada de Jinarla foi ao estado do Acre, em agosto, também patrocinada pelo Arte na Bagagem.

Durante as viagens do Sankofa, a atriz encena nos espaços públicos dos lugares que visita parte da performance *Meu Sangue, Teu Sangue*, parte do espetáculo *Parahyba Rio Mu-*

lher, desenvolvido pelo coletivo teatral paraibano de mesmo nome. “Cada edição me deu presentes maravilhosos, que me acrescentaram camadas sobre quem eu sou hoje em dia. Eu arriscaria dizer que a viagem a Portugal foi a que mais me impactou, por estar colocando, pela primeira vez, um projeto meu no mundo, indo sozinha, pagando para ver”, pontua Jinarla.

No momento em que lhe entrevistamos para esta reportagem, a artista assistia, de forma inédita, a edição que o público verá a partir de sábado e nas próximas quatro semanas. “Acho que procrastinei para assistir esses episódios porque entendo as fragilidades de um trabalho que nunca havia feito. Fui melhorando ao longo das temporadas. Mas a gente só aprende ‘pondo a cara no sol’, por isso a minha vontade de celebrar, neste evento de amanhã”, afirma ela.



Jinarla leva para a TV Cidade seu projeto que já foi apresentado no México e em Portugal

Letra Lúdica

Hildeberto
 Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Originais do poetinha

O poeta me mostra seus originais com o ar de quem fez grande proeza lírica. Pedeme que o leia com atenção e, se possível, diga qualquer coisa sobre suas pretensões literárias. Pretende, claro, diz ele, publicar suas primícias expressivas, assim que puder. Acredita, não sei se com ou sem falsa modéstia, que seus poemas podem trazer um diferencial estético na mesmice provinciana.

De certa maneira, cá na terra de Augusto dos Anjos, todos, ou quase todos, principalmente bacharéis e bacharelas, contabilistas, membros do Rotary Clube, evangélicos, corretores de imóveis, jornalistas e que tais não temem o risco de cometer um versinho qualquer. A vaidade, como que patogênica, se sobrepõe à ordem salubre da convivência intelectual, na sua honestidade e grandeza.

Pois bem, fui ler os originais do poeta primavera. Primeiro me ative ao mínimo mandamento que deve reger a ação de quem se mete a escrever. Escrever principalmente o verbo literário. Isto é, o conhecimento e o domínio da língua. Constatei, não digo que espantado, pois, como diz o poeta grego, nada do que é humano me espanta.

Constatei, dizia, erros menores de concordância, de pontuação, de ortografia. Vi que não se trata dos ditos erros funcionais que buscam efeitos estilísticos, tão praticados, e praticados conscientemente, pelos poetas modernos, sobretudo, depois dos gritos e da zoada nas três noites da Semana de Arte Moderna, realizada no Teatro Municipal de São Paulo.

No que tange à esfera técnica, por exemplo, atos como cortar o verso, efetivar um enjambement, exercitar uma rima, configurar uma aliteração ou uma sinestesia, explorar o tecido metafórico, enfim, socorrer-se dos chamados recursos retóricos para, cada vez mais, semantizar o poema nas suas polissêmicas ressonâncias, vi-me diante de uma absoluta nulidade. Aquilo não era poema, era prosa menor, mal arrumada no acabamento dos versos.

O conteúdo se resume ao puro e ingênuo confessionalismo, ou seja, àquilo que os irmãos Campos bem nomearam de “poesia lágrima” ou “poesia solução”. Sentimentos, emoções, sensações, estados d’alma, enfim, toda a cadeia de clichês e estereótipos que conformam a frouxa e gordurosa arquitetura do lirismo besta e açucarado. Coisa humana. Não coisa estética.

O poetinha me causou um desconforto e um constrangimento daqueles! Sua poesia me pareceu um erro de percurso, um acidente idiomático, uma explosão de tolices e banalidades que só podem depor contra o autor que a cultiva, não sei se por ingenuidade, arrogância ou megalomania.

A propósito, a arena literária da província é fértil na criação de tipos e modelos desta natureza. Eventos, lançamentos, festas literárias, academias, salas de aula ou qualquer território institucional e público que abra espaço para as letras, estão cheios desses pequeninos, raquíticos e anêmicos literatos. Miúdos percevejos que empestam os ambientes.

Na verdade, a mediocridade se alimenta da mediocridade. A bajulação, a conveniência, a idolatria, o corporativismo, o interesse mesquinho fazem o resto.

Não sou inocente. Sei que o poetinha sabe isto como ninguém. Se seus versos são ruins, extremamente ruins, ele é muito bom na paparicagem e bajulação dos maiores e sabe fazer caminho por dentro dos labirintos das instituições culturais como poucos. O poetinha é isto: um tipo característico do nosso meio artístico, um penetra a furar os recantos sagrados da república das letras.

Fico me perguntando como dizer tudo isto a ele. Não gosto de mentiras, adulações, panos quentes. Mas vou dizer. Já estou dizendo, aqui, na plataforma desta Letra Lúdica. E o faço em nome de uma ética cultural e humana que pressupõe a verdade e a sinceridade diante do poema. Lá no fundo, sinto que não faço o mal. Sinto que me move um gesto singular e corajoso no palco das amizades literárias.

Seus originais, poetinha, só têm um lugar adequado, um receptáculo próprio para produtos como os seus: a lata de lixo. Poupe-me e a outros dessa idiotice e dessa estupidez. Não queira, como tantos, enriquecer o dicionário de Bouvard e Pécuchet, idealizado por Gustave Flaubert. Nem me fazer parodiar o verso de Drummond e dizer: - Vai, poetinha, ser besta na vida!

SANKOFA

- Lançamento da primeira temporada da série de Jinarla e apresentação de Vó Mera
- Amanhã, às 19h
- No Ateliê Multicultural (R. da Areia, 155, Varadouro, João Pessoa)
- Entrada franca

ARTES VISUAIS

Inspiração em mudanças da natureza

A paraibana Aurora Caballero expõe telas e esculturas em cerâmica até outubro em galeria de Recife

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

O nome curioso da exposição *Sonhava-se Muito com o Mar e as Formigas*, da artista pessoense Aurora Caballero, é uma adaptação de trecho de *O Livro das Ignorâncias*, do poeta Manoel de Barros. No texto, o escritor diz que o mundo não foi feito em alfabeto, mas, primeiro, em “água e luz”, para apenas depois surgirem árvores, pedras, homens e lagartixas. Os trabalhos de Aurora, expostos desde o último dia 6 de agosto na Arte Plural Galeria (APG), em Recife, inspiram-se na natureza e nos processos de transformação do mundo em que vivemos. A mostra permanece em exibição na capital pernambucana até 5 de outubro, com entrada franca.

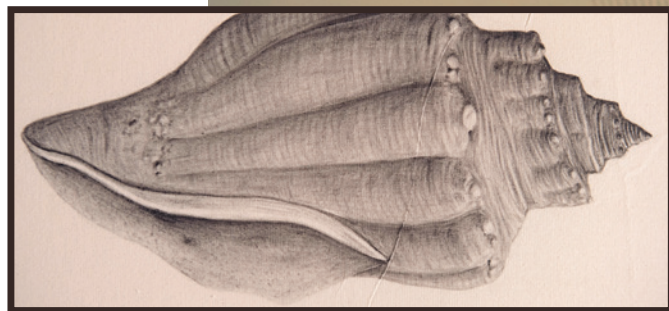
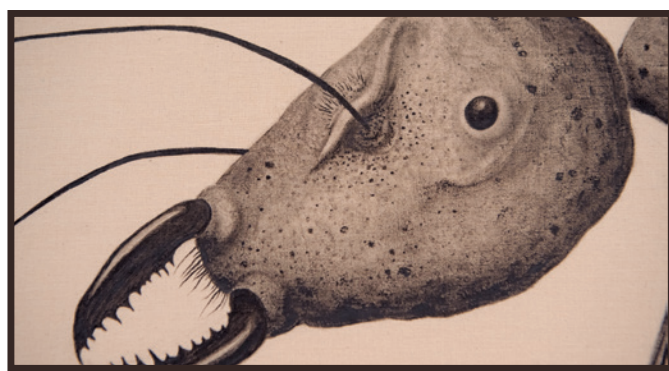
São, ao todo, 30 obras, divididas em três segmentos diferentes: “Peixe planta” e “Coleção”, que utilizam o *gyotaku*, antiga técnica de impressão de elementos marinhos em tela; e “Seres pedra”, compostas por esculturas feitas em cerâmica. Objetos naturais diversos são utili-

zados para a obtenção das impressões: conchas, dentes, pedras e sementes. Já as figuras de cerâmica perfaçam criaturas semelhantes a fósseis, mas sem relação direta com qualquer animal em específico. A exposição conta com a curadoria de Joana D’Arc Lima.

Aurora tem um passado estreito junto ao estudo da natureza: ela chegou a cursar Biologia, trancando o curso, tempos depois do ingresso, para seguir carreira acadêmica nas Artes Visuais. Detalhando o processo de produção de suas obras, Aurora nos conta que elas partem de coletas que ela mesma faz, em locais diversos. “Eles constituem um ajuntamento que mantenho há vários anos. Esse material colecionado é, em um só tempo, referência visual e parte constitutiva dos trabalhos”, ela define.

Apesar de ser sua estreia numa exposição individual em Recife, não é a sua primeira experiência no território pernambucano – Aurora já havia participado de outros eventos similares, coletivamente. Ela pretende trazer a mostra para João Pessoa,

assim que tiver oportunidade. “O interessante nesta exposição é que pude levar para Recife uma quantidade de produção muito maior, o que possibilita uma dimensão mais complexa de minha pesquisa, das linguagens que utilizo e dos percursos conceituais que são referência para a minha poética”, explica a artista.



A natureza é um tema que interessa especialmente à artista, que chegou a cursar Biologia

Fotos: Cristiana Diaz/Divulgação

SONHAVA-SE MUITO COM O MAR E AS FORMIGAS

■ Exposição de Aurora Caballero.

■ Na Arte Plural Galeria (Rua da Moeda, 140, Bairro do Recife, Recife).

■ Visitação de segunda a sexta, das 9h às 18h, e aos sábados, das 14h às 18h, até 5 de outubro.

■ Entrada franca

Em Cartaz



Cinema

Programação de 5 a 11 de setembro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande e Patos.

ESTREIAS

OS FANTASMAS AINDA SE DIVERTEM – BEETLEJUICE, BEETLEJUICE (*Beetlejuice, Beetlejuice*). EUA, 2024. Dir.: Tim Burton. Elenco: Michael Keaton, Winona Ryder, Catherine O’Hara, Jenna Ortega, Justin Theroux, Willem Dafoe, Monica Bellucci, Danny DeVito. Comédia/fantasia. Após tragédia pessoal, família volta a casa assombrada onde a mais jovem recorre ao portal para outro mundo e para o retorno de Besouro Suco. 1h44. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 17h, 19h15; leg.: 21h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 5:** dub.: 15h30, 18h, 20h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 6:** leg.: 18h30, 21h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE):** dub.: 14h30, 19h30; leg.: 17h, 22h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP):** leg.: 13h50, 16h15, 18h45, 21h30. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 1:** dub.: 14h30, 17h, 19h30, 22h. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 5:** dub.: 15h30, 18h, 20h30. **CINESERCLA TAMBIA 2:** dub.: 19h30. **CINESERCLA TAMBIA 6:** dub.: 16h20, 18h25, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 16h20, 18h25, 20h30. **CINESERCLA PARTAGE 4:** dub.: 19h30. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 15h10, 17h10, 19h10, 21h10. **MULTICINE PATOS 1:** dub.: 15h45, 18h10, 20h30.

CORRIDA MALUCA (*The Silk Road Rally*). EUA/ Reino Unido/ Emirados Árabes Unidos/ Canadá/ Índia, 2023. Dir.: Ross Venokur. Animação/comédia. Jovem piloto ganha chance de competir em concorrido rally. 1h33. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 14h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 15h10, 17h20.

HELLBOY E O HOMEM TORTO (*Hellboy – The Crooked Man*). EUA/ Reino Unido/ Alemanha, 2024. Dir.: Brian Taylor. Elenco: Jack Kesy, Jefferson White, Leah McNamara. Aventura/terror. Hellboy descobre uma comunidade rural assombrada por bruxas. 1h39. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 19h; leg.: 21h15. **CINÉPOLIS MANAÍRA 3:** dub.: 17h15, 19h45; leg.: 22h10. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3:** dub.: 19h, 21h30. **CINESERCLA TAMBIA 4:** dub.: 16h50, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 16h50, 20h40. **Patos:** MULTICINE PATOS 3: dub.: dom.: 15h10, 19h, 21h10; seg. a qua.: 15h30, 19h, 21h10.

KILL – O MASSACRE NO TREM (*Kill*). Índia, 2023. Dir.: Nikhil Nagesh Bhat. Elenco: Lakshya, Raghav Juyal. Ação/policial. Homem enfrenta grupo de bandidos que tomam

um trem. 1h45. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 19h15; leg.: 21h40. **CINESERCLA TAMBIA 3:** dub.: 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 21h.

OTHELO, O GRANDE. Brasil, 2024. Dir.: Lucas H. Rossi dos Santos. Documentário. A trajetória de Grande Otelo, um dos mais importantes atores brasileiros. 1h23. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: 20h45.

A VINGANÇA DE CINDERELA (*Cinderella’s Revenge*). EUA/ Reino Unido, 2024. Dir.: Andy Edwards. Elenco: Lauren Staerck, Natasha Henstridge. Suspense. Cinderela ganha da fada-madrinha o poder de se vingar brutalmente de quem a humilhou. 1h25. 18 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h, 18h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h, 18h50. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 19h20, 21h15.

VOVÓ NINJA. Brasil, 2024. Dir.: Bruno Barreto. Elenco: Glória Pires, Cléo Pires. Leandro Ramos, Dadá Coelho. Comédia. Em férias na chácara da avó, netos descobrem que ela tem habilidades fora do comum. 1h36. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: 16h, 18h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 8:** 13h40, 16h, 18h10, 20h15. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2:** 13h45, 16h, 18h15. **CINESERCLA TAMBIA 3:** 19h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: 19h.

CONTINUAÇÃO

ALIEN – ROMULUS (*Alien – Romulus*). EUA/ Reino Unido, 2024. Dir.: Fede Alvarez. Elenco: Cailee Spaeny, David Jonsson. Ficção científica/suspense. Em uma estação espacial abandonada, jovens exploradores encontram criatura assassina. 1h59. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 19h.

CIDADE; CAMPO. Brasil, 2024. Dir.: Juliana Rojas. Elenco: Fernanda Vianna, Mirella Façanha, Bruna Linzmeyer, Raquel Ferreira. Drama. Duas mulheres enfrentam migração entre cidade e campo. 1h59. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom.: 19h. Próximas semanas: sab. 15/9; 19h; qui. 19/9; 19h; sab. 21/9; 17h; seg. 23/9; 19h; dom. 29/9; 19h.

O CORVO (*The Crow*). Reino Unido/França/ EUA, 2024. Dir.: Rupert Sanders. Elenco: Bill Skarsgård, FKA Twigs, Danny Huston. Aventura. Astro do rock assassina do volta dos mortos para se vingar. 1h51. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 21h45.

DEADPOOL & WOLVERINE (*Deadpool & Wolverine*). EUA, 2024. Dir.: Shawn Levy. Elen-

co: Ryan Reynolds, Hugh Jackman, Emma Corin. Aventura. Dois super-heróis irascíveis se unem para salvar universo. 2h07. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 15h15, 18h15, 21h15. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4:** dub.: 21h15. **CINESERCLA TAMBIA 2:** dub.: 15h. **CINESERCLA TAMBIA 5:** dub.: 20h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 20h20. **CINESERCLA PARTAGE 4:** dub.: 15h. **Patos:** CINE GUEDES 2: dom.: dub.: 16h25.

DIVERTIDA MENTE 2 (*Inside Out 2*). EUA/ Japão, 2024. Dir.: Kelsey Mann. Vozes na dublagem brasileira: Miá Mello, Tatá Werneck, Dani Calabrese, Katiuscia Canoro, Otaviano Costa, Léo Jaime. Aventura/comédia/animação. As emoções na cabeça de menina de 13 anos têm problemas quando novos sentimentos surgem. 1h36. Livre.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIA 6: dom.: dub.: 14h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dom.: dub.: 14h20.

É ASSIM QUE ACABA (*It Ends with Us*). EUA, 2024. Dir.: Justin Baldoni. Elenco: Blake Lively, Justin Baldoni, Jenny Slate. Drama/romance. Mulher em relacionamento tóxico reencontra amor do passado. 2h10. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 20h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 6:** dub.: 15h45. **CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP):** leg.: 14h45, 17h45, 20h45. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4:** dub.: 15h45, 18h30. **CINESERCLA TAMBIA 5:** dub.: 15h20, 17h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h20, 17h50. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 18h40. **MULTICINE PATOS 4:** dub.: 18h40.

ESTÔMAGO II – O PODEROSO CHEF. Brasil/ Itália, 2024. Dir.: Marcos Jorge. Elenco: João Miguel, Nicola Siri, Paulo Miklos. Comédia. Chef em penitenciária enfrenta a concorrência de mafioso italiano. 2h11. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 16h15. **CINÉPOLIS MANAÍRA 1:** 16h30.

GREICE. Brasil/Portugal, 2024. Dir.: Leonardo Mouramateus. Elenco: Amândya, Mauro Soares, Jesuítia Barbosa. Comédia/drama. Estudante brasileira em Lisboa é acusada de estranho acidente. 1h50. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: seg.: 19h. Próximas semanas: sab. 14/9; 15h; dom. 22/9; 15h; dom. 29/9; 17h.

HAROLD E O LÁPIS MÁGICO (*Harold and the Purple Crayon*). EUA, 2024. Dir.: Carlos Saldanha. Elenco: Zachary Levi, Lil Rel Howery, Zoëy Deschanel. Aventura/infantil. Personagem que torna real tudo o que desenha vem para o mundo real. 1h30. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: sab. e dom.: 14h30.

LONGLEGS – VÍNCULO MORTAL (*Longlegs*). EUA/ Canadá, 2024. Dir.: Os-

good Perkins. Elenco: Maika Monroe, Nicolas Cage. Suspense/policial. Para capturar serial killer, agente deve desvendar pistas. 1h41. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 18h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 7:** dub.: 15h, 20h; leg.: 17h30, 22h15. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2:** dub.: 20h45. **CINESERCLA TAMBIA 2:** dub.: 17h30. **CINESERCLA TAMBIA 3:** dub.: 17h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 17h30. **CINESERCLA PARTAGE 5:** dub.: 17h. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 21h. **MULTICINE PATOS 4:** dub.: 21h20.

MEU MALVADO FAVORITO 4 (*Despicable Me 4*). EUA, 2024. Dir.: Chris Renaud. Vozes na dublagem brasileira: Leandro Hassum, Maria Clara Gueiros. Comédia/aventura/animação. Família de ex-vilão é forçada a fugir quando é perseguida. 1h35. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 14h15, 16h45. **CENTERPLEX MAG 4:** dub.: 16h30. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3:** dub.: 16h45. **Patos:** CINE GUEDES 2: dom.: dub.: 14h40. **MULTICINE PATOS 4:** dub.: sab. e dom.: 14h30; seg. a qua.: 16h05.

MOTEL DESTINO. Brasil/França/ Alemanha/ Reino Unido, 2024. Dir.: Karim Ainouz. Elenco: Fábio Assunção, Nataly Rocha, Iago Xavier. Drama/suspense. Chegada de um jovem alterna a rotina de um motel de beira de estrada no Ceará. 1h59. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom.: 17h. Próximas semanas: sab. 14/9; 19h; seg. 16/9; 19h; sab. 21/9; 19h; dom. 22/9; 17h; ter. 24/9; 19h; sab. 28/9; 17h.

MUSIC (*Musik*). Alemanha/França/Grécia/Sérvia, 2023. Dir.: Angela Shanellec. Elenco: Aliocha Schneider, Agathe Bonitzer. Drama. Jovem preso se apaixonou pela diretora da prisão. 1h48. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom.: 15h; ter.: 19h. Próximas semanas: sab. 14/9; 17h; qui. 26/9; 19h; dom. 29/9; 15h.

PETS EM AÇÃO (*Gracie and Pedro – Pets to the Rescue*). Canadá/África do Sul/EUA, 2024. Dir.: Kevin Donovan, Gottfried Roodt. Infantil/animação. Cadelas e gato se perdem dos donos em mudança. 1h27. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 15h10. **CINESERCLA TAMBIA 3:** dom.: dub.: 15h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dom.: dub.: 15h10. **Patos:** MULTICINE PATOS 4: dom.: dub.: 16h35.

PRINCESA ADORMECIDA. Brasil, 2024. Dir.: Cláudio Beckel. Elenco: Pietra Quintela, Maísa, Patrícia França. Comédia/fantasia. Garota descobre que é princesa de um país distante e alvo de vilã. 1h20. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 13h30. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3:** 14h45.

REAPRESENTAÇÃO

LUCCAS E GIEM DINOSAURIOS. Brasil, 2024. Dir.: Leandro Neri. Elenco: Luccas Neto, Gi Alparone, Juliana Knust. Comédia/aventura/infantil. Irmãos descobrem plano para trazer dinossauros de volta. 1h31. Livre.

João Pessoa: SALA VLADIMIR CARVALHO (Usina Energisa, Av. Juarez Távora, 243, Centro). Terça, 20h. Entrada franca..

Música

ESTA SEMANA

PALCO TABAJARA. Shows de Confluência e de Blues à Brasileira.

João Pessoa: SALA VLADIMIR CARVALHO (Usina Energisa, Av. Juarez Távora, 243, Centro). Terça, 20h. Entrada franca..

Exposições

CONTINUAÇÃO

BEM ME QUERO – ARTE QUE CURA. Coletiva com obras de autoria de mulheres em sofrimento psíquico.

João Pessoa: FUNDAÇÃO CASA DE JOSÉ AMÉRICO (Av. Cabo Branco, 3336, Cabo Branco - 3219.0900 - @fundacaocacasadejose). Visitação até 13 de setembro. Entrada franca.

DORIO AO MAR. Fotografia do coletivo Paraíba com foco na cidade de João Pessoa.

João Pessoa: ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação até 30 de novembro. Entrada franca.

LOLA PINTO E LU AZEVEDO. Pintoras apresentam exposição *Cores Nativas*, a partir de corantes vegetais.

João Pessoa: CENTRO CULTURAL SÃO FRANCISCO (Praça São Francisco, Centro). Visitação até 22 de setembro. Entrada franca.

UNHANDEIJARA LISBOA. Gravura, instalação, vídeo, escultura, arte correio e outras obras na exposição *Unhandeijara Lisboa e o País de Jaguaribe*.

João Pessoa: USINA ENERGISA (Av. Juarez Távora, 243, Centro). Visitação de terça a sábado, das 13h às 18h, até 5 de outubro. Entrada franca.

WILSON FIGUEIREDO. Pinturas e esculturas na exposição *Reminiscência Afetiva*.

João Pessoa: FUNDAÇÃO CASA DE JOSÉ AMÉRICO (Av. Cabo Branco, 3336, Cabo Branco - 3219.0900 - @fundacaocacasadejose). Visitação até 23 de setembro. Entrada franca.

ELEIÇÕES 2024

Propostas para a Saúde na capital

Tema é central na campanha e faz parte dos planos de todos os nomes que disputam a prefeitura de João Pessoa

Filipe Cabral
filipescabral@gmail.com

Assunto obrigatório em praticamente toda campanha ou debate eleitoral, a saúde pública tem se destacado como um dos temas centrais nos planos de governo apresentados pelos candidatos a prefeito nas Eleições Municipais 2024 na Paraíba. Em João Pessoa, por exemplo, os seis postulantes ao cargo têm feito questão de priorizar em suas campanhas a divulgação de propostas como a construção de hospitais, ampliação de programas e reforço dos serviços de atenção básica.

Nesse contexto, para auxiliar os eleitores e eleitoras da ca-

pital, A União reuniu as principais propostas dos candidatos ligadas ao tema e conversou com o médico sanitário Luciano Bezerra Gomes, que é professor do Departamento de Promoção da Saúde do Centro de Ciências Médicas (CCM) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O pesquisador comentou sobre as principais questões que devem ser analisadas em relação à prestação de serviços de saúde em âmbito municipal e destacou alguns pontos a que os eleitores devem estar atentos na hora de escolher os candidatos.

Foto: Arquivo pessoal



Luciano Gomes, médico sanitário e professor

Um dos principais pontos diz respeito à assistência de média e alta complexidades, que inclui os serviços especializados

Atenção Primária

Segundo Luciano, o primeiro passo é se informar sobre as atribuições que os municípios têm na organização do Sistema Único de Saúde (SUS), ou seja, que papel desempenham e que responsabilidades assumem na gestão pactuada com os governos federal e estadual. Nesse sentido, o professor ressalta a importância de começar avaliando o que os candidatos apresentam em termos de propostas para a Atenção Primária à Saúde (APS).

“Como eu penso que deve funcionar a atenção básica no meu município? As equipes de saúde da família devem atender a população como um todo? Para isso, elas têm que ter que tipo de estrutura? Existe previsão de investimento em qualificação do serviço em termos de infraestrutura e de capacitação de profissionais? Além da equipe mínima de saúde da família — que tem médicos, enfermeiros, dentistas, técnico de saúde bucal, agentes comunitários de saúde, técnico de enfermagem e pessoas da área administrativa —, eu vou ter equipes multiprofissionais para atender a população? Qual é a cobertura populacional que eu quero? Como fazer com que a atenção básica seja uma porta de entrada preferencial para o SUS para toda a população? Acho que essas são algumas questões iniciais para o eleitor pensar”, explicou.

Atenção especial

Outro ponto levantado por Luciano diz respeito à assistência de média e alta complexidades, que inclui os serviços especializados encontrados em hospitais e ambulatorios e envolve o atendimento direcionado

para áreas como pediatria, ortopedia, cardiologia, oncologia, ginecologia, oftalmologia, entre outras especialidades médicas. Ainda se encaixam nesse campo as Unidades de Pronto Atendimento (UPA 24h) e o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu 192).

Para além da rede de urgência e emergência ampla, equipada e com profissionais capacitados e com condições adequadas de trabalho, o professor chama atenção também para a necessidade dos chamados “serviços substitutivos” na assistência da saúde mental.

“Nós temos, na Paraíba, uma necessidade de saúde mental cada vez maior por parte da população. Isso se intensificou com a pandemia, mas ainda temos pouca oferta de ‘serviços substitutivos’. A quantidade de Centros de Atenção Psicossocial (Caps), por exemplo, ainda está muito aquém do que a população precisa. Nem mesmo os parâmetros mínimos do Ministério da Saúde, via de regra, são seguidos pela maioria das cidades no nosso estado. A capital João Pessoa, inclusive, tem uma quantidade absurdamente pequena de Caps”, sinalizou.

Por João Pessoa ser uma cidade de grande porte, Luciano também ressaltou a necessidade de que os candidatos a prefeito pensem sobre o papel de referência da capital para o estado, absorvendo, muitas vezes, a demanda de outros municípios.

“O futuro prefeito precisará articular com a Secretaria Estadual de Saúde e com o conjunto das secretarias municipais de Saúde do Estado — por meio do Conselho de Secretários Municipais de

Saúde (Cosems) — essa pactuação para que a regulação — que é a maneira como se dá o gerenciamento das vagas nos serviços de João Pessoa para a população dos outros municípios — seja feita de forma transparente, qualificada e para que a gente não tenha uma fila gerenciada com base em interesses econômicos e políticos”, destacou.

Promoção da saúde

Por fim, além das propostas específicas da área da saúde, o pesquisador sugere que os eleitores atentem para “o projeto político mais geral” de cada candidato, pois, conforme explica, “a saúde é, antes de qualquer coisa, um fenômeno complexo que está relacionado a um conjunto de políticas públicas”.

“A promoção da saúde e a prevenção de doenças envolve, claro, ações específicas de saúde, mas também políticas de moradia para a população, garantia do direito à cidade por meio de transporte público de qualidade, política de alimentação, de assistência social, de cultura, de educação. É importante que os eleitores e as eleitoras observem o que está sendo proposto de maneira mais ampliada para essa concepção de saúde que envolve o conjunto das políticas públicas”, defendeu.

Propostas

Nos pedidos de registro de candidatura à Justiça Eleitoral, os candidatos a prefeito de João Pessoa protocolaram os respectivos planos de governo. O documento reúne as propostas de cada um para a gestão municipal de 2025 a 2028.

No que se refere ao tema da saúde, o plano de gover-

no do atual prefeito e candidato à reeleição, Cícero Lucena (Progressistas), traz como principais propostas: a construção de um Hospital de Doenças Raras no município; a conclusão de 10 novas Unidades de Saúde da Família (USFs); a implantação de um Centro de Hemodiálise municipal anexo ao Hospital Santa Isabel e de um Centro de Diagnóstico de Imagem da Mulher (CDIM) ao lado do Hospital Dia, em Jaguaribe.

Também fazem parte dos planos de Cícero a ampliação do programa João Pessoa Opera Mais, a instalação de uma unidade de Pronto Atendimento de Urgência Infantil 24h e a construção de dois novos Caps, uma Policlínica do Idoso e uma nova maternidade e Casa de Parto, com 154 leitos, na capital.

O candidato do PT, Luciano Cartaxo, destaca em seu plano de governo a construção de um novo Hospital Geral de Urgência e Emergência, duas UPAs e um Centro Municipal de Diagnóstico por Imagem (CDI). No âmbito da atenção básica, ele propõe ampliar a cobertura das Equipes de Saúde da família para todo o município, assim como a equipe do Serviço de Assistência Domiciliar e o Programa de Residência Médica em Saúde da Família.

Em relação à atenção especializada, Cartaxo pretende construir seis policlínicas municipais, 11 Caps para públicos específicos, como pessoas com transtornos mentais, dependentes químicos e crianças, criar a Secretaria Municipal da Inclusão e Direitos da Pessoa com Deficiência, reformar e requalificar o Complexo Hospitalar de Mangabeira (Trauminha) e instituir o programa Mais Médicos Especialistas nas 10 especialidades clínicas mais demandadas pela população da capital.

Entre as prioridades de Ruy Carneiro (Podemos) para a saúde, estão: a construção do “Novo Trauminha”; a reativação do Centro da Dor; a abertura de um Centro de

Opções

Pesquisador sugere que os eleitores atentem para “o projeto político mais geral” de cada candidato, pois, conforme explica, “a saúde é, antes de qualquer coisa, um fenômeno complexo”

Referência para os pessoas com Transtorno do Espectro Autista; a ampliação do programa de Saúde da Família no município; e a implementação de sistemas de agendamento on-line para reduzir o tempo de espera dos pacientes.

Também destacam-se entre as propostas do candidato: a realização de concurso para aumentar o número de equipes de Saúde da Família; a realização de “Mutirão da Saúde” usando horários ociosos nos hospitais privados; a ampliação do horário de funcionamento das UBSs e policlínicas; e a criação de um Centro de Tratamento de Dependentes Químicos e Unidades Terapêuticas Municipais.

A ampliação da rede de USFs, assim como a extensão do horário de funcionamento das UBSs e o agendamento on-line de consultas também aparecem entre as propostas do médico e ex-ministro da Saúde, Marcelo Queiroga (PL). O candidato também pretende criar um Centro de Diagnóstico por Imagem, criar a Rede Municipal de Saúde Infantil, implantar um Centro de Saúde Municipal especializado no atendimento à Pessoa com Defi-

ciência (PCD) e fortalecer a Rede Municipal de Atenção à Saúde Mental, com a ampliação do pronto atendimento e reestruturação das unidades Caps

A lista de propostas de Queiroga ainda inclui a criação de uma Rede Municipal de Saúde Neonatal, a ampliação da quantidade de Policlínicas Municipais e das ações de vigilância epidemiológica e sanitária na média e alta complexidades.

Em seu plano de governo, Yuri Ezequiel (UP) diz que pretende “defender, de forma intransigente, o SUS e a efetivação do controle social previsto na Constituição Federal” e “efetivar a Atenção Básica em Saúde com trabalho interdisciplinar e multiprofissional como política prioritária para o município”. Como medidas concretas, ele planeja implementar o PSF em todos os bairros de João Pessoa, construir a UPA do Bairro das Indústrias, realizar concursos para diversos cargos e garantir o piso salarial da enfermagem.

As propostas de Yuri ainda incluem a construção de um laboratório municipal de produção de medicamentos, a ampliação da rede de Caps, do número de maternidades e centros de partos humanizados e a criação de uma clínica especializada em atendimento de pessoas trans e travestis.

O candidato do PCO, Camilo Duarte, não elencou em seu plano de governo as medidas que propõe tomar caso seja eleito. No documento, contudo, ele defende que “a saúde pública deve ser colocada a serviço dos trabalhadores” e que “é preciso garantir que nenhuma empresa privada tome controle do SUS como acontece com as OSs [organizações sociais]”.

“O serviço de saúde público deve ser completamente estatal. Além disso, os trabalhadores devem ganhar um salário digno. Eles devem ter o controle do sistema de saúde por meio das suas próprias organizações, o que remove o controle desse setor pelos burocratas”, pontuou.



Foto: Evandro Pereira

Serviços prestados na saúde pública devem ser analisados na hora da escolha de um candidato

CIGARROS ELETRÔNICOS

Liberação divide senadores e especialistas em saúde

Estima-se que quatro milhões de brasileiros usem o dispositivo ilegalmente

Da Redação
Com Agência Senado

Está prestes a ser votado, na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado (CAE), o Projeto de Lei (PL) nº 5.008/2023, que regulamenta o consumo e o comércio de cigarros eletrônicos. Também chamados de *vapes*, atualmente esses produtos são vendidos ilegalmente no país. A proposta é cercada de controvérsias: uma das preocupações é o consumo precoce dos jovens, principais usuários do produto. Segundo a pesquisa Covitel 2023, pelo menos quatro milhões de brasileiros já utilizaram o dispositivo. O assunto coloca em lados opostos a indústria do tabaco e entidades de saúde. Essa divisão também existe entre os senadores, embora todos concordem que é necessário proteger os jovens.

Para a autora do projeto, Soraya Thronicke (Podemos-MS), a regulamentação permitirá um melhor controle do comércio, inclusive com o combate às vendas ilegais, e viabilizará uma melhor proteção dos potenciais consumidores — especialmente crianças e adolescentes. Hoje, ressalta ela, qualquer pessoa pode comprar o dispositivo em camelôs ou pela internet.

O senador Eduardo Gomes (PL-TO), relator da matéria, tem a mesma opinião. Ele também avalia que, na prática, a proibição hoje vigente é ineficaz. “A demanda pelos cigarros eletrônicos é crescente, o que indica que o consumidor não tem difi-



Foto: Jôedison Alves/Agência Brasil

Também chamados de vapes, equipamentos são encontrados facilmente no mercado informal

culdade para encontrar o produto. Logo, a proibição da Anvisa é ineficaz em coibir o consumo. A regulamentação do mercado se faz ainda mais necessária para proteger o consumidor de produtos adulterados e para permitir legalizar a fabricação e a importação”, diz ele.

Outro senador que defende o projeto é Dr. Hiran (PP-RR), que é médico. “O que a gente tem de fazer é minimizar os riscos: dizer que faz mal; fazer uma propaganda eficiente [de conscientização], como é a propaganda contra o tabaco no país. Nós temos de realmente taxar com muita veemência. Temos de direcionar tudo que for arrecadado em termos de tributos para o Sistema Único de Saúde [SUS], que está sobrecarregado com doenças causadas pelo uso da nicotina”, declarou Hiran em audiência pública realizada em maio.

Economia

Segundo Eduardo Gomes, outros benefícios da iniciativa seriam a geração de empregos e o aumento da receita tributária. Em seu relatório, ele cita estudo da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), segundo o qual há uma demanda potencial por cigarros eletrônicos de R\$ 7,5 bilhões por ano, que, se concretizada, poderia levar à criação de até 114 mil novos postos de trabalho (formais e informais).

O estudo da Fiemg também indica que a regulamentação levaria a um aumento de R\$ 673 milhões por ano na arrecadação do governo. Os setores que mais contribuiriam para isso seriam o de fabricação de produtos de fumo (R\$ 135,9 milhões) e o da agricultura (R\$ 113,24 milhões).

Outra entidade que apoia a

iniciativa é a Associação Brasileira da Indústria do Fumo (Abifumo), que, em 20 de agosto, divulgou uma nota em defesa do projeto. A Abifumo enfatiza que “a proibição dos cigarros eletrônicos já se mostrou ineficiente” e “a regulamentação é realidade em mais de 80 países, como Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Suécia e Nova Zelândia”.

“Os países desenvolvidos encontraram maneiras de restringir os produtos a adultos fumantes como alternativas de menor risco, como cientificamente comprovado. Somente o avanço deste tema no Congresso poderá estabelecer parâmetros de composição, restrições a embalagens e sabores apelativos, controle dos pontos de vendas, entre diversos outros aspectos que, hoje, são amplamente ignorados pela clandestinidade”, diz o documento.

Regulamentação ameaça jovens e custos do SUS

Para os que são contra a regulamentação, a liberação do produto é um risco à saúde pública e levará a um consumo ainda maior entre os jovens. Isso poderia ampliar o número de casos de câncer e, como consequência, os gastos do Sistema Único de Saúde (SUS).

Oriovisto Guimarães (Podemos-PR) lembra que tanto a Anvisa quanto associações médicas em vários países se opõem ao uso de cigarros eletrônicos. “É uma tolice sem tamanho dizer que, se regulamentar, vai controlar. Se hoje, mesmo com a proibição da Anvisa, já não há controle, imaginem-se a lei disser que pode. Ai, sim, nós vamos ter o caos”, criticou.

O senador Eduardo Girão tem opinião semelhante. Para ele, legalizar os cigarros eletrônicos na esperança de que iremos diminuir

o comércio paralelo é uma falácia. “Temos de seguir as normativas da Anvisa, que se manifestou pela manutenção da proibição [em abril deste ano]”. Girão é autor do PL nº 4.356/2023, que proíbe a fabricação, a importação, a comercialização e a publicidade de cigarros eletrônicos. A matéria está em análise na Comissão de Agricultura e Reforma Agrária (CRA).

Também contrário à regulamentação, o senador Randolfe Rodrigues (PT-AP) apresentou o PL nº 6.161/2023, que tipifica como crime o ato de vender ou oferecer cigarros eletrônicos a crianças ou adolescentes, com pena de reclusão de dois a seis anos e multa. A proposta prevê alterações no Estatuto da Criança e do Adolescente. O texto está em análise na Comissão de Direitos Humanos (CDH).

Entidades apontam risco de aumento no consumo

Entidades como a Organização Mundial da Saúde (OMS) alertam para o risco de que os *vapes* induzam os jovens a se iniciar no tabagismo cada vez mais cedo.

O diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, declarou que “os cigarros eletrônicos são comercializados para pessoas muito jovens para torná-los dependentes da nicotina”.

O vice-presidente da Associação Médica Brasileira (AMB) na Região Centro-Oeste, Etelvino Trindade, também apontou os riscos desse consumo. Segundo ele, “substâncias são adicionadas ao cigarro eletrônico para levar à dependência química, da mesma forma como ocorre com o cigarro tradicional”.

Para a diretora-presidente da organização não governamental ACT Promoção de Saúde, Mônica Andreis, quem está de fato consumindo os cigarros eletrônicos são jovens, muitas vezes menores de idade e, na maioria, não fumantes de cigarros tradicionais. “Eles estão iniciando o consumo [de tabaco] com esses produtos. E muitos deles já estão desenvolvendo problemas de saúde graves em um tempo muito curto”, alerta.

A estudante Anna Clara de Oliveira é usuária dos cigarros eletrônicos há qua-

tro anos. Hoje, aos 21, ela diz que sua saúde foi extremamente prejudicada pelo uso dos dispositivos. Anna Clara conta, por exemplo, que tem dificuldades para realizar exercícios físicos. “Exercícios fáceis como subir uma escada ou andar por alguns minutos me deixam com falta de ar”, relata.

A especialista em fisioterapia cardiorrespiratória Fernanda Maia enfatiza que ainda não se conhecem os efeitos do uso precoce dos cigarros eletrônicos à medida que o corpo envelhece. “Temos o receio sobre como esse jovens [consumidores dos *vapes*] estarão no longo prazo. Teoricamente, os jovens têm uma reserva pulmonar maior e, muitas vezes, os sintomas têm uma consequência em menor proporção. Mas, à medida que forem envelhecendo, a tendência fisiológica é que a atuação dessas substâncias tenha um impacto muito maior”, explica.

Fernanda Maia também contesta a ideia de que esses dispositivos auxiliem na redução do uso do cigarro tradicional. “Existe uma tendência ao uso duplo: em vez de ocorrer uma diminuição na utilização [do cigarro tradicional], ocorre a dupla utilização [dos dois tipos de cigarro: o tradicional e o eletrônico]”, alerta a fisioterapeuta.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Cartas romanas de Terezinha

Margarida Costa de Lima tem 85 anos, nasceu em Catolé do Rocha e lançou um livro com 435 páginas sobre a cidade de Bom Sucesso, onde mora. Terezinha Campos Coutinho reside em Bananeiras, escreveu três livros e está finalizando a quarta obra, aos 87 anos. Terezinha preside a Academia de Letras de Bananeiras, onde eu me encarrego da secretaria, orientado pelo meu confrade Manoel Luiz, com seus 83 anos e mais de 10 livros publicados. O vice-presidente é Oséas, também do time dos setentões. O mais juvenil dessa confraria sou eu, com meus 69 anos. Essa galera me tira da zona de desconforto associado à maturidade. São pessoas que levaram anos e anos de prática, de técnica para conseguir chegar à vetustez com essas mentes vigorosas e dinâmicas.

Porque cabeça vazia é oficina de barata desconexa. O inseto da caducidade só precisa de um sinalzinho de decrepitude, um vacilo qualquer para se instalar e breçar nossa capacidade de criar. Por isso, levo meus dias de aposentado escrevendo, na vã expectativa de produzir minha obra-prima. Às vezes, numa média de duas ou três vezes por ano, eu paro e penso: o que diabo faço, tomando meu improdutivo tempo a compor palermices, enquanto o ocaso cada vez mais comparece nos hemogramas e sinais biológicos do fim? Daí chega um confrade e reacende minha fé:

– Não esmoreça! Victor Hugo tinha 60 anos quando escreveu “Os miseráveis”, um dos maiores clássicos da literatura mundial. Você vai acabar colhendo o que plantou pela vida toda.

Só que eu não plantei isso que estou colhendo não! Sabotaram minha horta. Só pode! Ai vou visitar minha amiga Terezinha, encontro-a escrevendo à mão seu próximo livro. Independentemente de qual seja o nível da qualidade literária de sua produção, só o fato de ela ignorar as muitas décadas de vida e os achaques naturais da idade para se sentir renovada ao escrever, quando a dor desaparece, a saudade do seu amado e finado marido se abranda, a coragem de viver volta e pacífica o estresse na terceira idade, já vale a pena registrar sua visão de mundo nos seus poemas memorialísticos. Fernando Pessoa confessou: “Se escrevo o que sinto é porque assim diminuo a febre de sentir. O que confesso não tem importância, pois nada tem importância. Faço paisagens com o que sinto”.

Ariano Suassuna morreu com 87 anos. Uma das suas vaidades era ser velho, ter essa regalia de chegar até a idade avançada. O velho poeta se indignava com esse papo de “terceira idade”. “Velhice não é defeito, é triunfo e glória”, proclamava. Para Rubem Alves, psicanalista, educador, escritor e teólogo, outro que se foi depois dos oitenta, terceira idade é fila de banco, e velho é poesia. Durante a Ditadura Militar, Rubem Alves foi expulso da Igreja Presbiteriana, acusado de comunismo. Perseguido pelo Regime Militar, abandonou a Igreja e se exilou nos Estados Unidos. Sustenta a lenda que o poeta Rubem Alves, ao ser acuado pelos censores da Ditadura, indagado sobre o que fazer diante da opressão fascista, foi profundo na jugular da intolerância: “Fazer e ler poesia. Os canalhas odeiam poesia”.

Li o livro “Poemas que brotam do coração”, de Terezinha Campos Coutinho, escrito no idioma da saudade. Ela fala em versos sobre seu Toinho, esposo dileto e inesquecível, que “era vascaíno, de corpo e alma”, só não de coração porque esse pertencia à poetisa. Lembranças da cultura do mundo rural paraibano com seus antigos engenhos, seus valores e sua decadência, expressos na poesia descomplicada de Terezinha Campos, as remotas e doces recordações de Roma, o distrito de Bananeiras onde morou por muitos anos, sua cidade eterna, e não a velha capital nacional da Itália. Escreve o que aconteceu e o que poderia ter acontecido no universo açucareiro de pequenas engenhocas e dos grandes engenhos onde se criou e conheceu os momentos de esplendor e glória daquela sociedade baseada na economia do açúcar. Ela é parente do escritor José Lins do Rego, outro que embasa sua obra nas lembranças dos latifúndios da cana-de-açúcar, de certa forma questionando o modelo de dominação patriarcal. Os poemas/prosas de Terezinha Campos não falam das perversões da sociedade burguesa onde foi formada. Cria do então poder emergente dos usineiros, Terezinha se contenta em abraçar as lembranças de seu eterno namorado, homem que escolheu para compartilhar as alegrias da vida e hoje é a expressão maior de sua escrita. “A deliciosa rotina do nosso amor sagrado”, confessa a poetisa. São suas cartas de amor, cada dia mais sofridas, menos resignadas. Francesco Petrarca foi um poeta que viveu em Roma, morrendo em 1304. Ele escreveu, e repasso para Terezinha da Roma paraibana: “As duas cartas de amor mais difíceis de escrever são a primeira e a última!”. Almejo que Terezinha escreva ainda muitas cartas poéticas de amor para seu Toinho.

Colunista colaborador

Saiba Mais

O cigarro eletrônico é conhecido por nomes como *vape*, *pod*, *e-cigarettes* e *tabaco aquecido*, entre outros. O PL nº 5.008/2023 autoriza o consumo, a produção, a comercialização, a exportação e a importação dos dispositivos. O projeto também determina que os vapes deverão ter registro junto à Anvisa, à Receita Federal, ao Inmetro e, no caso daqueles que dispuserem de tecnologias que permitam comunicabilidade, também junto à Anatel. Além disso, o texto contém regras parecidas com as do cigarro convencional, como a proibição do consumo em locais fechados.

COSTA BRASILEIRA

Rochas revelam variação no mar

Estudos indicam as áreas mais vulneráveis à elevação do nível da água e alertam que o cenário deve piorar

Carlos Fioravanti
Da Pesquisa Fapesp

Os geólogos sabem há tempos que o mar estava mais ou menos a 125 m abaixo do atual limite entre as praias e as ondas na cidade do Recife, em Pernambuco, há 20 mil anos. Naquele período, uma floresta ocupava a região que viria a ser a praia de Boa Viagem, uma das mais conhecidas da capital pernambucana. Talvez houvesse até mesmo rios com cachoeiras caindo das elevações que hoje formam a plataforma continental, limite entre os trechos mais rasos e mais profundos do mar.

Depois o mar subiu e, de acordo com análises do geógrafo Antonio Vicente Ferreira Junior, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), entre 4,7 mil e 4,1 mil anos atrás, o nível médio na região do Recife e dos municípios costeiros mais próximos ao norte e ao sul pode ter atingido três metros acima do nível médio atual. Seria o bastante para as ondas cobrirem a foz do rio Capibaribe, as avenidas à beira-mar e o antigo centro das cidades litorâneas da Região Metropolitana.

Estudos como este, publicado em abril na *Ocean and Coastal Research*, completam, detalham e eventualmente corrigem as informações obtidas por técnicas menos precisas que as atuais. Servem também para indicar as áreas mais vulneráveis à elevação do nível do mar, que deve ser intensificada nas próximas décadas pelas mudanças climáticas. O aumento da temperatura média anual do planeta aquece o oceano e faz seu volume expandir-se; pela mesma razão, as geleiras em terra firme derretem, o que também contribuiu para o aumento do volume dos mares.

“Nos anos 1980, não tínhamos GPS geodésico, com o qual hoje medimos a altitude de um ponto com grande precisão”, comenta o geólogo José Maria Landim Domingues, da Universidade Federal da Bahia

(UFBA). Ele estava no doutorado quando participou da equipe coordenada pelos geólogos Kenitiro Suguio (1937-2021), da Universidade de São Paulo (USP), e Louis Martin, do Escritório de Pesquisa Científica e Técnica no Exterior (Orstom), hoje Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento (IRD), da França.

Os três e outros geólogos coletaram e analisaram cerca de 700 amostras de rochas e restos de organismos marinhos ao longo de metade do litoral, do norte de Alagoas ao sul de Santa Catarina. Esse estudo, publicado em 1985 na *Revista Brasileira de Geociências*, mostrou variações locais e regionais do nível médio do mar — no Nordeste, pode ter chegado a cinco metros acima do atual há cerca de 5,7 mil anos, enquanto no Sul não teria passado de três metros.

Aos poucos, um conceito se assentou: “Há alguns anos se falava em uma variação global uniforme do nível do mar, mas hoje sabemos que cada região tem suas peculiaridades, por causa da geologia e do relevo”, comenta a geóloga Helenice Vital, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Com sua equipe, ela acompanha há 20 anos a oscilação do mar no litoral potiguar, publicando suas descobertas desde 2006 em revistas especializadas como a *Marine Geology*.

Definido como a altitude média da superfície dos oceanos, o nível do mar foi registrado pela primeira vez no Brasil pelo astrônomo português Bento Sanches Dorta (1739-1794) em 1781 na baía de Guanabara, e com regularidade a partir de 1831, também no Rio de Janeiro. O sobe e desce do mar reflete as forças gravitacionais da Lua e do Sol sobre a Terra, as deformações na superfície dos oceanos, o derretimento ou a formação de geleiras e a mudança do eixo da Terra, que faz o mar balançar como se estivesse em um prato suspenso no ar.



Área pontilhada mostra onde o mar chegava há 120 mil anos, na Falésia Ponta dos Três Irmãos, no Rio Grande do Norte

Análise de rochas ajuda a entender fenômeno

Reação

A perspectiva de danos intensos tem feito municípios costeiros do Brasil planejarem medidas de prevenção contra a subida do mar

Retratada em paredes de rochas à beira-mar, a oscilação da altura média do mar pode ser medida de várias formas. Os grupos de Vital e de Ferreira examinaram as variações nos últimos 10 mil anos, o período geológico conhecido como Holoceno, por meio de rochas chamadas arenitos de praia (ou *beachrocks*), que indicam os antigos limites do mar. Elas se formam somente na linha de costa, a fronteira entre a terra e o mar, quando a água dos rios encontra a do mar e faz o carbonato de cálcio (CaCO₃) de organismos marinhos se dissolver e cimentar os sedimentos. Segundo Landim, essa cimentação foi registrada pela primeira vez pelo empresário e historiador português Gabriel Soares de Sousa (1540-1591) no Tratado descritivo do Brasil, de 1587, ainda que atribuindo a formação do que chamou de seixinhos de praia ao congelamento da areia em contato “com a frialdade da água do mar”. A análise microscópica e a datação do carbono de uma das formas de CaCO₃ de conchas incrustadas nas rochas indicam quando as camadas das rochas se formaram e, a partir daí, a variação do nível do mar em um lugar específico.

No início de junho, o geó-

logo Rodolfo José Angulo, com sua equipe da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e colegas do exterior, percorreu as praias de Laguna, em Santa Catarina, em busca de outro indicador da variação do nível do mar: os caracóis marinhos conhecidos como vermitídeos. A determinação da idade de uma das formas de carbono da couraça desses moluscos indica quando esses organismos se fixaram em rochas que estavam próximas à linha de maré baixa.

“Às vezes, encontramos vermitídeos em morros, indicando que naquele lugar o nível do mar já esteve mais alto”, comen-

ta. Seu plano é descobrir como o mar subiu e desceu no litoral catarinense em um período mais recente, os últimos 300 anos, somando as informações das cascas dos moluscos com as dos dois tipos de aparelhos que acompanham a oscilação do mar, os marégrafos (o Brasil tem uma rede de cerca de 330 aparelhos ao longo do litoral) e satélites artificiais, como o Copernicus Sentinel-6, da Agência Espacial Europeia (ESA).

Arenitos, vermitídeos e corais já serviram para o grupo da UFPR mostrar que o nível do mar, entre seis mil e cinco mil anos atrás, deveria estar a quase três metros acima do atual no arquipélago de Abrolhos e a 4,5 m acima no atol das Rocas, ambos na costa brasileira. Os resultados foram detalhados em artigos publicados em maio e agosto de 2022 na *Marine Geology*.

Em conjunto, esses estudos revelam as transformações do litoral brasileiro. “Há 120 mil anos, a plataforma continental de Pernambuco era parte do continente”, comenta Ferreira. Landim ajuda a enriquecer a paisagem milenar: “Há 20 mil anos, não existiam as baías de Todos os Santos (BA) e da Guanabara (RJ) nem a lagoa dos Patos (RS). Estava tudo coberto por vegetação, até o mar subir e inundar tudo”.

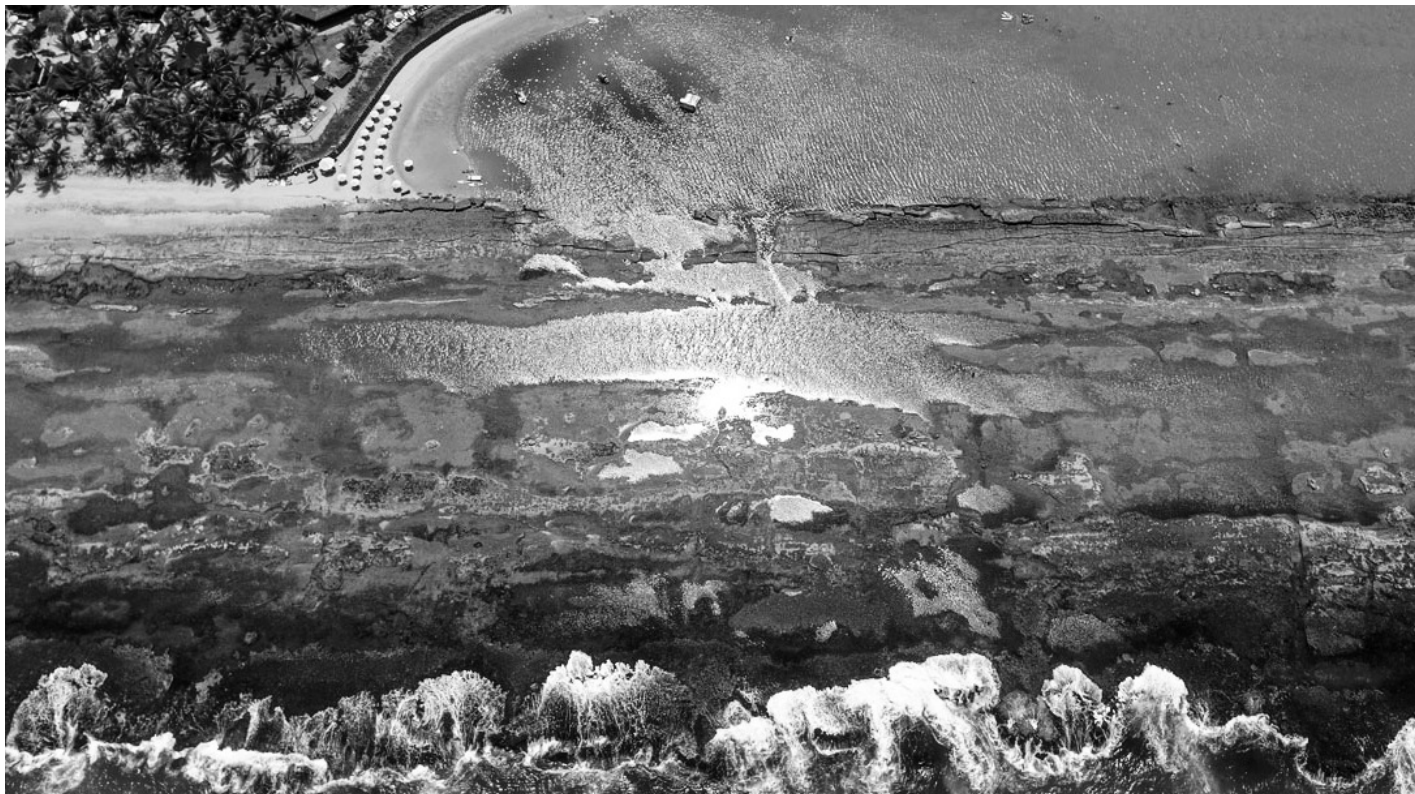
Depois de recuar, subir e estabilizar-se, o nível do mar apresenta uma clara tendência de novamente se avolumar, em todo o mundo. “É inquestionável que o mar está subindo nas últimas décadas”, afirma Angulo.

De acordo com a Nasa, a agência espacial norte-americana, o nível médio global do mar aumentou cerca de 9,4 cm desde 1993; entre 2022 e 2023, o aumento foi de 0,7 cm, em razão do aquecimento global e do El Niño intenso. “Em teoria, deveríamos estar entrando em um período geológico de resfriamento, com recuo da linha da costa”, diz Vital. “Mas não é o que estamos vendo”.

No *site* Sea Level, a Nasa projeta uma elevação do mar de 10 cm em 2030 para Belém, Recife, Rio de Janeiro e Cananéia, no litoral paulista. Um grupo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) também prevê uma elevação de 70 cm até 2100 na ilha Fiscal, no limite do centro histórico da capital fluminense, como argumentado em um artigo de março na *Natural Hazards*. Seria o bastante para causar a perda das áreas remanescentes de manguezais, aumentar as inundações marinhas e prejudicar lugares turísticos da cidade do Rio. A perspectiva de danos intensos tem feito municípios costeiros do Brasil planejarem medidas de prevenção contra a subida do mar.

“Para definirmos as áreas mais vulneráveis à elevação do nível do mar, precisamos fazer mapeamentos com precisão, na escala de centímetros”, diz Landim. Usando uma tecnologia de sensoriamento remoto que usa feixes de laser chamada Lidar (*Light Detection and Ranging*), ele verificou que, no município de Belmonte, no sul da Bahia, as áreas mais sensíveis são pouco ocupadas pelos moradores. “Praias urbanas estreitas, comprimidas entre as avenidas e o mar, tendem a desaparecer, a não ser que ganhem areia, um processo caro”.

O avanço do mar sobre ilhas e continente está longe de ser uma possibilidade remota. Em junho, por causa da elevação do nível do mar, o governo do Panamá, na América Central, solicitou a cerca de mil moradores da ilha Gardi Sugdub, uma das 50 ocupadas pelos indígenas Guna, que se mudassem para uma cidade recém-construída no continente, com casas pré-fabricadas. De acordo com uma reportagem da CNN, as casas ainda não tinham acesso a água nem a serviços de saúde. A mudança, no entanto, é necessária. “Dentro de 40 a 80 anos — dependendo da altura das ilhas e da taxa de aumento do nível do mar —, a maioria, se não todas as ilhas habitadas da região, estará submersa”, alertou para a CNN Steven Paton, diretor do programa de monitoramento físico do Smithsonian Institution no Panamá.



Praia de Muro Alto, em Ipojuca, no estado de Pernambuco, possui uma faixa de arenitos superficiais que se estende por 4,7 km

NOVAS OPORTUNIDADES

Prefeituras da PB abrem 380 vagas

Segundo os editais, os salários podem chegar a R\$ 6 mil, em São José de Piranhas, e a R\$ 4,9 mil, em Jacaraú

Lilian Viana

lilian.vianacaneana@gmail.com

Duas prefeituras paraibanas abriram inscrições para novos concursos públicos: São José de Piranhas e Jacaraú. Ao todo, são quase 380 vagas disponíveis para candidatos com formação em níveis médio, técnico e superior.

Só para a Prefeitura de São José de Piranhas, são 357 vagas, distribuídas entre os níveis fundamental, médio, técnico e superior, além de oportunidades para o magistério. As remunerações variam de R\$ 1.412 a R\$ 6.000, e a carga horária semanal é de 30 a 40 horas.

As inscrições, iniciadas na última sexta-feira, devem ser realizadas por meio do endereço eletrônico cpcon.uepb.edu.br, até as 23h59min do dia 6 de outubro. A taxa de inscrição custa R\$ 75 para cargos de nível fundamental, R\$ 95 para cargos de níveis médio e técnico e R\$ 115 para os cargos de nível superior e magistério.

A seleção será composta por três etapas: prova escrita objetiva, prova prática (para alguns cargos) e prova de títulos (para as vagas do magistério). Segundo a Comissão Permanente de Concursos (CPCCon) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), responsável pela organização do certame, a prova objetiva será realizada no dia 24 de novembro e a prova prática, no dia 9 de fevereiro de 2025. A publicação do resultado final está prevista para o dia 22 de fevereiro.

Já a Prefeitura de Jacaraú abriu concurso para preencher 22 vagas, além de cadastro reserva, para cargos de níveis médio e superior. As oportunidades incluem os cargos de auditor de tri-



Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

Certames têm provas objetivas previstas para acontecer no mês de novembro; podem se inscrever candidatos de níveis médio, técnico e superior

butos, agente administrativo, assistente de sala, guarda municipal e professor (classe A). As remunerações variam de R\$ 1.412 a R\$ 4.197,17, com jornadas de 30 a 40 horas semanais.

As inscrições, que estão abertas desde a última quarta-feira e se estendem até 7 de outubro, devem ser realizadas no endereço eletrônico educapb.com.br. O valor da taxa de inscrição varia de R\$ 72 a R\$ 100.

Os concorrentes serão avaliados por meio de prova objetiva, prevista para acontecer no dia 17 de novembro. Para alguns cargos, também haverá prova prática e prova de títulos.

Vagas para professor

Para quem está em busca de seleções na docência superior, a Universidade

Federal de Campina Grande (UFCG) abriu o período de inscrições para a contratação de 36 professores substitutos. Mas é preciso se apressar, pois o prazo se encerra já na próxima terça-feira. As inscrições custam R\$ 100 e devem ser feitas, exclusivamente, pela internet.



Pelo QR Code acima, acesse o edital do concurso da UFCG

Saiba Mais

Na Paraíba, há ainda outros sete editais de concursos públicos com vagas abertas. São 597 oportunidades em diferentes áreas. Confira:

■ Correios

São 33 vagas imediatas, além de formação de cadastro reserva, em níveis técnico e superior. Os salários variam de R\$ 3.672,84 a R\$ 6.872,48, e as inscrições devem ser feitas no site iades.com.br, até as 23h59 de hoje.

■ Câmara Municipal de Sapé

São nove vagas em cargos de níveis fundamental, médio e superior. Os salários variam de R\$ 1.511,84 a R\$ 2.021,35. As inscrições devem ser feitas no site facetconcursos.com.br, até a próxima sexta-feira.

■ Prefeitura de Barra de Santana

São 63 vagas em cargos de níveis fundamental incompleto, médio, técnico e superior. Os salários variam de R\$ 1.412 a R\$ 5.970. As inscrições devem ser feitas no site cpcon.uepb.edu.br, até hoje.

■ Agentes de Saúde e Endemias de João Pessoa

São 432 vagas em cargos de nível médio,

e o salário é de R\$ 2.424. As inscrições devem ser feitas no site www.idecan.org.br, até o próximo dia 16.

■ Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

São 14 vagas em cargos de níveis fundamental, médio, técnico e superior. Os salários variam de R\$ 1.577,35 a R\$ 3.566,25. As inscrições devem ser feitas no site cpcon.uepb.edu.br, até o próximo dia 15.

■ Prefeitura de Duas Estradas

São 40 vagas em cargos de níveis fundamental, médio e superior. Os salários variam de R\$ 1.412 a R\$ 11.000. As inscrições devem ser feitas no site cpcon.uepb.edu.br, até hoje.

■ Câmara Municipal de Itaporanga

São seis vagas em cargos de nível fundamental, e o salário é de R\$ 1.412. As inscrições devem ser feitas no site cpcon.uepb.edu.br, até o dia 22 deste mês.

Papel do educador físico vai além das práticas esportivas

No concurso aberto pela Prefeitura de São José de Piranhas, há duas vagas imediatas para educador físico, com jornada de 30 horas por semana. Uma excelente oportunidade para quem deseja fazer a diferença no ambiente escolar. Em João Pessoa, a educadora física Cíntia Correia, que atua em uma escola particular da cidade, já está se preparando para se inscrever. "Estou animada com a chance de trabalhar em uma escola pública e de contribuir para o desenvolvimento físico e social dos alunos", revela Cíntia.

Segundo ela, o profissional de educação física desempenha um papel crucial na formação integral dos alunos, promovendo saúde e bem-estar. Por isso, sua rotina é multifacetada. Cíntia, por exemplo, começa



Foto: Daniel Medeiros/Secom-PB

Profissional da área contribui com o desenvolvimento físico e social dos estudantes

o dia planejando as atividades físicas, que vão desde exercícios básicos até esportes mais complexos. Ela também coordena eventos esportivos e trabalha, indi-

vidualmente, com cada aluno, para melhorar as habilidades e a autoestima deles. "Cada aluno é único e adaptar as atividades às suas necessidades é um dos maio-

res desafios da profissão", destaca.

Nos ambientes escolares públicos, esses desafios se intensificam, já que o profissional precisa lidar com

uma variedade de condições socioeconômicas e, muitas vezes, com estruturas físicas e materiais limitados. Apesar disso, Cíntia vê o trabalho nas escolas públicas como uma oportunidade de impacto ainda maior. "Em escolas públicas, você encontra uma diversidade de realidades e pode fazer uma diferença significativa na vida dos alunos. É uma missão importante e muito gratificante", garante.

Ela acredita que a possibilidade de atuar em uma escola pública é uma chance de ampliar seu impacto e enfrentar novos desafios. "É um passo importante na minha carreira e uma forma de contribuir para a inclusão e o desenvolvimento de todos os alunos, independentemente de suas condições", argumenta.

Enquanto se prepara

para o concurso, Cíntia continua a se dedicar às suas responsabilidades na escola particular, com a certeza de que cada aula e cada atividade contribuem para um futuro mais saudável e ativo para seus alunos.



Em escolas públicas, você pode fazer a diferença na vida dos alunos. É uma missão muito gratificante

Cíntia Correia

Selic

Fixado em 31 de julho de 2024

10,50%

Salário mínimo

R\$ 1.412

Dólar \$ Comercial

+0,35%

R\$ 5,590

Euro € Comercial

+0,19%

R\$ 6,198

Libra £ Esterlina

+0,12%

R\$ 7,348

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Julho/2024 0,38

Junho/2024 0,21

Mai/2024 0,46

Abril/2024 0,38

Março/2024 0,16



MUNDO NOVO

IA transforma a realidade do mercado de trabalho

Profissionais temem perder vagas, mas estudiosos veem sinergia com a máquina

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Nos últimos anos, e mais intensamente do ano passado para cá, só se fala nela: a Inteligência Artificial (IA). Há quem ame, há quem odeie e há quem tenha medo, principalmente porque sempre tem quem afirme que a IA vai roubar empregos. A reportagem do **Jornal A União** conversou com especialistas e usuários da tecnologia para entender melhor as vantagens e desvantagens das IAs que estão se popularizando cada vez mais.

A professora do Centro de Informática da Universidade Federal da Paraíba, Thaís Gaudêncio, que pesquisa inteligência artificial, acredita que, assim como aconteceu no processo da revolução industrial, a IA impactará de forma mais direta os empregos que só requer a execução de tarefas repetitivas e automatizáveis, mas demandará também por profissionais especializados na área, fazendo com que sejam criados novos empregos e novas habilidades.

“Por exemplo, em muitas profissões, com o grande aumento do volume de dados disponíveis, poderemos tomar decisões mais facilmente utilizando essa fonte de informações como suporte. Dessa forma, muitos trabalhadores precisarão se adaptar e adquirir novas habilidades na área de IA, precisando, inclusive, compreender seus desafios éticos e regulatórios”, afirmou.

Ela não acredita que profissões serão totalmente extintas, mas as vagas podem reduzir. “Algumas profissões enfrentam o risco significativo de serem profundamente alteradas. É só pensarmos nos tradutores. Hoje as ferramentas de tradução automática funcionam super bem, no entanto, a IA ainda terá dificuldade de tratar neologismos, alguns termos técnicos ou alguns sotaques. Sendo assim, em um contexto mais geral, poderemos usar essas ferramentas automáticas, mas em casos específicos os tradutores ainda serão fundamentais”, exemplificou.

Para Thaís, o uso de IA para realizar as tarefas mais rotineiras e repetitivas é extremamente interessante, já que permite que os seres humanos se concentrem em tarefas mais complexas e criativas.

Imitar e criar

O professor de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, Valdenio Meneses, afirma categoricamente: “A IA imita e monta bem, mas ela não cria.

Quem cria é a gente”.

Ele contou que em suas aulas de Escrita Acadêmica tem usado o ChatGPT como gerador de texto para levar os alunos a uma reflexão crítica sobre a escrita. “É como um espelho. Os textos gerados pela inteligência artificial refletem a forma que escrevemos nas ciências humanas”, disse.

Valdenio comentou que muitos colegas têm resistência a essa tecnologia, o que ele considera que não adianta, pois ela já está em uso. Ele acredita que a IA é útil, mas a edição humana ainda é necessária. “A inteligência artificial tem método, tem técnica, mas não produz significado. A tendência de gerar um texto distorcido é alta”, avaliou.

Apesar de reconhecer a utilidade, o professor também acredita que existe um lado ruim. “A gente tem ouvido falar de muitas demissões, que, além de prejudicarem quem perdeu o emprego, sobrecarregam quem fica. É interessante observar que a tecnologia não nos deu tempo livre, apenas aumentou a carga de trabalho. Já vimos isso na pandemia quando, mesmo em casa, as pessoas acabavam trabalhando mais”.

Facilidade

A jornalista Kaylle Vieira contou que ainda está aprendendo a lidar com as ferramen-



Ilustração: Bruno Chiossi



Foto: Arquivo pessoal



A Inteligência Artificial imita e monta bem, mas ela não cria. Quem cria é a gente

Valdenio Meneses



Foto: Arquivo pessoal



Muitos trabalhadores precisarão se adaptar e adquirir novas habilidades

Thaís Gaudêncio

mentas, mas já usa a inteligência artificial para tarefas como resumo de vídeo, transcrição de áudio e produção de ata. Ela também usa uma agenda, que funciona como uma espécie de secretária virtual. “Eu anoto todos os meus compromissos, lembretes, rotinas do dia, reuniões recorrentes, então todo dia eu recebo a minha agenda. Peço para me informar, 7h da manhã, tudo que eu tenho para fazer naquele dia”, detalhou.

“Sempre que vejo um vídeo em alguma rede social falando de uma inteligência que pode agregar ao meu dia

a dia, à minha rotina de trabalho, faço o teste. Se funcionar bem, eu uso, se não, eu descarto”, completou.

Alguns dos desafios são a regulamentação e o bom uso das IAs. “As pessoas ainda não sabem utilizar a ferramenta, em relação, principalmente, à definição das entradas, aprendendo a delimitar o escopo para o seu problema, e as palavras que o definem, para obter a melhor resposta. Definir bem o problema e ter um vocabulário rico o suficiente para defini-lo são essenciais no uso do ChatGPT, por exemplo”, argumentou Thaís Gaudêncio.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Colaborador

A escalada do déficit fiscal no Brasil

O controle fiscal no Brasil continua sendo um dos maiores desafios para a gestão pública atual. Em um cenário marcado por déficits persistentes e endividamento crescente, o aumento contínuo da dívida pública gera impactos profundos na vida da população. Esses impactos podem ser sentidos por meio de impostos elevados, redução de investimentos públicos e ajustes fiscais que comprometem serviços essenciais.

Em julho de 2024, o setor público consolidado registrou um déficit primário de R\$ 21,3 bilhões, uma melhora em relação ao déficit de R\$ 35,8 bilhões no mesmo mês do ano anterior. Apesar dessa redução, o Governo Central, governos regionais e empresas estatais ainda apresentam déficits preocupantes. O acúmulo de déficits ao longo do tempo reflete a dificuldade do país em equilibrar receitas e despesas, o que gera um ciclo de endividamento que se agrava ano após ano.

Nos últimos 12 meses, o déficit primário acumulado foi de R\$ 257,7 bilhões. Embora esse valor seja ligeiramente inferior ao registrado até junho, ele continua a demonstrar a fragilidade fiscal do país. Para cobrir essa lacuna, o governo tem recorrido ao aumento da dívida pública, o que, por sua vez, eleva os custos com juros e compromete ainda mais as finanças do setor público.

O aumento da dívida pública é evidenciado pelo crescimento dos juros nominais. Em julho de 2024, esses juros somaram R\$ 80,1 bilhões, um salto significativo em relação aos R\$ 46,1 bilhões registrados no mesmo mês de 2023. No acumulado



Enfrentar esse déficit crescente torna o ajuste fiscal mais complexo, exigindo cortes em áreas estratégicas ou aumento de impostos

Amadeu Fonseca

de 12 meses, os juros nominais chegaram a impressionantes R\$ 869,8 bilhões. Essa evolução dos juros se deve, em parte, às perdas com operações de swap cambial, o que aumentou os custos do governo.

O aumento dos juros impacta diretamente o déficit nominal, que foi de R\$ 101,5 bilhões em julho. Nos últimos 12 meses, o déficit nominal totalizou R\$ 1,127 trilhões. Esse valor é alarmante, pois indica que o país está gastando não apenas mais

do que arrecada, mas também pagando uma carga crescente de juros sobre sua dívida. A necessidade de enfrentar esse déficit crescente torna o ajuste fiscal ainda mais complexo, exigindo cortes em áreas estratégicas ou aumentos de impostos, o que pode agravar o cenário econômico.

A Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG), que inclui o Governo Federal, INSS e governos estaduais e municipais, atingiu 78,5% do PIB em julho de 2024, totalizando R\$ 8,8 trilhões. O aumento da DBGG em 2024 foi de 4,1 pontos percentuais, impulsionado principalmente pelo aumento dos juros nominais e pela emissão líquida de dívida. Esse cenário de crescimento da dívida pública compromete a capacidade do país de realizar investimentos em áreas essenciais, como infraestrutura e serviços públicos.

Diante desse cenário, é urgente que o Brasil adote políticas fiscais responsáveis, com foco no controle do déficit e na redução do endividamento. Somente com um equilíbrio entre receitas e despesas será possível garantir a sustentabilidade das contas públicas, promover um ambiente econômico estável e assegurar a melhoria das condições de vida da população.

DESIGUALDADE

Salário dos negros é 42% menor

Caso ganhassem igual aos brancos, receberiam R\$ 103 bilhões a mais neste ano, no Brasil, segundo Insper

Gonçalo Junior
Agência Estado

Se os trabalhadores negros tivessem salários e taxas de emprego semelhantes aos dos trabalhadores brancos, eles teriam recebido R\$ 103 bilhões a mais em 2024. Desse total, R\$ 14 bilhões podem ser atribuídos diretamente à discriminação racial.

As projeções fazem parte do relatório "O custo salarial da desigualdade racial", produzido pelo Núcleo de Estudos Raciais do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper) e divulgado no último dia 29.

Embora o salário médio do trabalhador brasileiro seja de R\$ 3.426, o montante esconde disparidades nos recortes raciais e de gênero. Os homens brancos têm os maiores salários (R\$ 4.956), seguidos das mulheres brancas (R\$ 3.813), que ganham 77% do valor. Os negros possuem os menores salários: homens ganham R\$ 2.858 enquanto mulheres, R\$ 2.278. Esses dois segmentos recebem, respectivamente, 58% e 46% do valor recebido por homens brancos.

Todos os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Em grande escala, a massa salarial perdida pela desigualdade é de R\$ 103 bilhões (R\$ 62 bilhões por parte de homens e R\$ 41 bilhões por parte das mulheres). Massa salarial é a soma da renda de todos os trabalhadores, considerando salários, taxa de desemprego e participação no mercado de trabalho.

O estudo estima que cerca de R\$ 14 bilhões se devem à discriminação racial, tratamento diferenciado de negros em relação a trabalhadores brancos com características similares. As diferenças restan-

tes estão associadas a outros fatores, como educação, tipo de emprego e local de moradia.

"A pesquisa sugere o tamanho das perdas econômicas associadas à desigualdade racial. Em outras palavras, nosso país é mais pobre por causa da desigualdade", diz trecho do documento.

Para avaliar o impacto de uma possível discriminação racial, os pesquisadores do Núcleo de Estudos Raciais partem do pressuposto de que dois indivíduos com características produtivas semelhantes deveriam receber o mesmo salário. O estudo supõe um cenário no qual o salário médio e a taxa de emprego dos negros são iguais aos dos brancos, o que oferece uma estimativa da perda de massa salarial da população negra em relação à branca. "Assim, realizamos uma

análise considerando um conjunto de variáveis observáveis, como raça, educação, idade, gênero e localização. Ao comparar indivíduos com características semelhantes, concluímos que a desigualdade salarial decorre da discriminação racial e de outros fatores que não conseguimos observar", explica o professor Michael França, coordenador do núcleo.

"No entanto, esse valor tende a ser subestimado, pois a discriminação racial também afeta, por exemplo, as diferenças educacionais entre brancos e negros".

Obtendo emprego

Em 2024, a taxa de desemprego no Brasil é de 5,35%. Homens brancos registraram taxa de 3,5%, enquanto as mulheres negras apresentaram o maior

índice, 7,95%. Homens negros tiveram uma taxa de 4,77% e mulheres brancas de 5,35%.

Os pesquisadores esperam que a estimativa da massa salarial perdida devido à desigualdade e à discriminação racial orientem políticas e discussões públicas. "Embora direitos não devam ser barganhados com cálculos econômicos, esse montante pode servir como guia para demandar gastos governamentais com ações de reparação desses prejuízos junto à população negra", diz a pesquisa.

França observa que as diferenças salariais são um componente importante para entender as dificuldades impostas à população negra ao longo da história.

"Quando um negro com características produtivas semelhantes às de um branco

ganha menos no mercado de trabalho, isso resulta em uma menor acumulação de patrimônio ao longo da vida. Como consequência, na geração seguinte, o filho de um branco tende a ter mais oportunidades do que o filho de um negro, graças ao patrimônio familiar acumulado", diz o professor.

"Esse processo de discriminação, perpetuado ao longo das gerações, faz com que os negros sejam sistematicamente deixados para trás. Não é por acaso que, em um gráfico do nosso estudo, observamos uma alta proporção de negros na base da pirâmide, enquanto, entre os 1% mais ricos, a predominância é de brancos. Tudo isso está interligado".

De acordo com a pesquisa, entre os 1% com menores salários, 10% são homens brancos e

50% mulheres negras. Por outro lado, no recorte da parcela de 1% da população com maiores salários, 56% são homens brancos e 4% mulheres negras.

Emprego

A taxa de desemprego no Brasil é de 5,35%.

Homens brancos registraram taxa de 3,5%, enquanto as mulheres negras apresentaram o maior índice, 7,95%

MAIS DE 50 MIL

Relatório trará transparência salarial entre mulheres e homens

Foto: Divulgação/Agência Brasil



Até o último dia de agosto, 31.936 empresas com 100 ou mais funcionários enviaram as informações ao ministério

Agência Brasil

O 2º Relatório de Transparência Salarial será disponibilizado pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) a partir de 16 de setembro, no portal Emprega Brasil. Até o último dia de agosto, 31.936 empresas com 100 ou mais funcionários enviaram as informações. Com base na Relação Anual de Informações Sociais (Rais) de 2023, o Brasil possui cerca de 52 mil empresas desse porte.

Independentemente do envio dos dados complementares, todas as empresas devem publicar o documento. Com o relatório produzido pelo MTE em mãos, as empresas têm até o dia 30 de setembro para garantir a visibilidade das informações. Isso inclui a publicação dos dados em seus sites, redes sociais ou outros meios de comunicação acessíveis, sempre em local visível para assegurar ampla divulgação entre empregados, trabalhadores e o público em geral.

As empresas que não

cumprirem com essa exigência poderão enfrentar multas, conforme estipulado pela Lei de Igualdade Salarial. De acordo com Paula Montagner, subsecretária de Estatísticas e Estudos do Trabalho do MTE, "a maior parte dos dados vem da Rais de 2023, e o relatório entregue pelas empresas inclui informações complementares".

Essas informações adicionais incluem planos de cargos e salários, critérios de remuneração baseados em experiência profissional e cumprimento de metas, além de políticas de promoção de mulheres para cargos de chefia, entre outros.

No fim de setembro, o MTE e o Ministério das Mulheres divulgarão os dados gerais dos relatórios das 52 mil empresas, mesmo daquelas que não enviaram os dados para o Relatório de Transparência Salarial e Critérios Remuneratórios. No entanto, não se espera aferir uma redução significativa da desigualdade salarial de 19,4%.

DESTAQUE MUNDIAL

Paraíba celebra sucesso da cachaça

Engenhos têm recebido recursos para testes químicos e sensoriais, o que garante melhorias na qualidade da bebida

Ascom Secties

Neste mês de setembro, no dia 13, é comemorado o Dia da Cachaça, um destilado que vem ganhando cada vez mais destaque na Paraíba. Os engenhos paraibanos do produto têm recebido reconhecimento mundial, e muito disso se deve aos investimentos e aos incentivos tecnológicos que têm sido feitos para melhorar a sua qualidade.

De acordo com o secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), Claudio Furtado, o investimento em pesquisas para melhoria da qualidade da cachaça, visando o mercado, tem sido um diferencial importante para o reconhecimento do setor na Paraíba. "O investimento em ciência e tecnologia é essencial. O que antes era feito de forma, muitas vezes, extremamente acadêmica, agora se torna em pesquisa voltada para dar resposta para resolver problemas no mercado".

Entre os investimentos realizados estão os testes de qualidade, químicos e sensoriais das cachaças, que anteriormente eram realizados apenas fora da Paraíba e agora os laboratórios estão se especializando. "Há algum tempo, o Estado vem investindo em laboratórios aqui na Paraíba para que possam fazer teste de propriedades químicas e outros metais pesados na cachaça, para que possam oferecer esses serviços aos produtores daqui. E também, via Fapesq, foi pensado na questão de você ter um selo de cachaça da Paraíba, que é muito importante para agregar valor cada vez

mais ao produto e fazer com que ele possa ser exportado", comentou Claudio Furtado.

Recentemente, no mês de abril deste ano, sete rótulos de cachaças produzidas na Paraíba ficaram entre as 50 finalistas do 6º Ranking Cúpula da Cachaça – edição 2024. O resultado representa os frutos de um trabalho "de bastidores", exercido por instituições acadêmicas, com investimentos do Governo

do Estado.

De acordo com o sociólogo e professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Luciano Albino, o impacto positivo dos últimos anos no setor da cachaça se dá em função das pesquisas realizadas sobre a qualidade do produto. "Eu destaco a importância das nossas instituições, principalmente as instituições universitárias, a UFPB e a UEPB, em que você

tem pesquisadores dedicados ao estudo da melhoria da qualidade da cachaça", disse.

O professor, que é especialista no tema, dedicou parte da sua vida a estudar a história do produto e os seus impactos na Paraíba, além de ser autor do livro "Engenho de cana-de-açúcar na Paraíba: por uma Sociologia da Cachaça". Ele explicou que a dimensão tecnológica que a cachaça vem ganhando tam-

bém é fruto da aquisição de equipamentos para a verificação da qualidade do produto.

"Nesse sentido, estamos numa linha de aperfeiçoamento do produto, por isso, as nossas cachaças estão sendo bem premiadas, e isso vem numa crescente, não há dúvidas. As cachaças da Paraíba, especialmente a branca, têm um reconhecimento nacional com selo de pureza", ressaltou Albino.

■ Sete rótulos produzidos no estado da Paraíba ficam entre os 50 finalistas do 6º Ranking Cúpula da Cachaça



De acordo com o sociólogo Luciano Albino, que se dedica a estudar a história da cachaça, a dimensão tecnológica do produto é resultado da aquisição de novos equipamentos



Fotos: Mateus de Medeiros/Colaboração

Programa do Governo Federal ajuda a impulsionar o setor

O mestre cachaceiro Murilo Coelho, representante do Engenho Nobre, foi um dos contemplados do programa Tecnova II, promovido pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e pela Finep e exe-

cutado, na Paraíba, pela Secties e pela Fapesq-PB. Por meio do edital, o Engenho Nobre está produzindo um novo produto: o Rum Corsario.

Murilo explicou que o projeto possibilitou novas

tecnologias para que o seu empreendimento conseguisse realizar o trabalho. "Graças a esse projeto, estamos na fase final de envelhecimento do rum e logo, logo teremos condições de colocá-lo no mercado".

Segundo ele, para a elaboração do rum, é realizada uma tecnologia de fermentação diferente, chamada de cultura mista, que envolve a introdução de uma bactéria láctica para aumentar o aroma e os sabores, além de conseguir um menor tempo de envelhecimento. "Conseguimos isso graças à possibilidade de pesquisa que o programa nos concedeu", afirmou Coelho.

O Governo da Paraíba também fortaleceu o arranjo produtivo da cachaça, especialmente com a formação do Núcleo do Programa de Qualificação para Exportação (Peix) que iniciou as operações em 2022 e concluiu no início de 2024. Trata-se de uma parceria da Secties e Fapesq com a Apex Brasil para a qualificação de empresas a se prepararem para competir no mercado exterior, que acontece num

ciclo de dois anos.

O Peix contribui com a qualificação das empresas de diversas maneiras, a exemplo de cursos, cumprindo um plano de trabalho com duração de quatro a seis meses pela equipe técnica, além de capacitações coletivas organizadas pelo núcleo e ministradas por profissionais e empresários da área.

“

Graças a esse projeto, estamos na fase final de envelhecimento do rum e logo, logo teremos condições de colocá-lo no mercado

Murilo Coelho

Saiba Mais

História da cachaça na Paraíba

De acordo com o professor Luciano Albino, a cachaça começou a ganhar destaque na Paraíba a partir dos anos 1990, com a chegada dos engenhos. Anteriormente a isso, a cana-de-açúcar era utilizada de forma prioritária para a produção de açúcar. Enquanto isso, a cachaça era um produto secundário.

"A cachaça na Paraíba toma destaque numa atividade econômica importante quando temos a falência das usinas tanque, que eram para a produção de açúcar. Com isso, a gente tem, nos anos 90, um setor importante de produção de cachaça. Esse novo ciclo da cana-de-açúcar começa a partir dos empreendimentos individuais de donos de engenho em torno de uma nova expectativa de mercado", explicou o professor.

O sociólogo acrescentou que, anteriormente a isso, a cachaça era vista como uma bebida marginalizada, sendo destinada às camadas sociais mais pobres, sendo vista como um produto de valor menor. Essa mudança é chamada por Albino de "ressignificação simbólica". Ele comenta que, a partir dos anos 1990, a cachaça começa a ser uma bebida diferente. "Ela ganha uma marca, com um marketing e um novo olhar sobre essa dimensão cultural dos engenhos, como espaço de turismo e aí há essa ressignificação simbólica, ela acontece também no plano da produção industrial", finalizou.

Foto: Murilo Coelho/Colaboração



Produção do Rum Corsario envolve tecnologia diferente



Área de conservação ambiental na região central de João Pessoa é aberta para visitantes de terça a sábado

JARDIM BOTÂNICO

Reserva salva espécies

Projetos de preservação da fauna e da flora são desenvolvidos no local



Não trabalhamos só nessa perspectiva de doação, não é só doar por doar. Aqui você tem acesso a informação

Francisco Justino

Samantha Pimentel
samanthahuniao@gmail.com

Um pedaço de Mata Atlântica aberto à visitação em plena área central da capital paraibana: este é o Jardim Botânico Benjamin Maranhão (JBBM), localizado bairro da Torre. O espaço de lazer que, recentemente comemorou 24 anos desde a sua criação, está inserido no Refúgio de Vida Silvestre Mata do Buraquinho (RVS), uma unidade de conservação que conta com aproximadamente 512 hectares — dos quais 343 são pertencentes à área do Jardim. A reserva possui mais de 800 espécies catalogadas e registradas, entre plantas e animais, e é um dos maiores remanescentes de Mata Atlântica natural em área urbana do Brasil.

O JBBM é administrado pela Superintendência de Administração do Meio Ambiente da Paraíba (Sudema-PB), órgão ligado ao Governo do Estado. A coordenadora do espaço, Suênia Oliveira, explica que o objetivo principal da criação do Jardim Botânico foi o de garantir a preservação da vegetação por intermédio de programas de pesquisa e de visitação, que ocorrem de forma paralela. “Tem um setor de botânica e pesquisa, que coordena alguns projetos, principalmente no que diz respeito à conservação das plantas da Mata do Buraquinho, fenologia e taxonomia, que é o levantamento e identificação de plantas. A gente também trabalha em parceria com outras instituições de pesquisa, principalmente a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) que é nossa vizinha”, pontuou a coordenadora.

Por meio das parcerias, pes-

quisadores desenvolvem atividades dentro do JBBM, a exemplo do projeto de extensão *Bee Alive* (em português, *Abelha Viva*), desenvolvido pelo Instituto Federal da Paraíba (IFPB), que atua na preservação de abelhas nativas do Brasil — as chamadas abelhas “sem ferrão”. A proposta é incentivar a meliponicultura, além de promoção da educação ambiental. “A gente se dedica a pesquisar plantas, mas como estamos em uma área natural, que é a diversidade, a biodiversidade é ampla, contamos com parceiros de outras instituições para complementar esses projetos”, esclarece Suênia Oliveira.

Viveiro de mudas

Quem visita o Jardim Botânico tem a opção de conhecer o viveiro de mudas do local que, inclusive, realiza a distribuição de algumas espécies de plantas. Segundo o responsável técnico pelo espaço, Francisco Justino, a entrega das mudas é gratuita, mas limitada a uma por pessoa. A proposta é que os visitantes levem para casa espécies que se adequem ao espaço que elas têm disponível para o plantio.

“Não trabalhamos só nessa perspectiva de doação, não é só doar por doar. Aqui você tem acesso a informação, por exemplo, como se cuida dessas plantas, qual a importância delas na natureza, para o meio ambiente, para nós e também para outros seres vivos, a relação desses seres com essas plantas. A questão da medicina e outras questões culturais mesmo, história de onde aquela planta veio, e afins”, explicou.

Quanto à variedade de espécies, Francisco conta que o espaço possui plantas de vários ti-



Unidade tem 800 espécies de animais e plantas catalogadas



Visitantes recebem plantas

pos e para diversas finalidades. “Desde plantas ornamentais, medicinais, algumas hortaliças também, plantas arbustivas, que são de porte um pouco maior, e arbóreas de médio e grande porte. A gente sempre tenta fazer um rodízio, por exemplo, uma pessoa veio hoje, pegou uma muda de boldo. Na próxima semana, que ela tenha outra espécie disponível para ela poder ter essa variedade, incentivar essa diversidade”, relatou.

As irmãs, Edjanete Maria de Sousa e Ednacleide Sousa de Brito visitaram o viveiro e, cada uma, levou para casa mudas de

coentro. “É um tipo de coentro que eu nem conheço, mas é muito cheiroso, aí eu vou mudar, pôr numa vasilha maior, num vaso bem montado. O que eu levei da outra vez já tá grandinho”, disse Edjanete. Ela também conta que gosta de ir ao Jardim Botânico, pois o ambiente é agradável e ajuda a descansar da rotina corrida. “É uma maravilha. Se eu pudesse eu passaria o dia todinho aqui. É muito bom mesmo”, destacou.

Já Ednacleide, que apesar de residir há muitos anos em João Pessoa, conheceu o Jardim Botânico pela primeira vez, gostou da calmaria do lugar. “Queria morar num lugar assim, bem tranquilo, acordar com os passarinhos cantando. Eu me estresso só com o barulho do dia a dia... porque lá [onde mora] é uma rua movimentada, é moto, é carro, barulho é o dia todo, aqui você relaxa”, afirmou.

Público pode participar de trilhas ecológicas

O Jardim Botânico Benjamin Maranhão está aberto à visitação pública de terça a sábado, das 8h às 16h30, e recebe cerca de 1.500 visitantes por mês, número que costuma dobrar em meses de férias. O espaço ainda conta com cerca de 20 trilhas, e algumas delas também são abertas ao público. O passeio dura em média 1h30, com o acompanhamento de guia que pode explicar detalhes sobre a biodiversidade da região. Para participação nessas atividades não é preciso agendar previamente, basta comparecer ao local com certa antecedência do horário de início das trilhas.

O agendamento só é necessário no caso de grupos maiores, como explica Suênia: “A gente tem dois dois horários de trilhas, por dia, que são às 9h e às 14h. E o agendamento só é necessário para grupos específicos, para mais de 10 pessoas. Então escolas, universidades, instituições, empresas, que queiram um atendimento

direcionado, aí é necessário o agendamento prévio. Porque, a gente trabalha, além da quantidade de pessoas, que a gente precisa se organizar para poder receber, a gente trabalha em prol de um objetivo”, afirmou.

Ainda segundo Suênia, é possível para escolas, universidades e outras instituições, trabalhar temas específicos durante a visita, segundo a formação e a idade dos visitantes. “Porque a visita geralmente é uma formação, é uma visita complementar para formação das escolas, que a gente chama de educação complementar aqui. Então às vezes eles vão estar estudando ecologia, botânica, alguma coisa relacionada a recursos hídricos, solo, biodiversidade... Então no ato do agendamento é possível também que a gente coloque como objetivo específico alguma conteúdo que eles queiram trabalhar, daquilo que a gente pode oferecer como Jardim Botânico”, afirmou.

Espaço foi criado pelo Estado

Em 1856, a área chamada de Mata do Buraquinho, onde fica o Jardim Botânico, já foi chamada de Sítio Jaguaricumbe. Em 1907, o espaço foi adquirido pelo Estado, por ordem do governador Valfredo Leal, para iniciar o sistema de canalização do abastecimento de água da cidade, feitos pela Companhia Parahyba Water Company, em 1898 — hoje, Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (Cagepa). Dois anos depois, foi construído o primeiro poço amazonas. Em 1912, foi inaugurado o sistema de abastecimento da capital.

Em 1939, devido à necessidade de ampliação do fornecimento d'água, foi adquirida e anexada à área a propriedade Paredes, localizada na margem direita do Rio Jaguaribe. Em visita ao Jardim Botânico, a aposentada Maria Conceição Novais da Costa, de 92 anos, relatou que seu pai era um dos proprietários

do Sítio Paredes, e que residiu no local até os sete anos, quando sua família teve que deixar as terras. “Eu lembro da casa do sítio, hoje não existe mais, eram uns quatro sítios... eu tomava banho de rio aqui quando era criança”, afirmou.

No ano de 1940 foi construída a barragem do Buraquinho e em 1953 foi criado o Jardim Botânico Regional, em função do Acordo Florestal da Paraíba, com a finalidade de produção de mudas florestais nativas. A passagem para a Área de Preservação Permanente ocorreu em 1989. O Jardim Botânico Benjamin Maranhão (JBBM) foi finalmente criado no ano de 2000, com inauguração em 2002, e em 2014 a área da Mata do Buraquinho se transformou em Unidade de Conservação de Proteção Integral (UCPI), classificada como Refúgio de Vida Silvestre Mata do Buraquinho.



Atletas e paratletas têm destacado a importância do programa desenvolvido pelo estado, que visa unicamente oferecer melhores condições aos esportistas para brilharem nas competições nacionais e internacionais

BOLSA ESPORTE

Programa formador de campeões

Incentivo financeiro ajuda bastante os esportistas a desenvolverem melhor as suas atividades

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

Subir ao pódio é, indubitavelmente, o sonho de qualquer atleta. Aquele momento e espaço é a culminância da árdua e, muitas vezes, solitária caminhada até lá, a qual exige suor, dedicação e disciplina em prol do objetivo de uma vida inteira. Em meio a um contexto de Jogos Olímpicos e Paralímpicos, os atletas paraibanos como Petrúcio Ferreira, Joeferson Marinho, Edival Pontes (o Netinho), ouro, prata e bronze, respectivamente, em Paris 2024, são testemunhos claros de que o investimento no esporte surte efeitos satisfatórios.

Colocar a Paraíba no topo em grandes competições nacionais e internacionais não é uma tarefa fácil, exige do atleta muito mais do que esforço físico e psicológico — como se isso não fosse o bastante — mas, antes, requer dele condições financeiras suficientes para custear as inúmeras despesas com materiais de treinamento e trabalho, equipe multidisciplinar, alimentação, viagens, participação de eventos esportivos, entre outras.

É nesse sentido que patrocínios e programas de incentivo são fundamentais para os esportistas. Um exemplo em nível estadual é o Bolsa Esporte 2024, por intermédio do qual o Governo da Paraíba contempla, neste ano, 548 pessoas, entre atletas, paratletas e treinadores (com percentual mínimo de 30% deste total sendo mulher), o que totaliza quase R\$ 5 milhões investidos.

Em comparação com o ano passado, o Bolsa Esporte teve, em 2024, um aumento de 26

vagas. A distribuição do montante leva em consideração o desempenho individual de cada participante nas cinco modalidades ofertadas: Internacional, Nacional, Institucional, Estudantil, e Representatividade.

“

A Paraíba, além de ser um celeiro de grandes valores no esporte e no paradesporto, tem um Governo que apoia, literalmente, o segmento

Lindolfo Pires

A viabilização desta iniciativa de fomento ao esporte é prevista na Lei Estadual nº 11.692/2020 de 13 de maio de 2020, que instituiu também o Bolsa Esporte Total, o qual visa estimular os clubes e entidades que desenvolvam o desporto e o paradesporto de alto rendimento com resultados expressivos. Por meio dele, um total de R\$ 1 milhão foi dividido entre 12 clubes estaduais que tiveram os processos e documentações devidamente aprovados pela comissão avaliadora da iniciativa, em 2024.

Para o secretário de Estado da Juventude, Esporte e Lazer, Lindolfo Pires, ambos os programas traduzem o desejo de reconhecer e encorajar aque-

les que buscam, diariamente, o destaque em âmbito internacional por meio das modalidades esportivas.

“A Paraíba, além de ser um celeiro de grandes valores no esporte e no paradesporto, tem um Governo que apoia, literalmente, o segmento. Vários são os projetos e programas que contribuem para fomentar o esporte e o paradesporto na Paraíba, dentre eles, o Bolsa Esporte, que inúmeros atletas e técnicos recebem o benefício e o Bolsa Esporte Total, onde 12 entidades foram aprovadas foram este ano, para receber uma quantia financeira, cinco são ligadas ao paradesporto de alto rendimento”, comentou.

Paraibanos contemplados

Entre os atletas beneficiados na modalidade Representatividade, estão Petrúcio Ferreira, Edival Marques (Netinho), Cícero Nobre, Joeferson Marinho, Silvana Fernandes, Luan Lacerda e Matheus Costa, que voltaram das Olimpíadas e Paralimpíadas de Paris com medalhas no peito. Além deles, os jogadores de vôlei de praia, George Wanderley e Álvaro Filho, e Damião Robson, tetracampeão paralímpico e tricampeão mundial pela Seleção Brasileira de Futebol de Cegos integram a lista.

Para o tricampeão paralímpico nos 100m rasos, Petrúcio Ferreira, o programa é uma motivação a mais com a qual ele pode contar enquanto se prepara para as competições.

“A bolsa faz total diferença, desde que começamos a receber mensalmente, datas certas, isso faz a diferença porque o atleta tem o objetivo de viver disso, viver por isso, então, quando temos um incentivo como esse, tudo certo, nos motiva a chegar me-

lhor no treino, a chegar mais dedicado, a chegar mais focado, porque ficamos tranquilos em saber que temos incentivado alguém que acredita no nosso trabalho, alguém que acredita no nosso potencial e que a gente está fazendo de tudo para levar esse nome junto a nossa história”, disse.

A taekwondista Silvana Fernandes, que conquistou o bronze na categoria até 57 kg, em Paris, corrobora a ideia. Num contexto local em que diversos atletas precisam migrar para outras regiões do país em busca de melhores condições de infraestrutura e de visibilidade, ela diz que contar com o Bolsa Esporte foi crucial para conseguir se manter no estado enquanto se preparava para a competição paralímpica.

“O programa Bolsa Esporte da Paraíba foi fundamental para minha preparação e, principalmente, para minha permanência aqui na Paraíba, treinando com uma grande equipe. Por meio de programas como este, posso contar com uma boa equipe, uma alimentação adequada e uma estrutura de qualidade. A Paraíba está realizando uma ótima campanha nesses jogos, e acredito que isso é resultado direto de iniciativas como essa. Que o governo continue investindo cada vez mais no esporte, pois é por intermédio dele que muitas realidades são transformadas”, expressou.

O técnico Pedro Almeida, o Pedrinho, considerado um dos maiores formadores de talentos esportistas em nosso estado, também é um dos beneficiados.

“O Bolsa Esporte do Governo do Estado da Paraíba, destinada a nós, treinadores, é muito importante, pelo fato de valorizar o nosso trabalho.

Com isto, podemos investir em conhecimentos, no nosso aprimoramento técnico e custear passagens para as competições nacionais, entre outros”, comentou.

Já George Wanderley, que vem sendo destaque nas areias por meio de vôlei, considera o programa como um forte aliado para a projeção futura dele e da equipe.

“O Bolsa Esporte, para mim, auxilia bastante na parte da gente não ter que se preocupar tanto, ter um valor mensal ali, todo mês, do mesmo jeito. Com esse auxílio financeiro, facilita para a gente, de tanto nossa equipe ficar mais tranquilizada, às vezes, a gente acaba não disputando alguns torneios por opção nossa, então, a gente vai conseguir estar ali ajustado com nossa equipe o tempo todo, é muito importante; e fora a questão das passagens, hospedagens, que muitos atletas, não só eu, mas muitos atletas também têm que bancar, e essa parte multidisciplinar, exame, de fazer um teste, que é trabalhar na projeção futura, aí o Bolsa Esporte ajuda muito nesse sentido”, pontuou o atleta.

Enquanto a oportunidade de ir às Olimpíadas não chega, a nadadora de 16 anos, Giovana Campos, aproveita para participar de competições nacionais e internacionais com o apoio financeiro recebido.

“O Bolsa Esporte tem sido fundamental na minha vida, proporcionando o suporte financeiro para me dedicar ao meu desenvolvimento esportivo e para participar de grandes competições. Agradeço pela oportunidade de fazer parte desse programa, que transforma os sonhos dos atletas em realidade e fortalece o esporte da Paraíba”, pontuou a jovem.

EXCESSO DE JOGOS

Entidade faz severas críticas à Fifa

Federação Internacional das Associações de Futebolistas Profissionais ataca sobrecarga no futebol mundial

Agência Estado

Julian Alvarez foi relacionado para 83 jogos na temporada europeia passada. Darwin Núñez, Luis Díaz e Phil Foden jogaram 72 partidas cada. Cristian Romero viajou mais de 160.000 quilômetros para jogos internacionais. Em comparação, Erling Haaland teve uma pausa de verão sem torneios de seleção e começou a nova temporada revigorado, com muitos gols pelo Manchester City.

As demandas físicas e psicológicas sobre os jogadores de futebol de elite na temporada passada foram detalhadas na última quinta-feira por seu sindicato global, a Fifpro, que está enfrentando a Fifa na Justiça em dois processos.

A Fifpro publicou seu relatório anual de Monitoramento da Carga de Trabalho do Jogador, que entrevistou cerca de 1.500 jogadores. O estudo visa apoiar argumentos legais de que muito está sendo exigido dos membros do sindicato sem a devida consulta sobre a expansão do calendário de competições internacionais nos últimos anos.

“Esta será a temporada decisiva”, disse Maheta Molango, membro do conselho da Fifpro, sobre um calendário congestionado de 2024-25 que terminará com a primeira edição do novo Mundial de Clubes, de 32 equipes, organizado pela Fifa nos Estados Unidos.

Um anúncio on-line da Fifpro sobre o relatório incluiu autoridades de sindicatos de jogadores na Inglaterra e na França, que entraram com uma ação contra a Fifa, em junho, no



Excesso de jogos está prejudicando fisicamente e psicologicamente os jogadores de alto nível, conforme relatório anual de monitoramento de carga de trabalho

Tribunal de Comércio de Bruxelas. Em outro caso legal, a divisão europeia da Fifpro está se unindo a ligas nacionais para registrar uma reclamação na Comissão Europeia em Bruxelas contra a forma como a Fifa decide expandir suas competições, incluindo a Copa do Mundo, que terá 48 equipes a partir de 2026.

“A lacuna entre aqueles que planejam e programam competições internacionais complexas e aqueles que as jogam e as vivem nunca foi tão grande”, disse o diretor de Políticas da Fifpro, Alexander Bielefeld.

O sindicato tem como alvo a

Fifa e não a Uefa, órgão do futebol europeu, que também adicionou mais jogos a partir desta temporada à Liga dos Campeões e à Liga Europa. “Muitas pessoas nos dizem: ‘Por que vocês também não atacam a Uefa?’”, reconheceu o dirigente do sindicato francês David Terrier. “A diferença é que tivemos discussões com a Uefa. Há uma vontade de encontrar soluções juntos. Não foi o caso da Fifa.”

O novo Mundial de Clubes, que será disputado a cada quatro anos, foi um ponto de inflexão para a expansão de competições internacionais, disse o sindicato. O argumento da Fifa

de que os jogos das seleções representam uma pequena fração do total de jogos em comparação ao futebol de clubes foi “uma perspectiva enganosa”, afirmou a Fifpro.

O último relatório de carga de trabalho do jogador muda o foco do número de jogos e minutos jogados para o tempo gasto em serviço de trabalho. Isso incluiu a seleção em seus dias de jogos e também em dias de treinos, o que adicionou estresse em viagens e preparação para as partidas, segundo o sindicato.

Jogadores que estiveram na Eurocopa deste ano passaram

17% do seu tempo de trabalho na temporada passada com seleções nacionais, sugeriu o relatório, acrescentando que esses jogadores tiveram apenas 42 dias de descanso e recuperação ao longo do ano.

Haaland não jogou na Eurocopa porque a Noruega não se classificou, observou Molango, CEO do sindicato dos jogadores na Inglaterra, e estava totalmente descansado para começar o Campeonato Inglês. Ele tem sete gols em três jogos pelo Manchester City. “Agora você vê o resultado. Ele voltou a ser a máquina que vimos quando ele entrou pela

primeira vez”, disse Molango.

Ele também destacou o rápido início de Mohamed Salah no Liverpool após não jogar nenhum torneio durante as férias com a seleção do Egito.

O relatório também comparou Jude Bellingham, Real Madrid, jogando muito mais jogos na mesma idade, 21, do que Wayne Rooney, uma estrela adolescente anterior da Inglaterra. “Não há proteção”, disse Darren Burgess, pesquisador da Fifpro. “A ciência nos diz que esses atletas ainda estão crescendo e estamos colocando-os sob cada vez mais carga, o que geralmente leva a lesões.”

COPA DO BRASIL

Atlético intensifica melhorias no gramado para jogo decisivo

Foto: Pedro Souza/Atlético-MG



A Arena MRV está sendo melhorada, principalmente em seu gramado, para o jogo contra o São Paulo pela Copa do Brasil

Agência Estado

O Atlético-MG sabe que a vantagem de 1 a 0 conquistada no MorumBis, diante do São Paulo, não é suficiente para entrar em campo tranquilo no jogo de volta das quartas da Copa do Brasil, daqui uma semana. Ciente que precisa repetir a boa atuação, o clube trabalha forte para deixar o gramado da Arena MRV em ordem para a decisão do dia 12.

Jogar em seu estádio é uma das armas da comissão técnica pela vaga entre os quatro melhores. Foi cogitada a ida do duelo para o Mineirão, justamente por causa do gramado danificado da Arena MRV, mas o Atlético prefere jogar em sua moderna casa.

Já são 15 dias do processo intensivo de melhoria do gramado e mais uma semana de trabalhos pela frente por um “tapete.” A comissão técnica, composta pelo diretor de futebol Victor Bagy, o gerente de futebol Pedro Moreira e o auxiliar técnico Lucas Gonçalves realizou uma vistoria no campo após a decisão do elenco de jogar no local.

“Desde o dia 20 de agosto, logo após a partida contra o San Lorenzo, a gente vem trabalhando no manejo convencional do gramado, além de operações especiais com o objetivo de recuperar esse gramado e deixar ele nas melhores condi-

ções possíveis para o próximo jogo do dia 12/9, contra o São Paulo”, explicou o diretor de engenharia do Atlético-MG, Carlos Antônio Pinheiro.

O técnico ainda detalhou que as etapas do trabalho envolvem operações de corte, adubação, descompactação, uso da iluminação artificial e controle de umidade. Em alguns pontos foi necessária a troca de grama, com foco especial no processo de nivelamento do gramado.

“Trabalhamos, nesse período, com trocas localizadas do gramado, em pontos onde o nosso replantio deixou a desejar. E a gente está trabalhando principalmente em operações para melhorar o nivelamento do campo. Fazemos isso por meio de duas formas, com o uso de um rolo compactador e o que chamamos de top dressing, aplicação de camadas finas de areia sobre o gramado com objetivo de corrigir imperfeições superficiais”, listou.

“A expectativa é de que a gente ainda possa evoluir com esse gramado, tanto em densidade quanto melhorar a parte do nivelamento, sendo a questão mais importante para a gente. Então, posso garantir que todos os recursos disponíveis no mercado estão sendo empregados nesse gramado. O melhor que pode ser feito está sendo feito”, completou Carlos Antônio.

PALMEIRAS

Anibal vê calendário a favor do clube

Jogador diz que é importante ter mais dias para treinar e que as eliminações de competições já foram superadas

Agência Estado

A folga no calendário provocada pela Data Fifa e o fato de o Palmeiras ter somente o Campeonato Brasileiro para disputar neste restante de temporada foram celebradas pelo volante Anibal Moreno durante os treinos da semana, na Academia de futebol.

“É importante ter mais tempo para trabalhar. Já mudamos a página do que ficou para trás (eliminações na Copa do Brasil e na Libertadores), temos objetivos importantes pela frente. Grupo está focado”, disse o palmeirense, líder em desarmes, interceptações e ações defensivas na temporada.

O jogador comentou ainda sobre a sequência na equipe comandada por Abel Ferreira e a boa fase no clube. “É muito gratificante atingir os 50 jogos. Hoje me sinto muito bem no Palmeiras. Temos um time muito bom, um grupo excelente, de gente boa, que trabalha muito durante a semana. Isso me dá muita força para

encarar cada jogo com a maior vontade de ganhar. É seguir por esse caminho”, comentou.

O Palmeiras voltou aos treinos nesta semana depois de ter vencido o Athletico-PR por 2 a 0 pelo Brasileiro, em Curitiba. A equipe treinou normalmente no centro de excelência e o técnico Abel Ferreira tem aproveitado a Data Fifa para aprimorar ainda mais a marcação e a aproximação na atividade, tanto que tem realizado treinos com dimensões menores de campo.

Entregue ao departamento médico, o zagueiro Vitor Reis foi liberado e iniciou o processo de transição física. Já o goleiro Marcelo Lomba fez tratamento de uma pubalgia no Núcleo de Saúde e Performance. Com 47 pontos, e na terceira colocação, o Palmeiras é o terceiro colocado na classificação atrás do Fortaleza (47) e do líder Botafogo (50). O próximo compromisso do clube pelo Nacional é no dia 15 de setembro (domingo), quando recebe o Criciúma, no Allianz Parque, pela 26ª rodada.



Foto: Cesar Greco/Palmeiras

Abel Ferreira conversa, antes do treinamento, com Anibal Moreno, que segue forte para o próximo jogo do Brasileirão

CORINTHIANS

Hugo Souza conquista a torcida e deve ser comprado ao Fla



Foto: Rodrigo Coca/Agência Corinthians

Hugo Souza tem se destacado nos jogos do Corinthians

Agência Estado

Bastaram 14 jogos e atuações convincentes para Hugo Souza passar de aposta a jogador imprescindível no Corinthians. A vitória de 2 a 1 sobre o Flamengo ajudou a realçar a importância do goleiro para o momento atual do clube.

“Está nas mãos do presidente do clube. Estou fazendo o meu trabalho e é óbvio que a minha vontade de permanecer é muito clara. Espero que as coisas aconteçam da melhor forma”, afirmou o goleiro que, apesar do pouco tempo, já

se identificou com a torcida.

Hugo chegou ao Corinthians em julho com contrato por empréstimo somente até o final do ano. A sua aquisição custou 200 mil euros (R\$ 1,19 milhão) aos cofres do clube. Para ficar com o atleta a partir de janeiro de 2025, a diretoria vai ter de desembolsar ao Flamengo 800 mil (algo em torno de R\$ 4,7 milhões) euros para ter 50% dos direitos econômicos do jogador.

Feliz pelo bom momento, o atleta já viu o seu nome ser cotado até mesmo para a Seleção Brasileira. No entanto, o foco do goleiro é ti-

rar o Corinthians das últimas colocações.

“É um sonho ser lembrado. Mas tenho trabalhado bastante para ajudar o Corinthians. O meu foco é aqui. Eu me vejo muito identificado com essa vontade de vencer, de deixar tudo dentro de campo”, afirmou o goleiro na zona mista.

Apesar de seguir na zona de rebaixamento do Campeonato Brasileiro (ocupa o 17º lugar com 25 pontos), o Corinthians deu um passo importante no sentido de buscar uma reação na competição ao derrotar o Flamengo. Flumi-

nense e Grêmio (27) são os dois times mais próximos fora da região do descenso.

O técnico Ramón Díaz já iniciou a preparação da equipe para o duelo de volta das quartas de final da Copa do Brasil.

No confronto de ida, em Caxias do Sul, o time paulista acabou derrotado por 2 a 1. O segundo jogo, que define a vaga às semifinais, está agendado para a próxima quarta-feira, na Neo Química Arena. Para seguir no torneio, o Corinthians precisa de um triunfo por dois gols de vantagem para se classificar no tempo normal.

CRISTIANO RONALDO

Atacante não pensa em se aposentar e pode jogar a Copa de 2026

Agência Estado

Maior nome da história da seleção portuguesa, Cristiano Ronaldo terminou a Eurocopa deste ano sob fortes críticas da imprensa e dos torcedores do seu país. Mesmo assim, o atacante do Al-Nassr não descarta a possibilidade de disputar mais uma Copa do Mundo, em 2026. Se realizar o feito, pode se tornar o primeiro jogador a disputar seis Mundiais — ele ainda tem a “concorrência” com Lionel Messi, que também pode realizar o feito.

CR7 disputou todos os Mundiais entre 2006, na Alemanha, e 2022, no Catar. São 22 partidas disputadas com a camisa da seleção portuguesa. Na Eurocopa, passou em branco e foi eliminado com Portugal nas quartas de final, diante da França. “Nunca passou pela minha cabeça (encerrar a carreira por Portugal). Pelo contrário, me deu mais motivos para continuar, para ser sincero”, afirmou o craque português em entrevista coletiva.

“Agora eu me sinto em forma. Quase em forma. Não posso responder à pergunta sobre 2026 porque vivo o presente e aprecio o momento. E o timing é bom. Vamos começar um novo teste na Liga das Nações e viver isso é muito positivo. Estou muito feliz por estar na seleção novamente. Até 2026, há muita história no meio. Eu não sei o que vai acontecer”, disse o atacante.

Na última temporada, Cristiano Ronaldo marcou 35 gols em 31 jogos pelo Campeonato Saudita. Mesmo assim, foi alvo de críticas pela atuação pela seleção portuguesa. Uma eventual participação em 2026, no Mundial que será disputado nos Estados Unidos, Canadá e México, faria o atacante superar Antonio Carbajal, Lotthar Matthaus e Rafael Márquez, que entraram em campo em cinco Copas.

Na última semana, Cristiano Ronaldo foi homenageado durante sorteio da primeira fase da Liga dos Campeões,

ao lado de Gianluigi Buffon, como maior artilheiro da história da competição. “As nossas vidas são memórias, portanto tenho boas memórias. Não digo que possa voltar (a disputar a Champions League), mas nunca se sabe, vamos ver o que o futuro traz”.

O atacante português, assim como Messi, já disputou cinco Mundiais. Ambos não confirmaram presença em 2026 e têm expectativas dos torcedores sobre essa decisão. Atual campeão mundial, o camisa 10 da Argentina manteve um discurso semelhante ao de CR7: vai depender de sua condição e forma física, e como irá chegar a 2026.

“Depende de como me sentir, de como estarei fisicamente e de ser realista comigo mesmo. E saber se estou à altura de poder competir e ajudar os companheiros. Ainda falta muito... falta ‘muito e pouco’, porque passa rápido, mas tem um tempo e não sei como vou estar”, disse, em entrevista ao site argentino Infobae.



Foto: Reprodução/Instagram

Cristiano Ronaldo diz estar em forma e pensando em disputar o seu quinto Mundial



BOTAFOGO X VOLTA REDONDA

Jogo para fazer o dever de casa

Reabilitação no quadrangular decisivo do Brasileiro da Série C pode começar, hoje, no Almeidão

Danrley Pascoal
danrley.p.c@gmail.com

O Botafogo recebe, hoje, o Volta Redonda em partida válida pela segunda rodada do quadrangular do acesso. O confronto acontece no Estádio Almeidão, às 18h30. Será o nono encontro entre as duas equipes quando se contabiliza toda a história. Nesta temporada, os clubes já estiveram frente a frente ainda na primeira fase, em que o time da Paraíba venceu por 3 a 1 fora de casa, o confronto foi válido pela quarta rodada. Na Série C 2024, o Belo está invicto como mandante, foram oito vitórias e dois empates. O bom retrospecto em seus domínios é a principal arma do Alvinegro na luta pela classificação à Série B.

Lucas Siqueira passou grande parte da competição lesionado. Já recuperado, o volante virou opção para o técnico Evaristo Piza nas últimas três partidas, tendo entrado contra Ferroviária e Remo. O atleta que é uma das caras mais conhecidas do atual elenco falou em entrevista coletiva sobre a importância de jogar no Almeidão. Ele ressalta que neste momento busca contribuir como pode, tanto den-

tro como fora de campo.

“A gente espera que dentro de casa consigamos as três vitórias, porque com esses resultados ficaremos muito próximos do acesso. Então, o fator casa é um elemento importante para nós. [...] Estamos trabalhando muito forte, muito concentrados para que esse ano alcancemos o tão sonhado acesso. A resposta precisa vir já contra o Volta Redonda”, destacou.

A derrota para o Remo na estreia por 2 a 1 ainda não foi digerida pelo elenco do Botafogo. A equipe, que fez uma campanha impecável na primeira fase, não soube atuar num ambiente hostil, onde o adversário tinha quase 50 mil torcedores a seu favor. Para Lucas, o enfrentamento serviu de aprendizado, agora é preciso reforçar a necessidade de ter calma e paciência tanto em relação aos atletas quanto em relação à torcida.

“Eu tive um problema de lesão, fiquei bastante tempo me recuperando e não estava muito no dia a dia com os jogadores. Mas, depois da recuperação, pude estar relacionado para os jogos. Isso faz total diferença para mim, essa minha experiência é importante na fase final da competição. É preciso ter concentração, ter tranquilidade, ter a cabeça

boa porque cada jogo é uma história diferente. Dentro do grupo, tenho o papel de trazer confiança e tranquilidade, fatores importantes para a sequência do quadrangular”, disse.

Volta Redonda

Diferente do Botafogo, o Volta Redonda começou o quadrangular com grande vitória contra o São Bernardo dentro de casa. No Raulino de Oliveira, a equipe venceu por 3 a 1 e assumiu a ponta da chave. Agora, motivado pelo triunfo, o time do Rio de Janeiro vem a João Pessoa duelar contra o Belo. Na primeira fase, o time fez uma campanha sólida, marcando 35 pontos, alcançando a quinta posição com 10 vitórias, quatro empates e cinco derrotas.

Após a primeira rodada, o Grupo B do quadrangular tem o Volta Redonda e o Remo como líder e vice-líder, respectivamente, ambos com três pontos somados. Botafogo e São Bernardo seguem logo atrás na terceira e quarta posição, sem pontos conquistados. O outro confronto da segunda rodada acontece amanhã, às 20h, quando o Leão-Azul visita o Tigre do ABC no Primeiro de Maio.

Retrospecto

De acordo com o site ogol.com.br, o Belo e o Voltaço realizaram oito jogos oficiais ao longo da história. Foram quatro vitórias do Volta Redonda, dois triunfos do Botafogo e dois empates. Os sete últimos duelos ocorreram pela Série C. Nesta temporada, os clubes já estiveram frente a frente, ainda na primeira fase, quando o time da Paraíba venceu por 3 a 1 fora de casa, o confronto foi válido pela quarta rodada.

Reencontro

Na temporada 2023, as equipes também estiveram no mesmo grupo da segunda fase. O Alvinegro perdeu as duas partidas. No dia 10 de setembro, no Raulino de Oliveira, o Volta Redonda fez um placar de 2 a 1, Ítalo e Marcos Vinicius marcaram para os mandantes e Luisinho descontou para o Botafogo.

Na partida de volta do quadrangular, no dia 30 de setembro, pela quinta rodada, no Estádio Almeidão, o clube da Cidade do Aço venceu novamente. Os visitantes repetiram o placar do jogo de ida daquela fase. Samuel Granda e Hugo Borges fizeram os tentos do triunfo do time do Rio de Janeiro. Pipico descontou para o time pessoense.

Vitória na estreia

Um levantamento feito pelo Jornal O Liberal, de Belém-PA, aponta que vencer na estreia do quadrangular não significa garantia de acesso. Os números são um alento para os torcedores do Botafogo, que vivem um momento de desconfiança em relação ao desempenho da equipe. Eles viram o time fazer uma campanha histórica na primeira fase e, em seguida, tropeçar diante do Remo na estreia da segunda fase.

De acordo com os números, desde que a Terceira Divisão adotou o quadrangular, em 2020, dos 16 clubes que alcançaram o acesso apenas seis venceram na primeira rodada, ou seja, menos de 50%. Ituano-SP e Tombense-MG, em 2021; Botafogo-SP, ABC-RN e Vitória, em 2022; e o Brusque, em 2023, estrearam com triunfo e ascenderam à Segunda Divisão.

Na primeira edição, Remo, Londrina-PR, Vila Nova-GO e Brusque-SP foram os clubes que garantiram o acesso. Naquele ano, nenhuma dessas equipes venceram na primeira rodada. Em 2024, no Grupo B, Remo e Volta Redonda saíram vitoriosos na estreia, enquanto no Grupo C, somente o Athletic Club ganhou.

HUMBERTO COZZO

Uma estética que busca a modernidade

Destaque nacional no começo do século 20, escultor paulistano deixou marcas no espaço público da Paraíba

Foto: Roberto Guedes

Detalhe do mausoléu do ex-interventor, Anthenor Navarro, no Cemitério Senhor da Boa Sentença, na capital

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

O Altar da Pátria, monumento situado na Praça João Pessoa, na capital, é a obra mais conhecida de Humberto Cozzo na Paraíba, mas ela não é a única. O mausoléu do ex-interventor, Anthenor Navarro, no Cemitério Senhor da Boa Sentença, e o busto do poeta Augusto dos Anjos, localizado no Parque Solon de Lucena, também estão na lista. Campina Grande, no entanto, recebeu a primeira obra do artista: a escultura de João Pessoa, hoje encontrada na Praça Coronel Antônio Pessoa, no Centro.

A escolha de Cozzo, nome que já despontava nacionalmente nas artes plásticas, para levar adiante a homenagem da Paraíba ao presidente João Pessoa, foi feita por meio de concurso, mas certamente também pesou na decisão o trabalho já realizado para o primeiro mausoléu do político paraibano no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro.

“O monumento tem 10 metros de altura, é todo talhado em mármore de Petrópolis. As figuras e o baixo relevo de bronze já estão todos fundidos. A estátua de João Pessoa, já estando quase concluída, deve seguir muito breve para a Parahyba, onde será montada na praça principal da cidade, sob as vistas do próprio escultor”, noticiava **A União**, na edição de 29 de dezembro de 1932.

“Fui à Parahyba estudar o local onde vai ser erigido o monumento e colher impressões sobre João Pessoa. O monumento, por isso mesmo, está de acordo com os motivos ornamentais da praça onde vai ser erigido. A praça é arborizada com lindas palmeiras: o monumento, por isso, tem linhas verticais, de grande simplicidade e elegância”, expressava-se o próprio Cozzo na mesma reportagem, em alusão ao homenageado da obra, inaugurada há exatos 91 anos, em 8 de setembro de 1933, com a presença do então presidente Getúlio Vargas.

Humberto era nome artístico de Bartolomeu, que manteve apenas o sobrenome Cozzo. Nascido em 1900, o escultor paulistano formou-se pelo Liceu de Artes e Ofício de São Paulo aos 20 anos e, como discípulo de Amadeu Zani, autor de importantes monumentos naquela cidade, conquistou diversos prêmios. Ganhou relevância nacional, sobretudo, com a Revolução de 1930, período caracterizado por uma intensa efervescência cultural e por homenagens em esculturas a pessoas relevantes, especialmente políticos.

O artista e pesquisador paraibano, Maycon Albuquerque, especialista em História da Arte, destaca que as esculturas de Cozzo se inserem num contexto de industrialização das cidades brasileiras e das manifestações modernistas. “Foi nesse ambiente, mesmo diante de propostas políticas reformistas do liberalismo, que se concebeu a escultura denominada *O Altar da Pátria*. Essa obra

exemplifica o estilo *art déco*, caracterizado por suas linhas geométricas e uma estética que busca a modernidade”, esclarece.

O monumento, localizado na Praça João Pessoa, é formado por quatro grupos de estátuas alegóricas e simétricas em bronze, assentados sobre uma base retangular de granito. A figura de João Pessoa fica em frente ao Palácio da Redenção, enquanto na face leste se destaca uma figura alegórica empunhando a bandeira da Paraíba, com o braço direito estendido em sinal de protesto e, abaixo, a palavra “Nego”. Ao sul, uma figura alada guiando dois indivíduos com características másculas que sustentam uma bigorna e representam a “Ação”, e no lado norte, dois combatentes também conduzidos por uma figura alegórica, simbolizam o “Civismo”.

A obra de Humberto Cozzo no mausoléu de Anthenor Navarro, localizada no bairro do Varadouro, é igualmente emblemática. Ela mistura estilos como o *art déco*, na base, onde é possível identificar a asa de um avião, em referência ao falecimento do ex-interventor, ocorrido em um acidente aéreo na Bahia, com *art nouveau*, na figura de um anjo ao topo, combinando elementos ornamentais com simbolismos de reverência e luto. “A delicadeza dos detalhes e a fluidez das formas trazem uma poética para o espaço, refletindo a habilidade do artista em transformar a percepção da morte em um tributo à vida”, pontua Albuquerque.

A professora de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Maria Helena de Andrade Azevedo, tem estudado o patrimônio cultural em espaços públicos e recorda

que até se chegou a propor a retirada da escultura de dentro do cemitério para ser colocada numa praça, mas como a obra é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep) desde 2002, o conselho da entidade foi acionado e não indicou a mudança de local.

“A intenção era dar visibilidade a uma obra muito bonita que só é vista se alguém adentrar ao cemitério”, acrescenta a arquiteta. Ela explica que, de acordo com a teoria do restauro, que orienta as intervenções de arte em edifícios antigos, por exemplo, a única justificativa plausível para que uma obra seja retirada do lugar para o qual o artista a criou seria numa situação na qual ela esteja ameaçada de desaparecer.

A outra obra de Cozzo na capital é um busto do poeta Augusto dos Anjos, no Parque Solon de Lucena. De menor porte, a escultura por pouco não ficaria esquecida no ateliê do artista. A história foi recuperada pelo cronista Gonzaga Rodrigues: “O estado, em meado dos anos 40, prometera patrocinar a obra escultórica sugerida pela Academia de Letras e a Associação Paraibana de Imprensa. Como demorasse muito, o jornalista Waldemar Duarte foi ao atelier de Cozzo. E a encontrou já empoeirada a um canto, à espera do pagamento. O escultor se comoveu a tal ponto com o desengano do interessado que abriu mão do pagamento, deixando que o nosso Duarte embarcasse de volta com seu belo feito. A API de José Leal arranjou o pedreiro, e outro poeta, que não disse o nome, plantou ao lado o tamarindo que representa, no parque, o original do Engenho Pau d’Arco”.

Arte em locais públicos

Mesmo com a influência de governos totalitaristas que utilizavam monumentos como instrumento de propaganda política, o historiador Maycon Albuquerque reconhece a importância desse tipo de expressão pública como forma de democratizar o acesso à arte, sobretudo, em locais de grande circulação. “É, sem dúvida, uma ferramenta essencial, especialmente para aqueles que não costumam frequentar museus de arte ou que, por insegurança ou sensação de não pertencimento, evitam esses espaços”.

Maycon Albuquerque também lembra que a capital paraibana possui uma legislação que exige a inclusão de obras de arte em edificações com metragem acima de um limite específico, mas nem sempre ela é cumprida, resultando na instalação de obras sem a devida relevância ou qualidade.

Do ponto de vista urbanístico, Maria Helena Azevedo também ressalta os benefícios da presença da arte nas ruas para a qualidade de vida dos moradores da cidade. “Em geral, as esculturas demandam espaços verdes e arborizados no seu entorno. Desta forma, a obra de arte no espaço público torna as ruas e praças mais atrativas ao convívio e à permanência das pessoas”.

Obras pelo Brasil

Humberto Cozzo também possui importantes obras em outras capitais brasileiras, a exemplo de Fortaleza, Curitiba e Rio de Janeiro. Na capital cearense, o monumento em homenagem a José de Alencar, feito em *art déco*, foi inaugurado em 1929, por ocasião das comemorações do centenário de nascimento do autor, na praça que também recebe o nome do escritor.

Em Curitiba, uma imensa estátua de uma mulher nua representando a Justiça, gerou polêmica e foi até impedida de ser exposta. A encomenda, feita em parceria com o artista Erbo Stenzel para a inauguração de uma praça em homenagem ao centenário da emancipação da província do Paraná, incluía também a estátua de um homem nu, em tamanho semelhante. Esta última foi bem recebida e colocada na praça como sinal da grandeza do povo paranaense, enquanto a da mulher foi recusada, sob a alegação de ofender a moral e os bons costumes da sociedade da época. A obra permaneceu escondida nos fundos do Palácio do Governo até 1972, quando finalmente foi colocada na praça.

No Rio de Janeiro merecem referência o monumento a Machado de Assis, no pátio da Academia Brasileira de Letras (ABL), e a estátua de São Francisco de Assis em silhueta, localizada na entrada lateral da Catedral de São Sebastião. As obras no interior do templo, que englobam também painéis em baixo relevo e as estátuas sacras esculpidas em granito de São Sebastião, patrono principal, e Sant’Ana, patrona secundária, foram as últimas do artista paulistano, que faleceu na capital fluminense, em 1981.

Há exatos 91 anos, era inaugurado “O Altar da Pátria”, monumento no estilo “art déco” localizado na Praça João Pessoa e formado por quatro grupos de estátuas alegóricas em bronze

Foto: Roberto Guedes

Juanita Machado

Figura expressiva dos ideais feministas na PB

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojorja@gmail.com

A atuação de Juanita Machado na sociedade e na imprensa do estado é tão expressiva que alguns pesquisadores creditam a ela a naturalidade de paraibana. A professora, que inscreveu seu nome na luta pelos direitos da mulher na sala de aula, nos jornais e nos livros, deixou escrita sua origem numa das páginas de **A União**: “Eu, venerandíssimo patriótico, fui educada desde a idade de seis anos em um internato de irmãs salesianas, filhas de Maria Auxiliadora; lá continuei como pensionista quando tive de entrar para um curso superior, tendo para acompanhar-me uma governanta, escolhida pelas próprias irmãs; isto em São Paulo, minha gloriosa terra natal!”.

Esse trecho é parte de um artigo de Juanita em resposta às críticas de um certo Sr. Gil, publicadas na imprensa local. “Quero satisfazer a curiosidade de V. Exa. sobre a opinião que tenho da mulher moderna vista pelos *avancadistas* de nossa época”, escreve. E continua, demonstrando destreza e conhecimento: “Há, talvez, em vossa pergunta, uma pontinha de malícia irônica de um Sócrates risonho. Eu vos direi com as palavras de Platão que faço minhas: O fundo permanente no ser humano é a consciência”.

Juanita recorreu à sua formação católica para defender uma educação capaz de ensinar às mulheres a ciência do bem e do belo, “sem artifícios espirituais e intelectuais”, “sem absurdos inconscientes”, fa-

zendo delas as “esplêndidas mulheres fortes de que fala o Evangelho; tão do agrado de V. Exa., com a vantagem de fazê-las conscientes de seus deveres e direitos, sem medo... as baratas, e sem chiques...”.

São poucas e imprecisas as informações de quando Juanita Machado chegou à Paraíba. Ela teria vindo do extremo Norte do país após a morte do marido, o capitão de fragata Olavo Machado. Durante a estadia na região amazônica, escreveu o livro *Terra Cabocla*, publicado em 1928, reunindo lendas amazônicas e contos, obra que foi bem-recebida pela crítica da época.

“Nos círculos literários do Norte, Juanita Machado é um nome de larga projeção. Como escritora, ela distingue-se pela facilidade com que aborda o conto, o ensaio crítico, a novela, o artigo de jornal, a poesia etc., revelando sempre as suas excelentes características”, destacava uma edição de outubro de 1929 do *Semanário Fon Fon*, do Rio de Janeiro, anunciando a obra da autora.

As apreciações do livro de Juanita Machado sublinham o estilo da narrativa. Num dos trechos do livro retomado pela crítica, já era possível perceber o potencial da autora, que não poupava em ser ousada na escrita: “O povo da Amazônia, o contrário do que supomos nós, os do Sul, é um povo de altos ideais, de uma energia prodigiosa, de uma fé arrogante, não envenenada ainda pelo esnobismo e vícios derivados do viver dinâmico e superficial e da vida de afogadilhos dos grandes centros. A família brasileira, com todas as suas virtudes domésticas e civis, é aqui mais brasilei-

ra. Aqui sente-se, compreende-se, ama-se melhor o nosso Brasil, porque a alma do Brasil é nortista. Que protestam os homens do Sul, contra esta senhora sulista que não hesita em proclamar a brasilidade mais acentuada das gentes do Norte”.

Em João Pessoa, os primeiros registros de Juanita Machado na imprensa fazem referência à criação da Associação Paraibana pelo Progresso Feminino (APPF), fundada em 1933. Numa festa promovida pela recém-criada entidade, em homenagem ao interventor Gratuliano Brito e outras autoridades paraibanas, o discurso de Juanita, para além dos elogios e formalidades, soube dar seu recado: “Todas nós sabemos que a equidade social e jurídica da mulher, depende do grau de cultura de cada povo. Estamos certas, por isso mesmo, que essa equidade para nós, brasileiras, não será adquirida sem lutas e sem riscos. Um vento continuará a sacudir a árvore tuberosa do feminismo; mas na fúria iconoclasta, só o que for frágil e velho cairá da copa da fronde, de modo que o próprio excídio fará a seleção”.

A oradora terminaria seu discurso conclamando a elite paraibana a apoiar a causa da organização das mulheres, pois “elevar a mulher é preparar com inteligência a geração futura”, especialmente a imprensa, também homenageada no evento. Aos jornalistas presentes, Juanita destacou também seu papel como “clarim da mentalidade de um povo”, “marco luminoso de propagação de todos os surtos de progresso” que leva “o facho das civilizações por esse mundo a fora”.

Foi graças a esse apoio que a APPF conseguiu espaço quinzenal no Jornal **A União**, pela *Página Feminina*, na qual mulheres como Olivina Olívia, Albertina Correia Lima, Lylia Guedes, Beatriz Ribeiro e Juanita Machado divulgavam textos literários e informativos de interesse feminino, além de notas sobre expressões artísticas das associadas. Muitos artigos não tinham autoria informada ou eram registrados pelas letras iniciais.

Usando o discurso dominante

Segundo a historiadora Simone da Silva Costa, que pesquisou o papel da Igreja Católica no combate ao movimento feminista e na construção de uma identidade feminina nas primeiras décadas do século 20, poucas mulheres tinham a coragem de assumir uma posição de reivindicação nos escritos da imprensa, introduzindo neles questões sobre as conquistas e os direitos das mulheres de forma sutil e esporádica.

“A esporádica publicação de artigos que apresentavam a evolução social da mulher de forma positiva contrastava com a frequência de artigos sobre festas e ações beneficentes organizadas pela associação, com o propósito de cumprir uma obrigação que cabia a toda a sociedade feminina e a toda aquela que se dizia cristã”, avaliou a pesquisadora em seu trabalho de doutorado.

A historiadora considera Juanita Machado como uma das figuras mais expressivas dos ideais feministas na Paraíba no início do século 20, apropriando-se de elementos do discurso dominante para dar legitimidade ao ideal que defendia.

“Os argumentos do discurso cristão utilizados nos textos de Juanita Machado como instrumento legitimador das práticas “feministas” na Paraíba representam uma resistência ao discurso dominante marcado pela apropriação de um recurso permitido para subverter a relação de dominação e possibilitava o desenvolvimento de suas atividades atendendo às peculiaridades de um contexto marcado por uma cultura tradicional em que não cabiam ao segmento feminino largas expressões de reivindicação”, escreve Simone da Silva Costa.

Portadora de uma brilhante oratória, Juanita também seria a escolhida por ocasião da inauguração do monumento em homenagem a João Pessoa, em setembro de 1933, falando diante das autoridades locais e do presidente Getúlio Vargas. Ela procurou ocupar espaços por meio da educação, da política e da imprensa.

Em busca da memória

Em 1934, ano de promulgação de uma nova Constituição que incorporava o voto feminino como facultativo, Juanita Machado transfere-se para o Recife. Na capital pernambucana, nós a encontramos novamente na luta pelo progresso feminino, integrando a Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino (FPPF) e, como primeira secretária da entidade, sendo a sua porta-voz na imprensa local. Segundo a historiadora Emelly Facundes, que investigou as faces do feminismo em Pernambuco na trajetória da FPPF, “Juanita tinha um tom mais ácido em suas críticas sobre a condição feminina, chegan-

do a falar que, na história do mundo, as mulheres governavam melhor que os homens”.

Na *Página da Mulher*, do *Diário da Manhã*, de Pernambuco, a escritora abordou questões como a “imbecilização” das mulheres que levavam, incentivadas pelos homens, um modo de vida fútil, cheio de frivolidades, valorizadas como “rainhas”. Em outra oportunidade, escrevendo sobre a mulher e o celibato, chega a afirmar existir dois tipos de mulheres celibatárias: as que desejavam o matrimônio, mas por privação, não o fizeram, e as que nunca desejaram, nem mesmo nunca pensaram em se casar. Juanita ainda critica, com habilidade sutil nas palavras, os relacionamentos nos quais as mulheres se mantêm por comodismo ou pressão social da família.

De volta à Paraíba, em 1937, Juanita Machado volta a atuar na Associação Paraibana pelo Progresso Feminino, ministrando aulas de declamação na Escola Normal. Seu interesse pela educação faz surgir outra obra, o livro *Tentologia*, que, segundo Mario Dalva, na coluna de **A União**, de 23 de março de 1938, “está bem pensado e bem-feito, sendo destinado aos estudiosos dos problemas do ensino no país”. O colunista destacou também a visão pedagógica da intelectual em propor o teatro como metodologia para o ensino: “Este seu último livro vem nos mostrar, além do mais, quanto seu espírito tem preocupações altas e sólidas, no tocante aos problemas fundamentais do país”.

Infelizmente, depois de várias semanas de pesquisa, esta matéria não conseguiu o registro de nascimento e de morte da Juanita Machado. Apesar da constante busca, sempre é muito difícil ter personagens mulheres nesta seção, o que pode indicar um possível “apagamento” da memória dessas forças femininas, que edificaram os caminhos da luta por direitos igualitários em uma sociedade “patriarcal”. Uma das missões de *Quem Foi?* é não deixar isso acontecer.

Juanita Machado



Professora inscreveu seu nome na luta pelos direitos da mulher na sala de aula, nos jornais e nos livros; era uma das colaboradoras na coluna “Página Feminina”, publicada quinzenalmente pelo Jornal A União

Angélica Lúcio

O leitor não tem muito tempo: escreva menos e de forma simples

Na década de 1970, o economista, psicólogo e cientista político alemão Herbert Simon criou o conceito de economia da atenção. Tal termo — mais em alta atualmente por causa do *coach-influencer* candidato a prefeito em São Paulo — considera que a atenção humana é um bem escasso. Desse modo, trata-se de uma mercadoria e pode ser capitalizada como qualquer outro bem.

O mundo mudou muito, graças às inovações tecnológicas e à internet, e a economia da atenção passou a ser levada em consideração por muita gente. Todos querem um instante que seja do tempo alheio. Se for nas redes sociais, então, o maior pesadelo de quem produz conteúdo é descobrir que o usuário foi de “arrasta para cima”, ou seja, não deu a menor bola para o que se publicou e saiu rolando o feed, em busca de algo mais interessante.

A maioria dos leitores vive atualmente em um estado de “atenção parcial contínua”. Na verdade, não está dando a devida atenção ao que lê, vê ou escuta, porque acredita que pode ser multitarefa. Isso significa que boa parte do público ignora totalmente a legenda feita

com tanto esmero no Instagram, a notícia no portal ou a coluna no jornal impresso.

Para os autores do livro *Brevidade Inteligente*, Jim VandeHei, Mike Allen e Roy Schwartz, mesmo quando estão olhando para as palavras que você escreveu, muitos leitores não estão prestando atenção. Isso porque os jornalistas continuam ignorando algo básico: menos é mais.

Bem, se a atenção de todo mundo é cada vez mais escassa, o que fazer? Se você é um profissional de texto, comece escrevendo títulos simples e mais diretos — e isso não é uma invenção minha. Uma pesquisa publicada por Hillary C. Shulman, David M. Markowitz e Todd Rogers, na revista científica *Science Advances*, mostra que títulos claros e simples aumentam o engajamento e os cliques em notícias, em comparação com títulos que usam linguagem complexa.

No estudo, leitores típicos de notícias preferiram manchetes simples em vez de complexas. Curiosamente, os pesquisadores descobriram que as pessoas que escrevem as manchetes, os próprios jornalistas, vão pelo caminho oposto.

A pesquisa sugere que aqueles que escrevem as notícias po-



Foto: Reprodução/Facebook

Alemão Herbert Simon, criador do conceito de economia da atenção

dem lê-las de forma diferente de quem as consome. E aí, recorde-me de algo que já ouvi muito por aí: jornalistas escrevem para eles mesmos. Para os pesquisadores, simplificar a escrita pode ajudar os veículos de notícias a se tornar mais competitivos no contexto de economia da atenção on-line.

Em resumo: adotar uma linguagem simples pode tornar as notícias mais acessíveis aos leitores, seja em plataforma on-line (alvo da pesquisa) ou impressa. Em meio à disputa acirrada pela atenção alheia, em que informação de qualidade compete diretamente com *clickbait* e desinformação, notícias escritas de forma mais simples

e títulos mais diretos têm maior probabilidade de atrair o olhar (e clique) do público. A atenção é uma commodity escassa, já dizia Herbert Simon tempos atrás. Assim, quanto menos esforço o leitor tiver de fazer para entender seu texto, mais se sentirá atraído.



Em tempo — Meu agradecimento ao leitor Herbert Ramalho que leu meu artigo da semana passada (*Queridos, encolheram a Folha de S.Paulo!*). Herbert não apenas dedicou parte de sua atenção à leitura do texto, como reservou alguns minutos para me enviar uma mensagem por e-mail, opinando sobre o tema. Assinante deste jornal, ele considera que “são favas contadas o fim dos jornais impressos”. Diz que o **Jornal A União** é útil e gosta das edições de terça a sábado, menos de domingo. Lê mais as notícias e menos os artigos, crônicas, opinião etc., “porque demoraria a leitura do jornal, no qual gasta de 30 minutos a uma hora por edição”. Como você, Herbert, também sei que o fim do jornal de papel é uma certeza. Enquanto isso não ocorre, espero tê-lo aqui como leitor.

Tocando em Frente

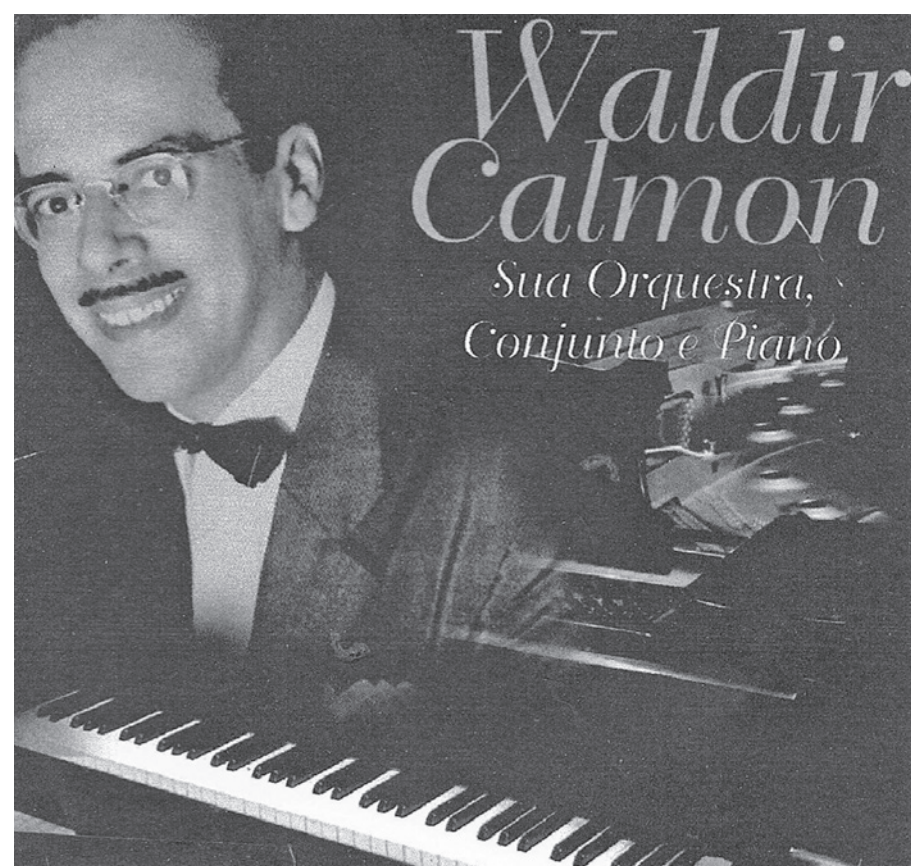
Os Instrumentistas da MPB – I

Waldir (Gomes) Calmon (Rio Novo, Minas Gerais, 1919 — Rio de Janeiro, 1982) — Não nos causa surpresa o fato de que alguns audiófilos já não se lembrem dele. Pianista, compositor, arranjador musical, recebeu os primeiros ensinamentos de teclado com a mãe, ainda criança, embora o que pretendesse mesmo fosse ser cantor, tendo chegado, ainda no começo da juventude, em Juiz de Fora, Minas Gerais, onde fora estudar, a exercer o papel de crooner em conjunto por ele formado e composto de baixo, piano, bateria, trompete e sax. Ele, além do piano, cantava no estilo e com o repertório do já consagrado Orlando Silva.

Aos 17 anos, buscando a realização no campo da música, foi para o Rio de Janeiro onde se aproximou de Benedito Lacerda por meio de cuja indicação passou a apresentar-se nas emissoras Rádio Guanabara e Transmissora, primeiramente como cantor e, depois, como pianista. Daí, após ser reconhecido pelo seu talento, passou à Rádio Cruzeiro do Sul, com o objetivo de acompanhar os cantores que se apresentavam em programa de auditório — *Nosso Programa* —, sob a direção de Ataulfo Alves.

Com a morte da mãe, decidiu por abandonar a vida artística, passando a trabalhar por algum tempo como bancário.

Após servir ao Exército, optou, por retornar às atividades artísticas, convidado que fora pela atriz Eva Tudor, para atuar, como pianista, nos intervalos dos espetáculos, nos antigos Teatro Rival e Serrador. Foi quando introduziu o instrumento que dominaria o cenário musical de meados dos anos 1940:



Capa do disco que traz as gravações mais representativas de Waldir Calmon

a combinação acoplada do solovox com o piano, uma prévia do que viriam a ser os futuros sintetizadores e demais teclados eletrônicos. Inaugurada a Rádio Globo, Calmon foi contratado pela nova emissora, passando a apresentar-se, em concomitância, na então famosa boate do Cassino Copacabana. Dada a repercussão de suas performances, também participava, esporadicamente, de eventos no Cassino Atlântica

de Santos, São Paulo. Extintos os cassinos, ele volta-se para as apresentações noturnas da boate Night and Day, onde permaneceu por oito anos ininterruptos.

A primeira gravação aconteceu em 1941, quando acompanhou Ataulfo Alves no 78 rpm “Leva meu samba” (Odeon), mas com o seu nome não sendo creditado. Oficialmente, o seu primeiro disco somente aconteceu, em 1951, pela gravadora Star, de que se originou

a Copacabana Discos: “Por quanto tempo?” (de Don Al Bibi e Mariano Pinto).

O ano de 1952 vai encontrá-lo como convidado da TV/Rádio Tupi, do Rio de Janeiro, quando o seu estilo dançante começava a ser conhecido pelo país afora. Surgem então as gravações que se tornaram a sua marca registrada: músicas para dançar. Daí é que nasceram os LPs seriados: *Ritmos Melódicos* — vols. 1 e 2 —, e *Feito para dançar* — vols. 1 a 12 —, à média de um por ano. Um dos discos desta última série chegou a ganhar o ambicionado “Disco de Ouro”.

O prestígio e a aceitação musical do seu estilo o fazem deixar a Night and Day e criar a sua própria boate, a celebrada e, ainda hoje, lembrada Arpège, que absorveu o seu tempo, quase integral, de 1955 a 1967, tendo lhe proporcionado a gravação de uma série de mais quatro LPs — *Uma Noite do Arpège* — vols. 1 a 4.

Duas curiosidades: Calmon chegou a gravar, ao piano, “Rock Around the Clock”, surgindo daí o futuro estilo sambalango, cultivado pelos bossa-novistas, como, por exemplo, Jorge Ben (for); a segunda, apenas para lembrar que é dele o arranjo e a execução do tema do antigo Canal 100, quando, nas telonas cinematográficas, pelos fins dos anos 1950, anunciava-se o noticiário esportivo. Ao som de “Na Cadência do Samba” (de Luiz Bandeira — “Que bonito é!...”), acostumamo-nos a ouvir o piano dele, que continua enfeitando as resenhas esportivas do imenso país.

Até os seus últimos dias, continuou afeiçoado aos seus instrumentos: piano acústico, solovox e sintetizadores.

angelicallucio@gmail.com

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

“CLAUDE”

Alexa usará IA como novo “cérebro” da versão paga

Modelo com “chatbot” da Anthropic tem previsão de lançamento para outubro

Sabrina Brito
Agência Estado

Em outubro, a Amazon lançará sua Alexa mais poderosa até o momento. A assistente de voz será baseada no modelo de inteligência artificial Claude, de acordo com cinco fontes consultadas pela Reuters. A ideia seria cobrar de US\$ 5 a US\$ 10 pela nova versão da Alexa, enquanto a versão clássica permanecerá gratuita.

Vale lembrar que, embora a versão mais poderosa da Alexa possua uma etiqueta, o serviço, até agora, nunca foi pago.

O Claude, chatbot de inteligência artificial (IA) da Anthropic, chegou oficialmente ao Brasil no começo do mês de agosto. A partir de então, ele pôde ser acessado em português pelos usuários do país.

De acordo com Mike Krieger, brasileiro que ocupa o cargo de diretor de Produtos da Anthropic, o diferencial do chatbot é que ele seria um pouco mais “amigável” do que seus concorrentes.



Um dos objetivos da assistente de voz turbinada com inteligência artificial é ser capaz de manter conversas de forma cada vez mais avançada

Foto: Divulgação/Adobe Stock

A opção por escolher um modelo de IA de outra empresa veio quando versões iniciais da Alexa usando softwares desenvolvidos pela Amazon demoravam demais para reconhecer ou responder a comandos. Assim, usar uma inteligência artificial já estabelecida apresentou-se como uma escolha mais favorável.

“A Amazon utiliza diversas tecnologias diferentes na Alexa”, afirmou uma porta-voz da empresa, em um comunicado à Reuters. Assim, a ideia seria usar diversos modelos diferentes, inclusive aqueles criados pela própria Amazon.

Não se trata da única empresa a buscar ajuda em outro lugar quando o assunto é inteligência artificial. A Apple, por exemplo, anunciou na conferência WWDC 2024 que

firmou uma parceria com a OpenAI para turbinar a sua IA com o ChatGPT.

A ideia é que, a partir do lançamento da nova Alexa, a assistente de voz seja capaz de manter conversas de forma cada vez mais avançada. Desse modo, a versão paga poderia conseguir agregar notícias e bus-

car conselhos de compras. Além disso, ela seria capaz de pedir delivery de comida ou redigir e-mails.

Segundo as fontes consultadas pela agência de notícias, os planos da Amazon para a Alexa podem ser atrasados ou alterados a depender do desenvolvimento da tecnologia.

Escolha

Opção por IA de outra empresa veio quando softwares desenvolvidos pela Amazon demoravam demais para responder a comandos



Imagem: Pixabay

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: caminho (2) = via + que conduz (2) = duto. Solução: estrada sobre a qual passam os carros (4) = viaduto. Charada de hoje: Anda sem rumo (2), espalhando sua luz (2), o pirilampo (4).

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Desvelândia

Jorge Resende / Tônio



Eita!!!!

“Hellboy e o Homem Torto”

Baseado no popular personagem Hellboy (imagem acima), publicado nos EUA pela Dark Horse Comics (Editora Mythos, no Brasil), criado por Mike Mignola, o longa-metragem que estreou nesta semana no Brasil é um novo começo. O filme *Hellboy e o Homem Torto* se passa na década de 1950. Enquanto está completando uma missão para o Departamento de Pesquisas e Defesa Paranormal, o demônio protagonista (desta vez vivido por Jack Kesy) para em um sombrio vilarejo por acaso. Ele e a parapsicóloga Bobbie Jo (Adeline Rudolph) encontram bruxas e o Homem Torto do título, um espírito que corrompe almas puras em troca de uma moeda de cobre. Dessa vez, Hellboy enfrenta segredos enterrados de seu próprio passado, levando-o a uma batalha contra forças malignas que ameaçam desencadear o caos sobre o mundo.

Produção modesta

Com apenas 20 milhões de dólares de orçamento, o filme é dirigido por Brian Taylor, conhecido por seu trabalho em *Adrenalina* (2006), com Jason Statham, e *Ghost Rider: Espírito de Vingança* (2011), a segunda (e igualmente fracassada) tentativa de Nicolas Cage encarnar o personagem demoníaco da Marvel. O roteiro é assinado pelo diretor, o próprio criador do personagem, Mike Mignola, e Christopher Golden, parceiro criativo em várias das HQs do personagem. Misturando terror, comédia e fantasia, Hellboy teve duas produções dirigidas por Guillermo Del Toro (em 2004 e 2008), com Ron Perlman no papel principal, e um reboot fracassado em 2019, com David Harbour (o policial Jim Hopper na série *Stranger Things*) como o protagonista. Essa nova versão cinematográfica carrega um tom mais sombrio.

Nos quadrinhos

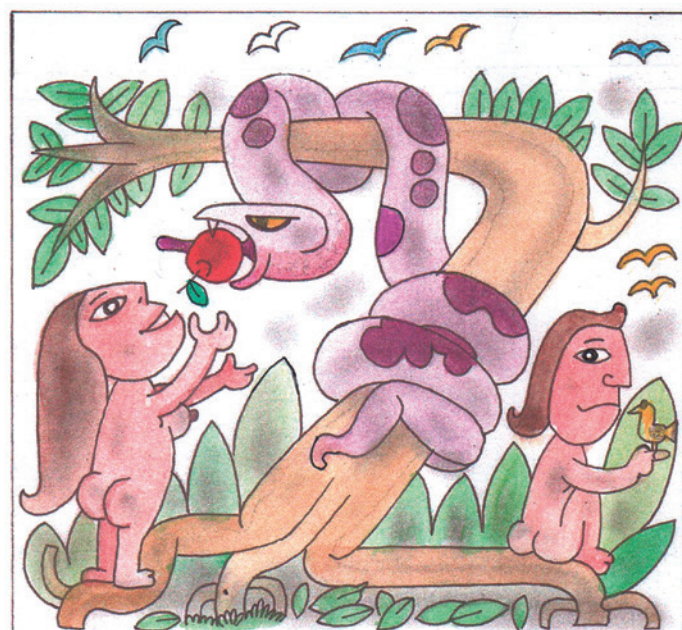
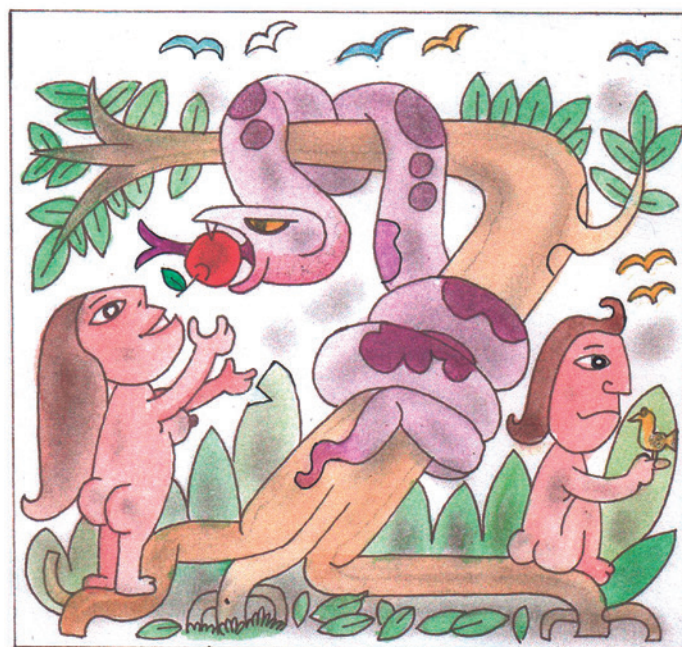
O novo filme é baseado na história em quadrinhos homônima, que foi lançada originalmente em 2008, nos Estados Unidos, em uma minissérie em três partes, com roteiro de Mignola e arte do artista ícone do *underground* Richard Corben (1940-2020). No Brasil, foi publicada um ano depois, no encadernado *Hellboy: A Capela de Moloch e O Vigarista*, ganhando republicações nas coletâneas *Hellboy — Edição Histórica* nº 10 (2019) e *Hellboy Omnibus — Histórias Curtas* nº 1 (2021), todas pela Editora Mythos.

Ficaram de fora

Hellboy e o Homem Torto não conta com coadjuvantes importantes na mitologia do personagem que estão nos quadrinhos e participaram das duas produções dirigidas por Guillermo Del Toro: a pirocinética Liz Sherman, a namorada de Hellboy, e o anfíbio humanoide Abe Sapien.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 – língua da cobra; 2 – olho do Adão; 3 – folha da maçã; 4 – cabeça do Adão; 5 – folha; 6 – péssimo; 7 – mancha na cobra; 8 – galho; e 9 – raio da cobra.